

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS
SOCIAIS

HÉLIDA LOPES DA SILVA

PERCEPÇÕES DO SER JOVEM NO TITANZINHO:
UMA ANÁLISE DA AUTOIMAGEM JUVENIL EM
FORTALEZA/CE

NATAL-RN
2014

HÉLIDA LOPES DA SILVA

PERCEPÇÕES DO SER JOVEM NO TITANZINHO:
UMA ANÁLISE DA AUTOIMAGEM JUVENIL EM
FORTALEZA/CE

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Josimey Costa da Silva.

NATAL- RN
2014

UFRN / Biblioteca Central Zila Mamede
Catalogação da Publicação na Fonte

Silva, Héli da Lopes da.

Percepções do ser jovem no titanzinho: uma análise da autoimagem juvenil em Fortaleza/CE / Héli da Lopes da Silva. – Natal, RN, 2014.
121 f. : il.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Josimey Costa da Silva.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

1. Comunicação de massa - Influência - Adolescente - Tese. 2. Violência - Dissertação. 3. Jovens - Dissertação. 4. Surfistas - Dissertação. 5. Titanzinho - Dissertação. I. Silva, Josimey Costa da. II. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. III. Título.

RN/UF/BCZM

CDU 659.3-053.6

HÉLIDA LOPES DA SILVA

PERCEPÇÕES DO SER JOVEM NO TITANZINHO:
UMA ANÁLISE DA AUTOIMAGEM JUVENIL EM
FORTALEZA/CE

Dissertação de Mestrado apresentada ao
programa de Pós-Graduação em
Ciências Sociais da Universidade
Federal do Rio Grande do Norte- UFRN,
como requisito parcial para obtenção do
título de Mestre em Ciências Sociais.

Orientadora: Josimey Costa da Silva.

Data da defesa: _____

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Dr^a. Josimey Costa da Silva (Orientadora)

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Prof^a. Dr^a. Irene Alves Teixeira

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Prof. Dr. Hermano Machado Ferreira Lima (Externo)

Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Alexsandro Galeno Araújo Dantas (Suplente)

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

*À memória de minha avó, Odília Lopes,
pelo terno amor e carinho; À minha mãe,
Graça Lopes, com quem aprendi a sonhar
e, acima de tudo, a lutar pelo sonho; por
sua dedicação, que fez de mim seu motivo
de luta; pelo amor imensurável e por seu
exemplo de força, fé e perseverança.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter sido meu suporte espiritual, onde nos momentos de fraqueza e angústia pude renovar as forças, por sua onipresença e onipotência, pelas graças recebidas, por sua misericórdia e bênçãos, por me amar e cuidar de mim.

Agradeço à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pela concessão da bolsa durante todo o período de realização deste mestrado.

À Maria das Graças, minha amada Mãinha, por ter me criado com tanto esforço e por ter feito da minha educação sua principal meta de vida; que com sua luz, força, garra e temor a Deus me sustentou nos meus momentos difíceis e, através de suas orações, me ajudou a perseverar.

Ao Glauber Saul, pelo companheirismo, por ter me acompanhado em campo todas as vezes que necessitei, oferecendo apoio econômico e psicológico. Pelos abraços que me acalmavam durante os meus momentos de fraqueza, por confiar em mim até nas vezes em que minha fê se mostrava pequena, pelas palavras de incentivo que tanto me ajudaram no decorrer desta pesquisa, pelas vezes que suportou meus piores momentos e enxugou minhas lágrimas, pelo sorriso de felicidade demonstrado durante minhas conquistas e por me fazer vivenciar cotidianamente o significado do verbo Amar.

À Josimey Costa, minha orientadora, por ter acreditado na minha capacidade de pesquisa, me ajudado e, literalmente, por ter me orientado durante os estudos, pela compreensão durante a construção deste trabalho e por seu exemplo de educadora.

À Sâmia Germana, peça fundamental dessa caminhada, pela amizade providencial, por ter me amparado com sua calma e sapiência, por ter se mostrado uma amiga quando mais necessitei, muito obrigada.

Ao Gleison Maia, um verdadeiro amigo, meu irmão, que durante toda caminhada sempre esteve comigo confiando no meu potencial e que com suas palavras me confortava e acalmava, por sua prestatividade, carinho recebido e amizade sincera. “Do começo até o fim.”

Aos amigos Bárbara, Diógenes e Guilherme, pelo cotidiano, pelos compartilhamentos de incertezas e esperanças, pelas conversas que alegravam meus dias, pelos momentos de descontração, por terem cotidianamente vivenciado comigo os anseios desta pesquisa, pelo crescimento mútuo e pelas boas recordações que guardarei para sempre.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, pela dedicação e formação intelectual.

Aos jovens surfistas do Titanzinho, por terem me acolhido durante a pesquisa e por acreditarem na transformação humana.

À memória de meu pai, Manoel Mariano, que por muitos anos foi meu anti-herói.

Enfim, a todos que de alguma maneira me ajudaram na realização deste trabalho e que fazem parte do meu campo de pessoas significativas. Minha mais sincera gratidão.

O Que Sobrou Do Céu

*Faltou luz, mas era dia, o sol invadiu a sala
Fez da TV um espelho refletindo o que a
gente esquecia*

*Faltou luz, mas era dia,
Faltou luz, mas era dia,*

*O som das crianças brincando nas ruas
Como se fosse um quintal
A cerveja gelada na esquina
Como se espantasse o mal*

*O chá pra curar esta azia
Um bom chá pra curar esta azia
Todas as ciências de baixa tecnologia
Todas as cores escondidas nas nuvens da
rotina*

*Pra gente ver, por entre prédios e nós...
Pra gente ver, o que sobrou do céu.*

(O Rappa)

RESUMO: O aumento das notícias midiáticas que abordam a violência urbana e a abundância de imagens sobre fatos violentos circulando nas mídias sociais tem permitido perceber a constância com que os jovens são protagonistas em casos de criminalidade ou são alvos das divulgações midiáticas com essa temática. Esses fatos constituem importante objeto de análise sociológico-antropológica para a compreensão da sociedade contemporânea da comunicação e do entretenimento de massas, pois suas transformações beneficiaram o aumento do consumo de bens simbólicos. A presente pesquisa tem por objetivo contribuir para refletir sobre de que forma a interação com as mídias pode favorecer a conformação social e/ou conflitos que se manifestam nas construções da autoimagem juvenil, suas atitudes e versões dos fatos da vida cotidiana, tendo como campo seis jovens surfistas nascidos e criados em uma comunidade marcada pelo estereótipo de “lugar de bandido”: o Titanzinho, em Fortaleza (CE). A metodologia da investigação é constituída por uma abordagem qualitativa com uso dos seguintes instrumentos: pesquisa de campo, aplicação de seis questionários semiestruturados, duas entrevistas provenientes dos questionários, conversas informais com moradores e observação direta. Utilizamos como base informacional materiais midiáticos *online* divulgados em dois jornais diários da cidade, quais sejam, Tribuna do Ceará e Diário do Nordeste, além da Revista TPM e dois *sites* relacionados ao esporte: *globoesporte.com* e *Ceará Surf*. Foram consultados um total de dezenove *sites* que, direta ou indiretamente, publicaram notícias referentes ao surfe, à violência, às drogas e às lutas do cotidiano no bairro Serviluz, onde se localiza a comunidade do Titanzinho. São analisadas as experiências de enfrentamento da condição de vulnerabilidade social expostas na mídia através do uso de imagens - incluído nelas o estigma de ser integrante de um grupo residente em lugar periférico -, no sentido de compreender de que forma tais experiências estão sendo formuladas pelos interlocutores da pesquisa. Com isso, tentamos identificar que novos significados estão sendo produzidos por eles sobre si mesmos e sobre o lugar em que vivem e de que forma os expressam, associando essas expressões com aquilo que eles desejam ver retratado e disseminado na mídia.

PALAVRAS-CHAVES: Violência; Jovens; Surfistas; Titanzinho; Internet.

ABSTRACT: The increase of the media news that approach the urban violence and the abundance of the image about violent facts circulating in the social media to permit realize the frequency with the young people are protagonists in crime cases or are targets of the disclosures of the media with that thematic. This facts constitute important object of the analysis sociological-anthropological to the understanding of the contemporary society of the communication and of the mass entertainment, because their transformations benefited the increase of the consumption symbolic goods. The present research has as purpose to contribute to reflect about what way the interaction with the media can to favor the social conformation and or conflicts manifest themselves in the juvenile selfimage constructions, their attitudes and versions of the facts of the everyday life, having as field of research six young surfers born and raised in on poor community marked by stereotypes of the “bandit place”: the Titanzinho, in Fortaleza (CE). The methodology of the research constitute by the qualitative approach, wich use of the following instruments: field of research, aplication of six questionnaires, semi structured, two interviews coming from of the questionnaires, informal conversations with residents and direct observation. We use how informational base materials of the media online disclosed in two daily news of the city, Tribuna do Ceará and Diário do Nordeste, and TPM magazine, two sites about sport: globoesporte.com and *Ceará Surf*. Nineteen sites in total were consulted that directly or indirectly published news about surf, violence, drugs and the everyday fighting in Serviluz, where the community is located. The experiences of confrontation are analysed of the condition of the socially vulnerable exposed in the media through the use of the image, including them the stigma to be integral part of the group of resident in periphery, understanding how that experiences are being made of interlocutors of the research. With it, we try to identify that new meaning are being produced by about themselves an about the place that they live and how they are expressed, associating that expressions with that wich they want see retracted and disseminated in the media.

KEYWORDS: Violence; Young; People; Surfers; Titanzinho; Internet

LISTA DE ABREVIATURAS

COVIO	Laboratório de Estudos em Conflitualidade e Violências.
CUCA	Centro Urbano de Cultura, Arte, Ciência e Esporte.
EBST	Escola Beneficente de <i>Surf</i> Titanzinho.
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente.
IPECE	Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceara.
IPOM	Instituto Povos do Mar.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa da localização do bairro na cidade de Fortaleza	14
Figura 2: Notícia sensacionalista sobre o Serviluz.....	16
Figura 3: Início da Av. Zezé Diogo na comunidade do Titanzinho	32
Figura 4: Av. Zezé Diogo, dentro da comunidade do Titanzinho	32
Figura 5: Imagem do percurso de deslocamento até o Titanzinho	34
Figura 6: Av. Leite Barbosa, principal rua de acesso à Praia do Titanzinho.....	35
Figura 7: Casa à beira-mar na maré seca	36
Figura 8: Katá do surfe realizado na praia.....	73
Figura 9 - Maré alta no Titanzinho	88
Figura 10 - Placa de informativo sobre as obras	90
Figura 11- Farol do Mucuripe	90

SUMÁRIO

1. NAS ROTAS DA PESQUISA: FAZENDO EMERGIR O CAMPO E SUAS CATEGORIAS DE ANÁLISE	14
1.1. A PRODUÇÃO DO SABER COMO FERRAMENTA DE ANÁLISE E ENTENDIMENTO DO CAMPO.....	22
1.2. CONSTRUINDO UM CAMPO DE PESQUISA	25
2. PERCURSOS ETNOGRÁFICOS.....	32
2.1. QUANDO O CAMPO É A PRAIA: DISCUSSÕES E ESTRATÉGIAS DE INSERÇÃO EM CAMPO.....	34
2.2. DELIMITAÇÃO DO CAMPO ESPECÍFICO E DOS SUJEITOS ANALISADOS.	38
2.3. “QUAL É A SUA ONDA?”: DANDO FORMA AO DISCURSO	42
3. A PRODUÇÃO DE DISCURSOS E “VERDADES”: A FUNÇÃO DA MÍDIA NA CONSTRUÇÃO DE CATEGORIAS COMO JUVENTUDE, VIOLÊNCIA E LOCAIS PERIGOSOS	52
3.1. A MÍDIA: INTERAÇÃO E INTEGRAÇÃO.....	54
3.2. TERRITORIALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA NA CIDADE: CONSTRUÇÃO DA “JUVENTUDE PERIGOSA” E DO TITANZINHO COMO LOCAL PERIGOSO.	60
3.3. SUJEIÇÃO CRIMINAL NA BUSCA DA CONSTRUÇÃO DE ESTIGMAS	67
4. O SURFE E INTERNET: CONCEPÇÕES E PRÁTICAS	69
4.1. A INTERNET COMO VOZ DA JUVENTUDE.	77
4.2. O SER JOVEM E SURFISTA NO TITANZINHO.	87
CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	99
ANEXOS.....	108

1. NAS ROTAS DA PESQUISA: FAZENDO EMERGIR O CAMPO E SUAS CATEGORIAS DE ANÁLISE

A presente pesquisa tem por objetivo contribuir para a reflexão sobre como a conformação social e os conflitos se manifestam nas expressões da autoimagem juvenil, suas atitudes e nas suas versões dos fatos da vida cotidiana. Foi observada a maneira como os jovens¹ moradores de comunidades marcadas por estigmas e preconceitos se relacionam com as imagens midiáticas veiculadas sobre eles, o que eles acham e como identificam tais notícias. O *lôcus* de pesquisa é a comunidade chamada de Titanzinho (mesmo nome dado à praia localizada na comunidade), que se encontra na periferia da cidade de Fortaleza-CE, no bairro Serviluz, e apresenta precariedade social, sendo descrito pelos jornais e noticiários televisivos como altamente violento. Para fins desta pesquisa, as mídias usadas e pré-estabelecidas foram as digitais: *blogs* e revistas relacionados ao surfe, assim como jornais e *sites* de compartilhamento de vídeos que, direta ou indiretamente, abordaram a comunidade estudada em suas matérias. Foram escolhidas as notícias e imagens do período de 2010 a começo de 2013. Três delas foram utilizadas como ferramentas na análise; elas relatavam a vida de três surfistas moradores da comunidade: as dificuldades econômicas enfrentadas pelo surfista profissional Pablo Paulino, a doença e declínio do surfe de Tita Tavares e a morte repentina do jovem Tiago Dias. Utilizamos o *blog* do surfista Pablo Paulino, no qual ele conta sua vida, como esta nas competições etc.; o *blog* do Globo Esporte, que noticiou a morte de Tiago Dias; a revista TPM, que abordou a história da surfista Tita Tavares; os *sites* dos jornais Diário do Nordeste, que divulgou notícias sobre o bairro Serviluz e seus moradores, e Tribuna do Ceará, que se encarregou de publicar também notícias sobre a morte de Tiago, bem como o *site* da revista Ceará Surf, que publicou tanto notícias sobre a morte de Tiago quanto sobre as dificuldades profissionais de Pablo e Tita. Um *site* de compartilhamento de vídeos, o *Youtube*, também foi utilizado na pesquisa, pois nele os jornais e alguns moradores do Titanzinho disponibilizam vídeos sobre a comunidade, o bairro onde ela se localiza, seus moradores e surfistas.

¹ É necessário explicar que neste trabalho a categoria jovem não está vinculada a nenhum órgão que trabalhe com limitações etárias, como por exemplo o estatuto da juventude que consideramos jovens aqueles que compreendem a faixa etária de 15 a 29 anos, mas tratamos como jovens os entrevistados que pertencem à faixa etária entre 13 a 17 anos.

Importante esclarecer que o Serviluz não é classificado oficialmente pela Prefeitura de Fortaleza como bairro, embora seja assim denominado pelos moradores no seu cotidiano. No mapeamento oficial, a comunidade se localiza dentro do bairro Cais do Porto. Neste trabalho, também trato o Serviluz como bairro, já que é comum a população assim defini-lo na cidade de Fortaleza. Ele se situa próximo à Praia do Futuro, Vicente Pinzón e Mucuripe, bairros que detêm elevado crescimento de conflitos e homicídios.

O Serviluz se localiza na ponta da histórica enseada do Mucuripe (ver Figura 1), área que se desenvolveu graças ao Porto onde desembarcavam mercadorias e estrangeiros, atraindo concomitantemente muitos comerciantes e profissionais do sexo.

Figura 1: Mapa da localização do bairro na cidade de Fortaleza.



Fonte: Site do IPECE, 2014.

O nome Serviluz surgiu por razão da Companhia de Serviço de Força e Luz de Fortaleza (Serviluz), na década de 1950, utilizada pelos moradores como referência para situar a localidade. A maior parte da população vive na informalidade, exercendo

atividades como a pesca. Com isso, os antigos pescadores que habitavam a área reuniram-se e formaram a colônia dos pescadores Z-8, em 1973.

O bairro é um dos que têm menor Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), que é de 0,386. Nele, 90% da população é beneficiada com o Bolsa Família e 80% têm apenas o Ensino Fundamental e vivem na informalidade. Dos 21 mil habitantes, 20% sobrevivem da pesca. Além disso, a comunidade é carente de serviços. Os moradores dispõem apenas de um pequeno comércio, mas que, segundo eles, dá para suprir as necessidades.² (MOSCOSO, 2010).

O bairro começou a ser construído na década de 1940, com a transferência pela Companhia das Docas do Ceará de pescadores e estivadores que habitavam a Praia Mansa para o local. Assim. Em consequência da construção do Porto do Mucuripe, cerca de 200 famílias foram transferidas para a área conhecida hoje como Serviluz. Localizado entre a Beira-Mar e a Praia do Futuro, o bairro ficou conhecido por seu potencial turístico e pela prática do surfe na Praia do Titanzinho, mas também por uma imagem disseminada pela representação midiática como cenário de constantes conflitos violentos de gangues e de crescimento de homicídios. Pesquisa recente que realizou uma cartografia da criminalidade e da violência em Fortaleza³ por cada Secretaria Executiva Regional da cidade⁴ registrou que a região de praia, onde se localiza o Serviluz, situada na Regional II, abriga índices crescentes de crimes como homicídio:

As características da região praiana do Cais do Porto, próximo a localidades com altos índices de conflitos, como Serviluz, detentor do mais baixo índice de rendimento médio da Regional e onde, também, verifica-se a ação de gangues, podem ser fatores catalizadores de crescimento de homicídios nessas áreas. As relações conflituosas, quando não mediadas, tendem a evoluir para crimes de natureza mais grave, o que podem influenciar o aumento do número de homicídios (UECE, 2010, p. 109).

²Matéria publicada no jornal Diário do Nordeste. Disponível em: <<http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=734403#diariovirtual>>. Acesso em: 29 de jul. 2011.

³ Para maiores informações, ver Cartografia da Criminalidade e da Violência na Cidade de Fortaleza (2010), realizada pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), com interveniência do Instituto de Estudos, pesquisas e Projetos (IEPRO) e a Guarda Municipal e Defesa Civil de Fortaleza, com recursos da Secretaria Nacional de Segurança Pública (SENASP) e Ministério da Justiça, realizada por pesquisadores do Laboratório de Direitos Humanos, Cidadania e Ética (LABVIDA) e Laboratório de Estudos da Conflitualidade e Violência (COVIO), ambos da Universidade Estadual do Ceará, e do Laboratório de Estudos da Violência (LEV), da Universidade Federal do Ceará, com apoio da Guarda Municipal e Defesa Civil de Fortaleza – GMF. A Cartografia tem como objetivo formatar um documento contendo mapas e dados dispostos em representação gráfica para comunicar as informações sobre criminalidade e violência na Cidade. Disponível em: <http://www.uece.br/covio/dmdocuments/relat%C3%B3rio_final.pdf>. Acesso em: 25 de ago. 2011.

⁴ Fortaleza está dividida administrativamente em seis Regionais, sendo a Regional II a responsável pelo bairro Cais do Porto/Serviluz.

A pesquisa assevera que muitos conflitos registrados nesta região são motivados por brigas de gangues e uso de drogas, bem como por delitos de baixa complexidade, como brigas de casais e vizinhos, os quais se tornam fortes candidatos a evoluírem para crimes mais graves, como homicídios.

O Titanzinho sofre há muitos anos com a poluição, que é fruto tanto da falta de investimentos públicos em saneamento básico quanto da falta de educação ambiental da população que joga lixo na praia, causando sujeira, doenças e deformações dos corais, gerando, assim, um prejuízo geral para a natureza local. Apesar de estar entre os mais belos cartões-postais da cidade e ser um dos melhores locais para a prática do surfe, o Titanzinho não é bem visto aos olhos da maioria da população de Fortaleza. O local é, além de ponto turístico, uma área em que há presença de casas de prostituição, bem como de aumento dos índices de crimes, tais como homicídios, brigas de gangues e tráfico de drogas; sua população apresenta aspectos socioeconômicos em níveis considerados insatisfatórios, possíveis de serem detectados no cotidiano dos moradores. Sua realidade de violência é tratada, por diversas vezes, de forma sensacionalista pela mídia jornalística (ver Figura2).

Figura 2: Notícia sensacionalista sobre o Serviluz⁵.



Fonte: Site Tribuna do Ceará, 2012.

⁵ Briga entre gangues e tiroteio: PM caça acusados. Notícia publicada em 19 de janeiro de 2012 no site do jornal Tribuna do Ceará. Disponível em: <<http://tribunadoceara.uol.com.br/noticianoticias/video/briga-entre-gangues-e-tiroteio-pm-caca-acusados/>> Acesso em: 23 jan. 2012.

É esclarecedor aqui mencionar que no Serviluz existem no mínimo três picos⁶ diferentes favoráveis ao surfe: o Hawaizinho, Vizinho e Titanzinho. Por isso, o surfe surge como uma forma de lidar com o esse cotidiano difícil e até como uma alternativa de vida para os jovens moradores do bairro; nesse sentido, torna-se relevante para o estudo. Os jovens surfistas do Titanzinho vivem sob os auspícios de surfistas mais velhos, moradores da comunidade, que tiveram sucesso no esporte. Dois surfistas profissionais são considerados ídolos e referência no surfe pelos jovens. Podemos citar Pablo Paulino, surfista profissional que cresceu no Serviluz, começou a surfar aos oito anos de idade, destacou-se e logo cedo começou a ganhar campeonatos. Da mesma forma que Pablo, Tita Tavares também possui um surfe considerado pelos jovens uma fonte de inspiração. Nascida e criada na comunidade, a atleta já foi tetracampeã brasileira e quarta melhor do mundo. Assim, foram escolhidos para compor o *corpus* empírico desta pesquisa seis jovens surfistas do Titanzinho que convivem com os citados profissionais citados e fazem deles exemplos no esporte a serem seguidos; são eles: Letícia Narciso, 14 anos, entrevistada no dia 04 de dezembro de 2013; Luzia Dias, 14 anos, entrevistada dia 16 de março de 2014; Davi Sobrinho, 16 anos, entrevistado no dia 16 de março de 2014; Juliana Sousa, 14 anos, também entrevistada no dia 16 de março de 2014; Genilson Dias, 13 anos, entrevistado no dia 17 de março de 2014 e André Silva, 17 anos, entrevistado no dia 17 de março de 2014. Todas as entrevistas foram realizadas na própria comunidade do Titanzinho. Alguns desses jovens, devido à influência dos profissionais, já se tornaram também exemplos de sucesso no surfe, como o caso de Davi Sobrinho e Juliana Sousa, conhecida por Juju; ambos já competem profissionalmente. Juliana foi campeã cearense de surfe aos dez anos e é chamada por muitos de Titazinha, por se assemelhar à Tita Tavares tanto fisicamente como pela maneira de realizar as manobras de surfe. Desta forma, o surgimento de novos talentos da comunidade no cenário nacional tende a mostrar o lado do sucesso da praia do Titanzinho e o grande potencial dos seus jovens.

Porém, o cotidiano envolve e, com olhos atentos de pesquisador, não nos deixamos ficar em apenas um lado da moeda. Tiago Dias, nascido em Fortaleza-CE no primeiro dia de agosto do ano de 1988, começou a surfar por volta dos sete anos de

⁶ Lugar onde é favorável a prática do *surf*, onde há boas condições do mar para prática dos esportes que dependem dele.

idade. Tiago era um jovem comunicativo, querido entre os surfistas do Titanzinho, que o consideravam uma das grandes promessas da comunidade para o surfe. Ele possuía um alto potencial nas realizações de suas manobras, mas não teve um futuro de sucesso como queria. Em um sábado de 2011, Tiago foi morto quase na porta de casa. Estava com sua prancha, e provavelmente se preparava para mais um treino. A relação de proximidade que os jovens possuem com a violência já foi alvo de estudos sociológicos. Diógenes (1998) considera o fato como um importante objeto de análise; ela nos mostra que a juventude ocupa, de maneira geral, o centro dos debates sobre violência, sendo considerada ora agente, ora vítima vulnerável a experimentar a violência no próprio corpo.

Em meio às experiências como esta, a pergunta que geralmente é suscitada nestes casos de sucesso e tragédia é: por que isso acontece com alguns e com outros não? Questionamentos e incertezas em relação ao determinismo geográfico surgem. Por que significativa parcela de jovens na mesma condição de Pablo não tem uma história de sucesso? São vários fatores sociais, culturais e econômicos que fazem parte dessa questão. Não se têm respostas prontas nestes quesitos, mas podemos compreender que o lugar de origem e/ou de moradia não determina as ações dos seus indivíduos; por muitas vezes, pessoas que compartilham da mesma realidade escolhem caminhos de vida diferentes.

Para que os jovens ultrapassem a figura do beneficiário, de jovem-problema para jovem cidadão, é necessário reconhecê-los como “sujeitos de direitos”, evitando-se generalizações que classifiquem a juventude como a faixa etária problemática ou como a protagonista heroica da sociedade. Esta é uma prática midiática comum e, no caso dos jovens do Titanzinho, corroborada para a formação de uma imagem em que eles ocupam os extremos das generalizações, ora sendo considerados propícios a se tornarem criminosos devido à vivência cotidiana com a violência, ora como sendo capazes de transpor a realidade do lugar, tornando-se exemplos de vida para os outros moradores da cidade. As generalizações se tornam prejudiciais a partir do momento que passam a considerar a juventude como uma categoria homogênea, possuidora de desejos, anseios e dificuldades sociais iguais. Desconsiderando suas variações e agrupando os jovens de diferentes classes sociais num mesmo patamar, as generalizações auxiliam na concepção genérica de juventude. Ignorando as diversas configurações sociais, as quais são determinadas através de fatores externos aos jovens, como por exemplo, a moradia,

as generalizações dificultam a produção de políticas públicas que objetivem e contemplem as especificidades das juventudes, levando em conta seus percursos sociais heterogêneos.

Na intenção de impulsionar a pesquisa e atingir seus objetivos, iniciamos um conjunto de estratégias que visavam: 1. verificar quais expressões cotidianas dos jovens indicavam suas experiências de vida cotidiana e representações de si mesmos e analisar ações que possam indicar quem são os jovens pesquisados e como eles se identificam; 2. comparar essas expressões com as percepções que os jovens relatam ter recebido das mídias digitais, em especial os *blogs*⁷ e revistas digitais⁸ que publicam notícias relacionadas ao surfe e já abordaram, de algum modo, o Titanzinho e seus jovens, assim como os jornais digitais⁹ da cidade e redes sociais; 3. identificar traços de influências que tais notícias possam ter na construção da autoimagem a partir de estereótipos e estigmas disseminados socialmente; 4. perceber táticas de enfrentamento e desconstrução dos estigmas e estereótipos por parte dos jovens utilizando como meio suas próprias expressões de si captadas durante a observação direta e as entrevistas.

A direção metodológica desta pesquisa será de abordagem qualitativa, em que o pesquisador se dedica a estudar as representações e práticas do “outro” – o nativo – em uma comunidade, bairro, cidade, país, enfim, um lugar da complexa cultura humana. Assim, faz-se necessário compreender que o domínio da língua nativa, ou apenas a utilização de termos linguísticos nativos pelo pesquisador na etnografia, é de suma importância para compreensão da análise do que se está descrevendo. Não estamos aqui querendo afirmar que a linguagem, as gírias, as categorias nativas do campo serão as únicas a serem analisadas; queremos apenas mostrar a relevância de usá-las a fim de compreender a maneira como o nativo, no caso dos jovens do Titanzinho, enxerga-se, define-se, em suas próprias palavras. É dar visibilidade às múltiplas vozes presentes na etnografia. Tentando mostrar a produtividade da experiência de campo, unimos, assim, numa participação textual, o leitor e o nativo (CLIFFORD, 1998.). Vale ressaltar que partimos do pressuposto que categoria é um elemento explicativo e constitutivo da realidade do campo, e que com isso os informantes nativos se tornam construtores ativos da realidade, dirimindo, desta forma, a ideia da existência do poder absoluto do etnógrafo baseada na sua observação pessoal.

⁷ Como o globoesporte.com.

⁸ Como a Revista 360 Graus e a Revista TPM.

⁹ Como os jornais Diário do Nordeste e Tribuna do Ceará.

Foi usado basicamente o recurso da observação direta (observação etnográfica), com utilização de entrevistas, aplicação de questionários, análises de referências bibliográficas, dentre outros recursos que pudessem ajudar no trabalho. Em um primeiro momento, ouvimos alguns moradores e surfistas para a formação de um breve histórico sobre o bairro e o surfe para, a partir daí, começar a observação direta. Com isso, pudemos perceber que “mergulhar” no surfe, objetivando compreender o imaginário que tem se constituído sobre a força transformadora de sua prática e as formas de sociabilidade de seus praticantes, implica vasculhar a sua história e mear o percurso que transportou esse esporte de prática marginalizada e invisível para uma forma de sociabilidade digna de estudo por parte dos cientistas sociais.

Existe, porém, um princípio básico de qualquer pesquisa, que seria o reconhecimento de um mundo cultural que precisa ser conhecido e o que se tem interesse em conhecer. Castro (2002), ao falar sobre as regras na relação nativo-antropólogo, afirma que

O nativo não precisa ser especialmente selvagem, ou tradicionalista, tampouco natural do lugar onde o antropólogo o encontra; o antropólogo não carece ser excessivamente civilizado, ou modernista, sequer estrangeiro ao povo sobre o qual discorre. Os discursos, o do antropólogo e sobretudo o do nativo, não são forçosamente textos: são quaisquer práticas de sentido. O essencial é que o discurso do antropólogo (o ‘observador’) estabeleça uma certa relação com o discurso do nativo (o ‘observado’) (CASTRO, 2002, p.113).

De fato, como diria Geertz (1983), agora somos todos nativos; o autor traz a ideia de um ajuste de foco, onde não se necessitaria ir muito longe para encontrar o “outro”, o qual é essencial na construção da minha identidade.

A observação direta, assim como a etnografia, detém-se em captar os imponderáveis da vida real, termo utilizado por Malinowski (1978) em *Argonautas do Pacífico*, onde o autor identifica tais imponderáveis como sendo as ações diárias e corriqueiras do nativo estudado. Assim, ao observarmos o modo de agir, as formas de lazer, práticas de violência e de não violência dos jovens do Titanzinho, poderemos captar tais imponderáveis, os quais são essenciais para a análise do campo de estudo, pois estão presentes também no cotidiano do pesquisador. O pesquisador atua em um meio onde se desenrola a existência própria dos fatos a serem analisados. Concordando com Triviños (1987),

A etnografia baseia suas conclusões nas descrições do real cultural que lhe interessa para tirar delas os significados que têm para as pessoas que pertencem a essa realidade. Isto obriga os sujeitos e o investigador a uma

participação ativa onde se compartilham modos culturais (tipos de refeições, formas de lazer etc). Isto é, em outros termos, o pesquisador não fica fora da realidade que estuda, à margem dela, dos fenômenos aos quais procura captar seus e compreender (TRIVIÑOS, 1987, p.121).

É neste sentido que esta pesquisa realiza uma inserção no campo – a Praia do Titanzinho -, utilizando recursos já citados e buscando descrever fatos e representações sociais constituintes de um imaginário também social, de modo a permitir a análise de sociabilidades e regras, a observação de eventos, especialmente tensões e conflitos derivados de práticas de convívio na comunidade e modos de ser dos envolvidos. Observar e registrar pormenores geralmente negligenciados é ter como meta, antes de tudo, o processo da pesquisa do que simplesmente os resultados e o produto.

Durante a etapa final da investigação, foram feitas novas visitas seguindo um cronograma de pesquisa estabelecido. Apropriando-nos das questões levantadas por Oliveira (1998), quando este fala sobre o ver, ouvir e escrever, tentamos: 1º- olhar: onde foram observadas e registradas as impressões da chegada ao campo; 2º- ouvir: com este recurso, a intenção era absorver o máximo de informações sobre o dia a dia dos jovens, relacionando-as com o surfe e a comunidade; 3º- escrever através da nossa inserção como pesquisadores entre os jovens a sua vivência, de modo que tentamos descrever nossas observações sobre as formas como eles, a partir de seus próprios valores, significados e diferentes situações, interpretam as ações da mídia que eles têm acesso.

Para realizar este estudo de campo e delimitar as unidades significativas para o desenvolvimento do trabalho, foram utilizadas as seguintes ferramentas metodológicas: 1) análise de referências bibliográficas; 2) observação dos jovens e do bairro, com a intenção de obter dados para análise do local e sujeitos da pesquisa; 3) observação direta em campo, de modo a observar e participar das interações dos jovens surfistas, assim como analisar o cotidiano dos mesmos; 4) entrevistas: no decorrer da pesquisa, foram selecionados seis atores sociais que se enquadravam no perfil de jovens surfistas moradores do Titanzinho, a fim de participarem dos questionários e consequentes entrevistas.

1.1. A produção do saber como ferramenta de análise e entendimento do campo

Com a intenção de haver um desenvolvimento lógico conceitual da dissertação, mobilizamos alguns autores com seus respectivos conceitos a fim de elucidar as questões encontradas no campo e concomitantemente trabalhadas no presente estudo.

Autores como Silverstone (2005) e Gitlin (2006) nos ajudarão a pensar a mídia, suas representações e como a torrente de informações e imagens dominam nossas vidas.

Gitlin (2003) tenta nos mostrar em seu livro que nenhum espaço de comunicação está livre das intervenções e estímulos da mídia e que, devido ao pouco tempo livre que temos, os controles remotos são clicados inúmeras vezes e diversas abas são abertas nos navegadores da internet. Tendemos a querer absorver o maior número de informações possível em um curto período de tempo, e com isso acabamos por navegar como nômades entre os canais de TV e ambientes virtuais.

Silverstone (2005) afirma que a mídia se encontra presente diariamente no nosso cotidiano, oferecendo informação, segurança e entretenimento. O autor declara com segurança que os meios de comunicação influenciam o cotidiano das pessoas, embora não se possa, na prática, medir seus efeitos. Silverstone considera que na teoria, a mídia está totalmente separada da realidade das pessoas; porém, isso não acontece na prática, pois não se pode controlar sua persuasão e influências nas nossas vidas. Assim, partimos desse pressuposto para observar como a mídia se relaciona com a construção das imagens sociais dos jovens, levando em consideração sua importância na comunicação social. Sendo possuidora do papel de formar opiniões, a mídia muitas vezes auxilia na construção de estereótipos e de representações da realidade: “[...] trata-se do poder da mídia de criar e sustentar significados; de persuadir, endossar, reforçar.” (p. 263). Por isso, então, a importância de se estudar a mídia e o papel que esta desempenha no fenômeno em estudo.

O conceito de estigma desenvolvido por Goffman (2012) perpassará por quase todos os capítulos. Os gregos, no intuito de identificação dos criminosos, escravos e traidores, criaram sinais corporais feitos por meio de cortes, os quais seriam um indicativo de quais seriam os indivíduos que deveriam ser evitados. Goffman coloca que hoje os sinais não seriam mais apenas corporais, mas a utilização desse tipo de mecanismo se dá de forma semelhante, ou seja, através da atribuição e fixação de estereótipos. O estigma pode ser considerado como um processo social de eleger uma determinada característica e aplicá-la a alguém negativamente; por exemplo, quando nos referimos a uma pessoa que sofre de transtornos mentais como doida e/ou louca, utilizamos esses termos como rótulos que trazem mais sofrimento à pessoa. Os rótulos marcam e desqualificam a pessoa, e essa marca é o que chamamos de estigma. Por outro lado, podemos dizer que o estereótipo é uma imagem preconcebida de determinada

coisa, pessoa e/ou grupo. Os estereótipos se tornam ferramentas de generalizações que atribuem valor, na maioria das vezes negativo, a alguma característica de uma pessoa e/ou grupo, reduzindo-os a essas características. São, por diversas vezes, fomentadores de piadas preconceituosas; por exemplo, as piadas sobre loiras, que colocam todas sob a generalização da falta de inteligência, pois segundo jargão popular: “toda loira é burra”. Desta forma, o estigma estaria presente na construção negativa de um estereótipo. Isso não significa necessariamente que este indivíduo possua tal característica, mas a partir dos rótulos empregados às pessoas estigmatizadas é que os estereótipos são criados. Eles agem como uma ferramenta de objetivação da aplicação do estigma. Estes são reproduzidos pela sociedade e seriam formas de institucionalizar a inferioridade ou o perigo representado, uma forma de racionalizar o preconceito pela diferença. É, portanto, uma desconsideração de todos os atributos pessoais positivos em virtude da existência de um atributo não aceitável, onde o “contato misto”, ou seja, entre normais e estigmatizados, tende a ser evitado.

Pinheiro (2006) elucidará o pensamento sobre a tentativa de conceitualizar a categoria juventude, haja vista que se sabe que ela é, assim como as relações sociais de maneira geral, uma construção social. Também dará clareza sobre a existência de diferentes percursos juvenis e sobre a ideia disseminada socialmente de que os jovens pobres são locados em ambientes socialmente excludentes, como é o caso dos jovens do Titanzinho.

A violência é um conceito que tem sido reformulado ao longo dos anos. Temas e estudos que abordavam o conceito de violência em suas análises tendiam, de uma forma geral, a levar em consideração apenas a ação em si, ou seja, preocupavam-se em observar os fatos violentos, levantando questões e debates apenas sobre eles, desconsiderando seus autores e contexto em que ocorriam. Michel Wieviorka (1997) discorre sobre a mudança no paradigma da violência. Para o autor, a violência é expressiva e significativa; ela sempre quer dizer alguma coisa e sua teoria se baseia na noção de sujeito, onde a violência surge na medida que há uma negação da pessoa como sujeito. Desta forma, o autor sugere um novo paradigma da violência, onde para ele é importante analisar os protagonistas desta; autores e/ou vítimas, seus percursos e motivações. Assim, mobilizamos Wieviorka (1997) a fim de observarmos a transformação conceitual e mudança de percepções a respeito da importância, ou não,

de determinados atos violentos, sendo levado em consideração quem os executa e onde são cometidos.

A respeito das questões sobre (in)visibilidade e preconceito, tentaremos fazer uma interlocução com o antropólogo Luís Eduardo Soares (2006), para o qual a situação dos nossos jovens no Brasil coincide com consideráveis expressões de violência social, formando, assim, um paradoxal quadro de (in)visibilidade social. O preconceito, ao limitar os direitos de uma pessoa atingida por ele, também será debatido durante o curso da escrita, ao considerarmos ser ele o principal fomentador da visibilidade perversa Sales (2007).

Sobre periferias e discriminação, utilizaremos Takeuti (2002) e Novaes (2006), refletindo assim o *locus*, que, no caso desta pesquisa, é um lugar periférico que sofre com os preconceitos de ser um lugar perigoso.

Assim sendo, estes são os principais conceitos que darão o norte a toda reflexão desta pesquisa.

1.2. Construindo um campo de pesquisa

A presente pesquisa permanece com o mesmo *locus*: a comunidade do Titanzinho, estudada na graduação; nossos sujeitos continuam sendo os jovens surfistas do Titanzinho, porém, com outro foco. O primeiro contato com os jovens que compõem o estudo neste trabalho de dissertação ocorreu na época da graduação, durante as visitas exploratórias à comunidade. Os atuais questionamentos se voltam para a percepção que eles têm das representações midiáticas que são vinculadas a eles (indivíduo e grupo; surfistas) e à comunidade onde vivem. Observar qual o papel da mídia na influência de algumas maneiras como os jovens surfistas expressam as percepções que eles possuem de tais notícias se torna importante no desenvolvimento dessa pesquisa.

É através de *sites* sobre surfe e das colunas de esportes dos jornais diários *online* da cidade que buscamos e obtemos a maior parte das informações midiáticas sobre o Titanzinho. Mantemo-nos informados através de *sites* vinculados ao esporte e à vida dos surfistas, como o da Revista TPM, ligada ao *site* UOL, voltada para o público feminino em geral, mas que aborda constantemente o surfe em suas reportagens. Os jornais diários também são um recurso utilizado; os dois escolhidos são: o Diário do Nordeste e o atual Tribuna do Ceará (antigo Jangadeiro *Online*), por serem os jornais de maior

expressão *online* em Fortaleza. Este último possui em sua página inicial um *link* que, ao clicado, leva diretamente ao *site* do Ceará Surf, um dos mais citados pelos jovens e por nós acessado durante a pesquisa.

A fim de delimitar e construir o campo de análise, selecionamos seis jovens surfistas para compor o *corpus* da atual pesquisa. Pertencentes à faixa etária que mais têm acesso à internet no bairro, eles são jovens com idade entre 13 a 17 anos, moradores da periferia de Fortaleza, na comunidade do Titanzinho. São estes os protagonistas dessa pesquisa. É através do olhar deles que tentamos compreender como é ser jovem, surfista e morador de periferia. Atentamos principalmente para a questão de como esses jovens reconhecem, ou não, o bairro e a si mesmos nas notícias vinculadas na internet. Vale ressaltar aqui que, em uma enquete¹⁰ realizada anteriormente a essa pesquisa sobre quem seria o melhor surfista profissional do Titanzinho, constatamos que os jovens selecionados para a pesquisa apontam Tita Tavares e Pablo Paulino como grandes ídolos, tanto no surfe quanto na vida, pois, assim como nos treinos e campeonatos, ambos batalham diariamente, buscando para si melhores condições de vida.

Observar as expressões nas maneiras de falar e de agir dos jovens surfistas, a sua proximidade com a violência da comunidade e as formas de identificação com seus pares se tornou essencial na produção desta pesquisa, já que os comportamentos e identidades coletivas e individuais se constituem também pelo consumo de bens simbólicos (BOURDIEU, 2007), que nesse caso seriam as notícias midiáticas.

Diante do contexto, entre recepção e percepção de informações, os *sites* Ceará Surf, Globoesporte.com, Diário do Nordeste e Tribuna do Ceará nos fornecem informações para auxiliar nosso entendimento sobre as maneiras como os jovens recebem as notícias veiculadas sobre eles e sobre seus pares.

Para isso, a investigação desta pesquisa envolveu a necessidade de conversas informais de caráter exploratório, a fim de conhecer um pouco da vida de cada jovem surfista que compõe o *corpus* da pesquisa. Foram as trajetórias do surfe de Tita Tavares, Pablo Paulino e Tiago Dias que surgiram nas falas dos entrevistados com ênfase e como fonte de inspiração. Assim, elegemos os três casos emblemáticos dos surfistas citados

¹⁰ Na ocasião foram indagados 15 jovens surfistas, dentre os quais participou, além dos seis jovens aqui analisados, Tiago Dias.

pelos jovens e suas respectivas notícias vinculadas na internet, as quais foram apontadas como sendo as de maior repercussão entre eles e que, conseqüentemente, deram um norte às nossas investigações e se tornaram base para a formulação das perguntas e análises dos seis questionários semiestruturados¹¹ aplicados durante os meses de novembro de 2013 e fevereiro e março de 2014. As reportagens escolhidas para esta finalidade foram as seguintes: sobre a morte de Tiago Dias¹², surfista nascido e criado na comunidade (este ano completa três anos de sua morte), a crise na vida profissional e pessoal de Tita Tavares¹³ e a falta de patrocínio de Pablo Paulino¹⁴.

Maria das Graças Tavares Brito Filha é Tita Tavares. Nascida em Fortaleza/CE, no ano de 1975, Tita é uma das grandes revelações do Titanzinho, além de ser tetracampeã brasileira de surfe. Com diversas vitórias e seu surfe inovador, Tita motivou uma legião de fãs e seguidoras e tornou-se um ícone do esporte, não só no Titanzinho, mas em todo o estado. Ela foi a primeira mulher a tirar uma nota 10 em um campeonato mundial. Aos 36 anos, a surfista foi diagnosticada com uma inflamação na glândula tireóide, hipertireóide, cujos sintomas incluem taquicardia, perda de peso, nervosismo e tremores, descobertos em outubro de 2011, durante um campeonato profissional no Rio de Janeiro. Desde este campeonato Tita está fora das competições e, por ordem médica, só pode surfar uma hora por dia. A mídia tem ocupado um lugar especial no cotidiano de Tita. *Sites*¹⁵ voltados para o surfe se encarregam de divulgar contatos e apelos da surfista, que precisa de ajuda financeira para o tratamento. Como declarado pela revista TPM¹⁶; “[...] Tita está apenas a alguns centímetros e um til de

¹¹ Os questionários se encontram nos anexos e foram baseados na pesquisa: “Imagens de presença e ausência: sentidos midiáticos da subjetividade juvenil”, realizada em Natal sob cadastro na Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), coordenada pela Prof^a. Dr^a. Josimey Costa da Silva de julho de 2006 a julho de 2010. As técnicas utilizadas na elaboração da sondagem foram decorrentes de uma pesquisa efetuada em São Paulo sobre jovens urbanos e consumo cultural na cidade de São Paulo, cuja primeira etapa foi realizada entre 2001 e 2003 na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), com financiamento pela FAPESP e coordenação das Prof^{as}. Dr^{as}. Silvia Simões Borelli e Rose de Melo Rocha.

¹² Surfista cearense do Titanzinho é assassinado a tiros antes de treino; notícia publicada no *site* [globoesporte.com](http://globoesporte.globo.com/radicaais/surfe/noticia/2011/03/surfista-cearense-do-titazinho-e-assassinado-tiros-antes-de-treino.html) no dia 28 de março de 2011. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/radicaais/surfe/noticia/2011/03/surfista-cearense-do-titazinho-e-assassinado-tiros-antes-de-treino.html>>. Acesso em: 29 mar. 2011.

¹³ “Tita Tavares: Apenas alguns centímetros e um til separam a surfista de ser um titã”. Reportagem postada no *site* da revista TPM no dia 18 de novembro de 2012. Disponível em: <<http://revistatpm.uol.com.br/revista/127/perfil/tita-tavares.html#6>> Acesso em: 08 mai. 2013.

¹⁴ “Pablo Paulino: O sonho continua”. Entrevista divulgada no *site* *Ceará Surf* no dia 05 de agosto de 2013. Disponível em: <<http://www.cearasurf.com.br/entrevistas/pablo-paulino>>. Acesso em: 07 ago. 2013

¹⁵ Como por exemplo, o *site* <<http://revistatpm.uol.com.br/revista/127/perfil/tita-tavares.html>>

¹⁶ Disponível em: <<http://revistatpm.uol.com.br/revista/127/perfil/tita-tavares.html#7>>. Acesso em: 08 mai. 2013.

distância de ser um verdadeiro titã” (REVISTA TPM, 2012). Mesmo com toda dificuldade trazida pela doença, Tita acredita que um dia voltará a surfar profissionalmente.

Pablo Paulino¹⁷ foi, em 2004, campeão mundial júnior de surfe, com apenas 17 anos; bicampeão mundial júnior em 2007, apontado na época como uma das maiores promessas do surfe brasileiro, mas não viu a carreira deslancar como esperava. Após ter passado anos lutando na divisão de acesso do surfe mundial, WQS¹⁸, para tentar um lugar no WCT¹⁹, sem patrocínio, viajar pelo mundo em busca de pontos no *ranking* se tornou cada vez mais difícil, e assim Pablo teve que deixar os grandes campeonatos de lado, voltando a morar no Titanzinho. Em uma entrevista dada ao *site Ceará Surf*, Pablo garantiu que não estava desanimado com a sua situação atual e que tem treinado diariamente para não perder o ritmo, enquanto espera uma oportunidade para voltar a competir grandes campeonatos²⁰. Diferentemente de Tita, Pablo nunca esteve na elite do surfe e afirma acreditar que um dia estará no WCT.

Em 2011, o Titanzinho voltou a ser notícia na imprensa, desta vez não por causa do surfe. Em março do referido ano, a violência chocou a comunidade com o assassinato de Tiago Dias, surfista revelação de apenas 22 anos, caso que teve, no esporte, uma repercussão nacional. Como noticiado no *site globoesporte.com*²¹, o assassinato ocorreu pela manhã, enquanto o atleta estava na areia da praia se preparando para surfar. Tiago era um dos discípulos de Tita Tavares e Pablo Paulino. A falta de patrocínio foi o principal responsável por Tiago nunca ter competido mundialmente. Com as dificuldades em competir e o concomitante envolvimento com as drogas, o atleta foi diminuindo suas participações em campeonatos. Tiago era um dos surfistas que chamava a atenção pelo seu visual considerado radical e pelos aéreos²² insanos.

Todos os jovens entrevistados por esta pesquisa afirmam se identificar de alguma forma com algum dos casos acima expostos, e o que chama a atenção é que a opinião deles muito se parece com o que a mídia expõe. Com relação ao esporte, eles

¹⁷ Ver mais em: <<http://pablopaulino.com.br/>>

¹⁸ *Qualifying Series* que é uma espécie de “segunda divisão” ou “divisão de acesso” para o *top* do *surf* mundial, que é o WCT, onde os 15 melhores colocados no *ranking* do ano terão acesso ao WCT do ano seguinte.

¹⁹ *World Championship Tour*. Também é chamado de Circuito Mundial, ou divisão de elite mundial.

²⁰ Ver nota de rodapé 13.

²¹ Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/radica/surfe/noticia/2011/03/surfista-cearense-do-titazininho-e-assassinado-tiros-antes-de-treino.html>> Acesso em: 29 mar. 2011.

²² Nome dado à manobra em que o surfista sai da onda como se estivesse voando.

reconhecem a comunidade como o berço do surfe cearense e a escassa oferta de patrocínio como o principal fator de desistência dos surfistas e deles mesmos em participarem de campeonatos. Já levando em conta a violência, a maioria dos entrevistados concorda que o Titanzinho é, sim, um bairro perigoso, por verem notícias informando isso e por presenciarem fatos e/ou ações no cotidiano que comprovem essa ideia.

Contrera (2002) e Sodré (2002) salientam que um modo de operação da mídia, especialmente a jornalística, é a disseminação do sentimento de insegurança entre os receptores. Assim, enfatizar a criminalidade juvenil não só pelas de estatísticas, mas também pela divulgação de imagens confirmadoras, é uma forma de usar o medo como um recurso sensacionalista, legitimando as mídias noticiosas como discurso de verdade. (SILVA J.C.; SILVA, H. L, 2013, p.4).

Percebemos que 50% dos entrevistados afirmam sentir medo de andar pela comunidade, após terem visto alguma notícia sobre morte e tráfico na comunidade e/ou presenciado algum tipo de ato violento. Evitam andar sozinhos em determinados horários onde o fluxo de pessoas nas ruas é menor que o habitual, principalmente à noite, não por medo de serem assaltados, mas com temor de presenciarem algum tipo de manifestação de violência, como homicídio ou briga de gangues, por exemplo.

Em alguns lugares eu tenho medo, porque eu moro num lugar, tipo onde eu moro, eu moro na favela ali, aí pra cá já é a rua do bagulho, quando eu ando pra cá de noite, principalmente, eu ando com medo por causa que (*sic*) os pessoal da favela é uma gangue, aí eles não gosta do pessoal da rua do bagulho. A gente passa com medo deles saber (*sic*) que a gente é da favela e falar alguma coisa (informação verbal)²³

Apesar disso, há uma confluência de opiniões e de percepções em relação ao atual sentimento de segurança na comunidade. Os jovens interlocutores, apesar de acharem que a violência tem aumentado nos últimos três anos, afirmam haver uma diminuição nos casos de violência cometidos na comunidade, e utilizam como parâmetro a opinião dos mais velhos, a presença da polícia e o fato de não terem mais visto na internet a exposição de fatos violentos envolvendo o lugar: “Faz tempo que não passa nada de ruim daqui na TV e nem vejo mais também na internet” (informação verbal).²⁴

²³ Luzia D.- Entrevista realizada por Héli da Lopes da Silva, no dia 16/03/2014 às 10:20h. Titanzinho, Fortaleza-CE.

²⁴ Davi S. - Entrevista realizada por Héli da Lopes da Silva, no dia 16/03/2014 às 09:30h. Titanzinho, Fortaleza-CE.

Nestes momentos é possível ver o vínculo estreito entre o indivíduo e a ação social exercida pelas mídias, que parecem misturar-se à sua própria estrutura de vida, já que a maioria dos entrevistados afirmou utilizar a internet como forma de conhecimento e até mesmo de diversão. A sensação objetiva que apreendemos da realidade é uma construção social, onde a mídia consegue estabelecer um senso tão bem enraizado que, mesmo sem uma mudança objetiva na estrutura das comunidades, a sensação de segurança tem aumentado. Os jovens acabam por incorporar certos discursos e ideais, mesmo que não sustentem tais perspectivas 24h por dia. Sobre a relação indivíduo e ação social, Elias (1994) fala dos vínculos entre indivíduo e sociedade, cuja explicação mais fácil se dá pela dicotomia entre um e outro e pela normatividade do dever ser como estratégia da compreensão.

Por estarem os indivíduos vinculados, quase que rotineiramente, ao sistema de valores de um campo ou do outro, verificamos com frequência que, na tentativa de descobrir o que realmente é a relação entre indivíduo e sociedade, é comum adotarem-se os gritos de guerra dos campos opostos, que estão predominantemente interessados no que essa relação *deve* ser (ELIAS, 1994, p.113)

Entretanto, o que podemos ver é uma estreita relação indivíduo e sociedade. Para Elias (1994), o indivíduo não é completamente autônomo em suas decisões e opiniões, já que também é movido pelas contingências da vida social, mas também ele não é absolutamente determinado pelo social. O que há é interdependência do indivíduo com os laços em que se encontra vinculado, a partir dos quais suas opções passam a ter profunda motivação social. Portanto, sua biografia tem profunda pertinência e cumplicidade com as relações e práticas sociais que constrói ao longo da vida. Existe nos casos analisados uma confrontação clara entre as trajetórias pessoal e social em relação às expressões cotidianas das culturas dos mesmos²⁵.

A partir dos questionários, alguns pontos (eixos) foram utilizados para análise das percepções dos jovens sobre tais notícias. Violência e mídia foram as categorias utilizadas para delimitar as perguntas dos questionários, porém para análise dos mesmos, além de termos contado com a revisão e interpretação das respostas, nos

²⁵ Esta reflexão tem relação com a própria biografia de Norbert Elias. Alguns comentadores de Elias veem uma “[...] saudável confrontação entre a trajetória pessoal do autor e sua produção teórica”, não que determinada prática seja resultado de uma opção pessoal, mas da interdependência entre o indivíduo e seus vínculos. Ver Resenha do livro “Norbert Elias por ele mesmo” na Revista de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará (RODRIGUES, 2003, p. 139-142).

detivemos em observar os comportamentos e reações dos jovens durante os questionamentos e consequente respostas. O corpo fala e por isso, além da voz e dos gestos comportamentais, é necessário observar a mídia primária assim como proposta por Pross (1990) onde o autor considera como comunicação as expressões faciais, a postura, os gestos, timbres da voz, expressões as quais são percebidas a partir do momento em que há o contato com o outro.

Nosso questionário se dividiu em seis eixos: 1- Identificação; 2- Juventude e Projetos Sociais; 3- Habitação e Estilo de Vida; 4- Violência; 5-Cotidiano e Lazer; 6- Surfe, Titanzinho e Internet. No primeiro eixo, a intenção é coletar dados sobre idade, endereço, se estuda e/ou se trabalha. O segundo tem por finalidade observar qual a relação que os jovens escolhidos têm com os projetos sociais na comunidade: de quais já participaram, se ainda participam e o que acham sobre eles. Com isso, tentamos analisar a concepção do “ser jovem” para os entrevistados, se é um discurso individual, subjetivo, ou um discurso assimilado através dos ideais dos projetos dos quais fizeram ou fazem parte. O terceiro eixo é voltado para o conhecimento do estilo de vida de cada um: com quem mora e, no caso de trabalhar, com o que gasta o salário, qual o estilo de roupa gosta de usar e de ser identificado, qual o tipo de música gosta de ouvir. No quarto eixo, a intenção é observar a percepção que eles têm sobre a violência na cidade e na comunidade e qual a proximidade existente entre eles e a violência. Assim, lançamos perguntas como: “Em sua opinião, nos últimos três anos a violência aumentou diminuiu ou permaneceu igual?”, “Você já presenciou atos de violência?”. No quinto eixo tentaremos compreender como eles concebem o próprio dia a dia, além de dados sobre o lazer. O último e sexto eixo foi criado para identificarmos a relação que eles têm com o surfe e com a internet, qual a importância e significado que ambos possuem na vida de cada um e como se dá o acesso às mídias digitais. Neste último eixo alocamos também perguntas referentes à notícias pré-selecionadas dos *sites* outrora escolhidos que falavam sobre a comunidade e sobre os três surfistas escolhidos como emblemáticos (Tiago Dias, Tita Tavares e Pablo Paulino), além de observarmos qual a relação que cada caso possui, de acordo com a opinião de cada um, com a comunidade do Titanzinho.

2. PERCURSOS ETNOGRÁFICOS

A etnografia, em sua concepção prática, está dividida em três processos básicos que se convertem, após sua execução, em três atividades que coexistem. A primeira fase seria o situar-se, onde o etnólogo tem por necessidade compreender onde se localiza o lugar escolhido por suas investidas, não sendo apenas um local geográfico, mas um lugar social. Saber onde se está é o primeiro passo do percurso no campo, no qual o andar seria a atividade sincrônica. A segunda fase é o observar e sua atividade; o ver, no qual o olhar do pesquisador se torna a principal ferramenta de pesquisa. É através dele que o pesquisador consegue captar os fatos imponderáveis da vida real, aqueles que estão nas entrelinhas da realidade. “O andar vê onde o andar lhe leva” (SILVA, 2009, p.176): tal afirmativa nos mostra a maneira como estas fases e suas respectivas atividades estão interligadas umas às outras. Por fim, a terceira fase seria o descrever, que com o auxílio da escrita tem por finalidade ajustar o foco do olhar e refinar o que foi visto, expondo didaticamente ao seu leitor o que foi observado e descrevê-lo. “O percurso no campo, sua observação e a descrição do contexto percorrido e observado são três fluxos que se misturam pela reciprocidade, interdependência e (inter) influências” (SILVA, 2009, p.186). Estes fluxos sofrem a ação, os efeitos e as influências uns dos outros; a percepção dessas disposições é que torna a interseção perceptível.

O Porto de Fortaleza, mais conhecido como Porto do Mucuri, possui mais de meio século de funcionamento e se tornou um dos mais importantes e estratégicos do Brasil, por sua localização privilegiada permite o acesso de diversas empresas dos Estados Unidos e países que compõem o Mercosul.²⁶ Com isso, tornou-se um dos responsáveis pelo crescimento econômico do estado, e é ele uma das delimitações geográficas do Serviluz. Depois do porto começa o bairro, e é lá também onde se localiza o lugar conhecido como Farol, por comportar o antigo farol da cidade. Apesar da importância do porto para a cidade de Fortaleza, é em seu entorno que há a concentração de cabarés que atraem, além da população local, pessoas da cidade em geral, estivadores e pescadores, marinheiros e estrangeiros; os “gringos”, como assim são chamados no bairro.

²⁶ Ver mais em: <<http://www.docasdoceara.com.br/>>.

Vemos o Serviluz como um conglomerado humano e urbano (ver Figura 3). A dimensão das casas é quase sempre pequena, com casinhas coloridas e com a presença de vários *duplex* espalhados pelas ruas. Comércio de pequeno porte se concentram na avenida principal do bairro. A Av. Zezé Diogo, que apesar de parecer uma ruela no início, quando se aproxima da entrada para o Titanzinho ela se alarga (Ver Figura 4), é considerada a rua principal pelos moradores pelo fato de ser por ela que passam os ônibus que cortam o bairro.

Figura 3: Início da Av. Zezé Diogo, na comunidade do Titanzinho.



Fonte: Pesquisa direta, 2014.

Figura 4: Av. Zezé Diogo, dentro da comunidade do Titanzinho.



Fonte: Pesquisa direta, 2014.

O Serviluz é um bairro onde seus moradores são temidos por outros moradores da cidade habitantes de outros bairros, e, muitas vezes, os próprios moradores do bairro

temem uns aos outros. Isso se dá devido à existência e - por que não dizer - persistência de uma imagem disseminada socialmente na cidade de Fortaleza que retrata o bairro como um lugar que abriga pessoas perigosas e/ou violentas. Tomamos como exemplo a experiência de inserção no bairro. Durante a construção dessa pesquisa, a ida ao Titanzinho era alvo de críticas; pessoas argumentavam contra, afirmando o quanto o bairro é perigoso, pois tinham visto na TV que lá aconteciam tiroteios diariamente. Essa imagem perpassa a mente de muitos outros moradores da cidade que, apesar de nunca terem ido ao Serviluz, consideram-no como lugar de marginalidade. Goffman (2011) elucida essa questão quando afirma que

Se o indivíduo lhes for desconhecido, os observadores podem obter, a partir de sua conduta e aparência, indicações que lhes permitam utilizar a experiência anterior que tenham tido com indivíduos aproximadamente parecidos com este diante deles ou, o que é mais importante, aplicar-lhe estereótipos não comprovados (GOFFMAN, 2011, p.11).

Os moradores têm consciência de que o lugar onde moram é visto com temor e descrédito pela maior parte da população da cidade. Percebemos isto também na fala de um dos moradores que conhecemos em 2012, no início dessa pesquisa: Pedro Fernandes, 29 anos, morador do bairro desde seu nascimento. Ele afirma que quem nunca foi ao Serviluz e nem ao menos conhece nenhum morador de lá, possui medo de frequentar o bairro devido à existência de gangues de jovens, mas, apesar delas estigmatizarem o bairro, são minoria. Porém, é devido principalmente às notícias vinculadas sobre as gangues, suas brigas e confrontos que se gera o medo do e no local, mas devemos relativizar a fomentação desse medo, pois as narrativas imaginosas associadas ao estigma que o bairro carrega também são responsáveis pela geração de tal medo.

2.1. Quando o campo é a praia: discussões e estratégias de inserção em campo

A reinserção no campo depois de algum tempo de atividade investigativa é uma tarefa audaciosa. Sentimentos como medo, insegurança e ansiedade se fazem presentes nessa pesquisa, não só fisicamente, mas também psicologicamente, pois são frutos de uma apreensão gerada devido aos estereótipos de criminalidade e violência que envolvem o lugar das nossas investidas exploratórias, o Titanzinho.

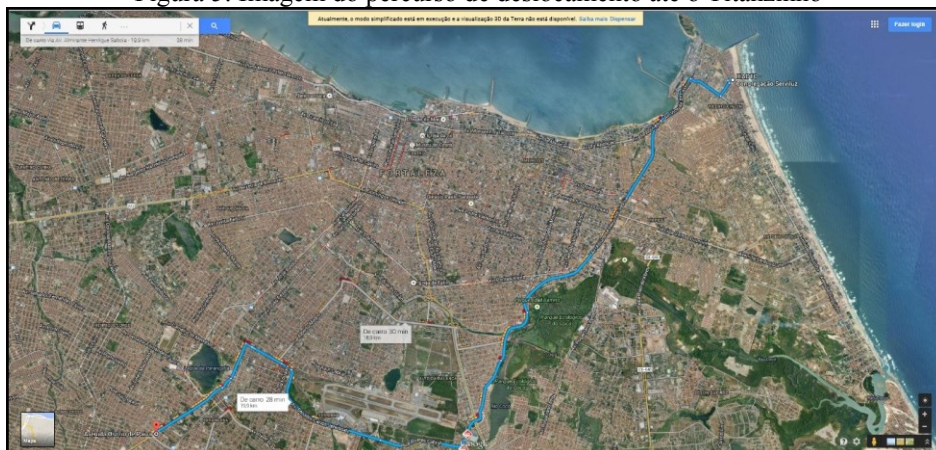
Conseguimos compreender o que Zaluar (1985) sentiu no começo de suas visitas à Cidade de Deus. Ao reler sua obra “A Máquina e a Revolta”, fomos nos identificando com suas angústias, medos e dúvidas.

A sensação mais forte que tive naquele momento foi a de medo. Não o medo que qualquer ser humano sente diante de desconhecido, mas um medo construído pela leitura diária dos jornais [...]. Apesar de saber que essa campanha não era senão a continuidade de um processo de longa data de estigmatização dos pobres, eu tinha medo (ZALUAR, 1985, p.9- 10).

No nosso caso, o medo se constituiu quando iniciamos “andanças” no Serviluz, lugar de difícil acesso, localizado a mais ou menos 20 km de distância da nossa residência, o que já se tornava um obstáculo à pesquisa, pois tínhamos de atravessar quase toda a cidade (ver Figura 5). Com uma escassa opção de transporte público que fizesse a linha da minha casa ao meu campo de análise²⁷, fomos mobilizados a pedir carona sempre que necessitávamos ir a campo, pois nossas investidas eram na, maioria das vezes, realizadas no período da tarde, horário de maiores fluxo de veículos, risco de assalto e lotação dos transportes públicos.

Além do que, por sairmos do Titanzinho já quase à noite também sentíamos medo de andar sozinha pela comunidade e nos deslocarmos na volta para casa. Percebemos, assim, que a imagem da periculosidade do bairro, que reflete a construção e demarcação dos “lugares perigosos” na cidade agia, de certo modo, também sobre nós.

Figura 5: Imagem do percurso de deslocamento até o Titanzinho



Fonte: Produção direta, 2014

²⁷ Há apenas uma linha que faz o trajeto sem adentrar em outros bairros e esta demora cerca de uma hora para chegar ao ponto final; que é o Serviluz.

O caminhar por entre as ruelas do bairro é um exercício social que nos esforçamos em completar, haja vista que para chegar ao nosso destino de pesquisa, o Titanzinho, faz-se necessário adentrar o bairro e penetrar o interior de becos estreitos que, por muitas vezes, evidenciam a situação de pobreza do lugar. Logo na rua principal, o olfato é aguçado: o cheiro de peixe e a maresia indicam que o mar está próximo. Durante a pesquisa, um dia marcou a seleção dos jovens a serem entrevistados que permitiriam, através deles, pensar o cotidiano do lugar. Chegamos ao Serviluz num domingo de sol, por volta de uma hora da tarde e, ao entrar no Titanzinho, logo me surgiu a vista do mar (ver Figura 6) que, assim como a comunidade, é intensamente frequentado; muitos jovens surfando e sentados nas pedras, ora descansando, ora se alongando para o surfe. Várias pessoas possuem o costume de sentar ao lado do mar, nas calçadas que servem para acolher a plateia, que costuma passar horas vendo os surfistas surfarem, enquanto degustam cervejas e alguns petiscos dos bares localizados nas redondezas.

Paralelamente a esse panorama, um carro de ronda policial fica estacionado em meio às conversas e olhares; agentes que se exibem entre os óculos escuros e as fardas que impõem uma esfera de “vigilância” à comunidade. Estamos no Titanzinho, lugar marcado pela iminência do perigo.

Figura 6: Av. Leite Barbosa, principal rua de acesso à Praia do Titanzinho



Fonte: Pesquisa direta, 2014

Ao adentrar um pouco o bairro pela Avenida Leite Barbosa, rua de principal acesso ao Titanzinho, é notória a vida intensa da comunidade. O percurso por esta rua é marcado pelas interseções das ruas General Murilo Borges, Titã, Brizamar, Vereador José Monteiro, Deputado Flávio Marcilio e Ponta Mar, as quais possuem uma grande movimentação de pessoas que, assim como na rua principal, ficam nas portas de suas casas conversando, crianças a jogar bola e muita música, dos mais diferentes estilos - o forró disputava espaço com as músicas *gospel* que embalavam a faxina de uma das casas. A maré mais baixa - maré seca, como é chamada - proporciona aos moradores que moram em frente ao mar a possibilidade de também sentarem-se à frente de suas casas (ver Figura 7).

Figura 7: Casa à beira mar na maré seca



Fonte: Pesquisa direta, 2014

Entre as diferentes possibilidades de atividades que a comunidade proporciona, é o surfe que mais nos chamou a atenção. O mar do Titanzinho traz encanto e nele quatro atividades distintas podem ser percebidas: pessoas nadando, os pescadores e algumas mulheres lavando roupas nas pedras mais afastadas, porém é o surfe a atividade que contém o maior número de praticantes e são os jovens os maiores ocupantes do mar com seus cabelos e roupas coloridas.

Tentaremos adiante mostrar como foi o processo de delimitação do *corpus* e inserção da pesquisadora para observação no Titanzinho.

2.2. Delimitação do campo específico e dos sujeitos analisados.

O desenvolvimento do nosso conhecimento foi se tornando, ao longo dos tempos, tão fragmentado em diferentes especializações que acabamos por perder a capacidade de observar e até mesmo compreender determinados fatos e situações em seu contexto mais amplo. Tendemos a pensar, por exemplo, sobre a violência de maneira desprendida dos problemas sociais. Com isso, perdemos profundidade de conhecimento e a partir daí, “[...] a perda do saber, muito mal compensada pela vulgarização da mídia, levanta o problema histórico, agora capital, da necessidade de uma democracia cognitiva” (MORIN, 2003, p.19).

Tendemos a dar crédito a quase tudo o que a mídia produz, mas superestimamos por diversas vezes a influência que os meios de comunicação possuem sobre nossos comportamentos e atitudes no cotidiano. Isto nos remete à teoria do efeito da terceira pessoa, conhecida também como Hipótese de Davidson, a qual, de acordo com Freire (2009), refere-se à percepção de que a mídia massiva teria efeitos diferentes no *eu* e no *outro*; tendemos a supor que o *outro* é sempre manipulável e o *eu* protegido contra essa influência. Tal efeito possui a característica de fomentar, de certa forma, a censura e a restrição, ao considerar a vulnerabilidade dos *outros* aos efeitos nocivos da mídia, quando, por exemplo, a letra de alguma música é considerada imoral e/ou ofensiva pelo senso comum, é o efeito de terceira pessoa que passa a ser responsável por motivar restrições, principalmente sobre os jovens. Ao ouvir tal música, passa-se a questionar: “Mas o que os *outros* vão pensar?”. Porém, não podemos deixar de levar em consideração a capacidade dos indivíduos de não serem totalmente passivos no processo de consumo das informações midiáticas, pois estes possuem e utilizam da capacidade de reconfigurar o que a mídia produz.

É comum ouvirmos falar sobre a veracidade dos fatos transmitidos pelos meios de comunicação através de expressões, tais como: “Mas passou na televisão”, “Eu vi nos jornais”, ou simplesmente: “Tá na internet”. Grande parte da população crê nas informações publicadas nestes meios e as veem como sendo elas próprias a verdade real sobre os fatos ocorridos na cidade ou no país em que elas moram. Cremos que a

confiança que os espectadores destas mídias depositam sobre elas se relaciona com o fato que McLuhan (1964) já havia observado durante seus estudos sobre os meios de comunicação. O autor considera que tais meios cumprem o papel de extensões do homem, os quais, inseridos no cotidiano social da população, seriam as extensões do ser. Assim, a mídia retrataria com fidedignidade a realidade dos acontecimentos. Compreender de que maneira os jovens do Titanzinho se relacionam e se identificam com as notícias veiculadas sobre eles é uma maneira de observar como se dá o processo de formação de identidade dos mesmos, e a aproximação do pesquisador com o lugar estudado é possibilitada através do próprio trabalho de campo, o qual é responsável por “[...] estabelecer uma interação com os ‘atores’ que conformam a realidade e, assim, constrói um conhecimento empírico importantíssimo para quem faz pesquisa social.” (MINAYO, 2007, p.61).

Os jovens surfistas, observados em seu conflito diário entre as práticas de socialização do lugar e as experiências alternativas à realidade local, tornam-se protagonistas da violência e da resistência não violenta, vivendo a contradição entre ser agente e vítimas de crimes. Estar vulnerável socialmente não é necessariamente ser vítima, e explanaremos sobre isso mais à frente.

Com o número de praticantes e simpatizantes crescendo a cada dia, o surfe se tornou uma modalidade esportiva que atraiu o interesse por sua prática. Percebo isso por meio dos números de escolas para iniciação que foram criadas na comunidade do Titanzinho. Então, a ideia é sair da beira da praia e adentrar neste universo que é o mundo surfe.

Ao chegar ao Titanzinho para as primeiras entrevistas e aplicações de questionários, a maré estava alta e cobria algumas pedras pequenas; as grandes eram usadas como um tipo de “trampolim” de onde alguns jovens pulavam no mar quando a onda chegava até elas. Eles pareciam se divertir com o perigo de pular sobre as pedras. Os menores ficavam com os olhos vidrados enquanto os mais velhos pulavam; eles vibravam a cada salto. Até que dois dos menores criaram coragem para pular também, após incentivo e até mesmo deboches por parte dos que já haviam saltado. Isto me lembrou de uma passagem do livro “A Construção Social da Realidade”, onde os autores colocam que a subjetividade do indivíduo é completada pelo “outro”. No momento que reconhecemos esse “outro”, no encontro face a face, identificando seus defeitos, qualidades, enfim, negando-o ou percebendo suas singularidades, vamos nos

construindo concomitantemente e possibilitando a definição de formas de pensar e agir. Os mais jovens querem ser como os mais velhos e se espelham neles; querem ser corajosos.

Pensamos sobre os tipos de lazer destes jovens e Rubem Oliver (1985) considera o lazer como sendo uma área de estudo negligenciada pelos cientistas sociais, os quais tendem a privilegiar em suas pesquisas a categoria trabalho, sendo esta uma tendência histórica, pois pensava-se que o lazer seria uma contradição ao trabalho. O autor se contrapõe a essa tendência ao afirmar que o lazer é praticado devido ao trabalho, onde a dicotomia que agora se instaura é em relação ao tempo gasto em cada atividade tempo de trabalho e tempo livre. Nesse caso, o lazer é visto como elemento central da cultura vivenciado por milhões de trabalhadores e se relaciona sutil e profundamente com os problemas advindos da sua vida cotidiana que por meio dele passam a ser vistos com novos olhares.

Ao considerarmos o surfe como o principal lazer dos jovens entrevistados, percebemos que é também através de sua prática que há a diferenciação entre a concepção do “ser jovem” e “ser adulto”, como fala o entrevistado Davi Sobrinho, 16 anos, jovem surfista nascido e criado no Titanzinho: “Aqui os adultos mesmo eles trabalham e surfam nos horários de folga. Os jovens não, eles surfam direto” (informação verbal)²⁸. Podemos, com isso, conectar o fato de a visão do senso comum em relação aos surfistas ser carregada preconceituosa, “os que não trabalham”, “os que não estudam” etc. Percebemos um embate entre os próprios surfistas; duas meninas outrora entrevistadas estavam chegando da escola e pararam para ver os meninos pularem no mar. Ao serem indagadas porque não pulavam elas diziam: “Nam, (*sic*) eu tenho mais o que fazer”, “Vocês parecem que não tem nada pra fazer, passam o dia aí, vão surfar” (informação verbal)²⁹. Neste caso, o surfe é visto como um tipo de interseção entre o lazer e o trabalho, pois sendo Juliana S. surfista profissional³⁰, ela declara considera-lo seu trabalho.

O aumento da criminalidade e a precariedade do bairro fez com que a maioria dos jovens escolhidos e entrevistados procurasse no surfe uma mudança de vida, muitos deles incentivados por familiares e influenciados por surfistas profissionais moradores

²⁸ Davi Sobrinho, 16 anos.

²⁹ Luzia D. e Juliana S., ambas de 14 anos

³⁰ Apesar de estar sem patrocínio e competir em outras categorias nos campeonatos, Juliana também se inscreve na categoria profissional devido o seu tempo de prática do surfe.

do bairro. A maioria, no começo da prática do surfe e devido à falta de verba para comprar pranchas, usa pranchas muito velhas que dificultam a evolução, mas servem para quem está iniciando obter as noções do esporte. Um dos adultos que observam os meninos expressou a importância de eles, “os meninos”, surfarem, pois assim não teriam tempo para entrar na criminalidade. Em sua opinião, tendo o tempo livre ocupado com o esporte, eles teriam chance de se tornarem “pessoas de bem” (informação verbal)³¹. Lembramo-nos de Roque Laraia (2005, p. 45), quando o mesmo afirma: “O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado”; mas o que significa ser uma pessoa de bem? Essa categoria nativa nos provoca a reflexão da construção do “homem de bem” em contraposição ao “homem do mal” e, conseqüentemente, a ver estigmas se constituindo ao se generalizar, por meio de práticas e representações sociais, quem são os “bons cidadãos” esforçados, já que inseridos nos contextos socialmente aceitos como trabalho, escola, família etc., diferentes dos não cidadãos, aqueles que não se comportam dentro das estruturas e ramificações oficiais da “boa sociedade”.

Nesta perspectiva, compreendemos as representações sociais relacionadas com as simbologias sociais, as quais influenciam na construção de um conhecimento e, assim, podem contribuir no fomento de estereótipos à medida que

As representações que nós fabricamos – duma teoria científica, de uma nação, de um objeto, etc – são sempre o resultado de um esforço constante de tornar real algo que é incomum (não-familiar), ou que nos dá um sentimento de não-familiaridade. E através delas nós superamos o problema e o integramos em nosso mundo mental e físico, que é com isso, enriquecido e transformado. Depois de uma série de ajustamentos, o que estava longe parece ao alcance de nossa mão; o que era abstrato torna-se concreto e quase normal (...) as imagens e ideias com as quais nós compreendemos o não-usual apenas trazem-nos de volta ao que já conhecíamos e com o qual já estávamos familiarizados (MOSCOVICI, 2007, p.58).

Dessa forma, a representação social corresponde à maneira como o indivíduo vê e interpreta o seu cotidiano, gerando um conjunto de imagens que tem por finalidade auxiliar na sua interpretação da vida e dos acontecimentos que nela ocorrem, atribuindo, assim, sentido a eles.

³¹ João Carlos Sobrinho, Fera, 45 anos.

Com isso, nossos questionamentos aumentavam sobre a existência da criminalidade no bairro, que se tornava cada vez mais visível pela publicidade das notícias de jornais como sendo uma região perigosa e, ao mesmo tempo, havendo a criação de resistências a este estado, já que o lugar abrigava projetos espontâneos e sociais, como as escolas de surfe. Perguntamo-nos o porquê da criação de instituições que ocupassem o tempo ocioso dos moradores, em especial os jovens. Os moradores não estão contentes com as notícias midiáticas sobre o bairro e por isso tentavam mudar a realidade em questão? Com quais imagens midiáticas estes indivíduos estavam se identificando? Estes primeiros questionamentos impulsionaram nossas novas formas de “ver e ouvir” o campo.

Para entender o que os jovens do Titanzinho, acham sobre as representações midiáticas feitas sobre eles e sobre o bairro onde residem, fez-se necessário não separá-los do seu ambiente, observar como as relações de inter-retro-ações (MORIN, 2003) referentes às notícias veiculadas sobre eles são realizadas; isso é de suma importância para a realização desta pesquisa. Com isso, conhecer o local onde a maioria dos entrevistados passa a maior parte do dia é levar em consideração as relações de reciprocidade apontadas por Morin, ao esclarecer o princípio hologramático: do todo pela parte e da parte pelo todo. O indivíduo faz parte da sociedade e é, desta forma, uma parte dela; do mesmo modo, há em cada indivíduo a presença da sociedade enquanto todo, através das normas, linguagem, cultura etc. “A ideia do holograma vai além do reducionismo, que só vê as partes, e do holismo, que só vê o todo” (MORIN, 2011, p.74). Ao considerarmos o todo, para fim dessa pesquisa, como sendo a comunidade do Titanzinho e seus surfistas, temos sua parte aqui representada pelos seis jovens surfistas selecionados, os quais nos dão informações que auxiliam nossas observações referentes às relações que se formam entre o bairro, os jovens e a mídia.

2.3. “Qual é a sua onda?”: dando forma ao discurso

Buscando entender de que maneira são geradas as percepções dos jovens em relação à mídia, ao surfe e à violência, foram utilizados basicamente três recursos etnográficos: a observação direta, em que o pesquisador se comporta apenas como um mero espectador; a aplicação de questionários, que visa auxiliar na seleção do que será

abordado nas entrevistas; e as entrevistas, onde, ao interrogar os jovens, o pesquisador tende a interagir com os mesmos a fim de coletar o máximo de dados possíveis.

Os dados aqui apresentados se baseiam nas respostas aos questionários aplicados aos seis jovens surfistas do Titanzinho, onde todos já foram ou continuam sendo participantes de algum tipo de projeto social na comunidade, haja vista que é notório perceber que os jovens surfistas que não participam de projetos sociais de qualquer tipo constituem a parcela de jovens mais introvertida em relação aos visitantes do bairro e de mais difícil acesso para entrevistas. Isso foi percebido através do trabalho de campo, quando jovens abordados para participarem da pesquisa não aceitavam e, após algum tempo de visitas exploratórias e observações diretas na comunidade, percebi que eles não faziam parte de nenhum tipo de projeto social lá instaurado.

Dos selecionados para serem nossos colaboradores nos questionários, 50% são meninos e 50% meninas, compreendem a faixa etária de 13 a 17 anos, um de 13 anos, três com 14 anos, um de 16 anos e um de 17 anos. As entrevistas foram realizadas no Titanzinho, tendo a primeira acontecido no dia 04 de dezembro de 2012 e as outras cinco divididas entre os dias 16 e 17 de março de 2014. Tentamos, a partir de suas respostas, dialogar sobre a presença de projetos sociais no Titanzinho e sobre a proximidade e o índice de violência na comunidade, bem como coletar através de suas falas quais as reações diante dos fatos e observamos qual o lugar que a violência, o surfe e a internet ocupam no cotidiano de cada um. Ressaltamos que no decorrer desse tópico apresentamos algumas conclusões preliminares sobre o campo, que serão aprofundadas em capítulos posteriores.

O título deste subcapítulo surgiu durante entrevistas, onde um jovem foi questionado sobre o seu estilo de roupa. Ao dar exemplos para ele pensar, citei o estilo forrozeiro e ele imediatamente e com um riso no rosto afirmou “Não. Essa aí né minha praia não” (informação verbal)³². Então, ao questionar qual seria sua praia, ele disse: “Minha praia é só surfar mesmo, conversar com os amigos” (idem). De todos os jovens aqui abordados, André é o único que trabalha, já formou uma família só dele e vive com a esposa e um filho. Foi difícil estabelecer um diálogo com ele, pois o mesmo permanecia na defensiva, ombros curvados, respostas curtas e sempre com a cabeça baixa, o que dificultava também ouvir suas respostas. André constitui uma das outras

³² André Silva, 17 anos.

parcelas dos jovens do Titanzinho: o jovem que começa a trabalhar desde cedo e passa a ter responsabilidades de um adulto abruptamente, apesar de considerar a juventude como uma fase de diversão e aprendizado e se reconhecer nesta. André afirma que só se diverte com a família, e o único *hobby* apontado foi o surfe.

Ao serem interrogados sobre os projetos sociais existentes na comunidade, todos os entrevistados concordam que eles são importantes, e dois são citados por todos: o IPOM (Instituto Povos do Mar) e a EBST (Escola Beneficente de Surfe Titanzinho), mais conhecida como a escolinha do Fera³³. Ambos os projetos utilizam o surfe como aliados. O IPOM, apesar de não ter uma estrutura física na comunidade, tem agentes que trabalham em parceria com a EBST.

Um dos fatores de importância dos projetos na comunidade citado pelos jovens é que através deles os jovens surfistas que visam participar de campeonatos encontram ajuda não apenas financeira, mas para competir. Pode-se tomar como exemplo o campeonato cearense, que é dividido em quatro etapas durante o ano. A maioria das famílias dos jovens não tem condições de arcar com as inscrições em todas as etapas dos campeonatos. Assim sendo, é nos projetos comunitários que eles conseguem auxílio para as inscrições e despesas. Juliana Sousa diz: “Nós que somos da parte dos surfistas né, e a gente viaja muito precisa dessa ajuda, das atividades: do inglês sabe, de (saber) falar em outros lugares que a gente for, em outros países e é muito importante isso pra gente” (informação verbal)³⁴. São as aulas de inglês e informática os principais atrativos para os jovens, onde o surfe, sendo um esporte de aprendizagem individual, uma vez aprendido, proporciona ao surfista a buscar por melhorar suas habilidades através dos treinos, de modo que as escolinhas de surfe dão apenas o suporte técnico. Os jovens acreditam que os projetos geram oportunidades de conhecimento na medida em que disponibilizam dicas sobre o esporte, o acesso à internet e às aulas de língua estrangeira,

Aqui no Serviluz é muito bacana esse projeto aí pra ajudar a criançada né, pra ter oportunidade de ser alguma coisa na vida. Porque sem esses projeto (*sic*) aí, acho que quando a gente crescer nós (*sic*) não ia ter conhecimento de quase nada, né? (informação verbal)³⁵.

³³ Artista plástico, pai de Davi, surfista e idealizador da EBS Titanzinho. Começou a surfar porque a mãe era evangélica e não queria que ele jogasse futebol na rua. Surfista há mais de 30 anos, incentivou o filho a surfar desde os cinco.

³⁴ Juliana S. Entrevista realizada por Héli da Lopes da Silva, no dia 16/03/2014 às 11:15h. Titanzinho, Fortaleza-CE.

³⁵ Genilson Dias. Entrevista realizada por Héli da Lopes da Silva, no dia 17/03/2014 às 14:10h. Titanzinho, Fortaleza-CE

Ocupar o tempo ocioso é um discurso utilizado como sendo prioridade dos projetos e um discurso apreendido pelos jovens, onde o “ficar na rua, sem fazer nada” é um dos problemas a serem amenizados através das atividades diárias fornecidas pelos projetos: “É assim, pra tirar as pessoas, os meninos da rua, pra ocupar o tempo deles, pra eles não tá (*sic*) na rua fazendo coisa errada” (informação verbal)³⁶. O envolvimento com drogas também é uma das maiores preocupações dos jovens da comunidade e uma das problemáticas que os projetos tentam reduzir ao diminuir o tempo ocioso dos seus participantes. Assim, os projetos se tornam “[...] essenciais para que essa nova geração possa também, não se envolver com esse negócio de droga” (informação verbal)³⁷. Todos os jovens questionados afirmam conhecer ou ter contato com jovens envolvidos com drogas, e que a vida deles não é um exemplo a ser seguido.

O surfe é visto como uma alternativa contra a violência e o envolvimento com as drogas; quatro dos seis jovens aqui apresentados utilizam o esporte como meio de evitar a ociosidade e como lazer. Uma parte do seu tempo também é, por diversas vezes, ocupado por outras atividades como andar de skate e jogar futebol, a exemplo de Luzia Dias (14 anos), que surfa desde os sete anos de idade, e nos relata que no começo da prática do surfe passava mais de 3 horas diárias dentro do mar, mas que agora surfa poucas vezes na semana. Porém, para dois jovens o surfe surge como uma profissão: Juliana Sousa e Davi Sobrinho, que competem profissionalmente e dizem não imaginar a vida sem o surfe. Juliana, por exemplo, surfa há nove anos e vê isso como uma maneira de esquecer o cotidiano conturbado: “O surfe pra mim é vida. A gente (*sic*) tando com raiva vai surfar pra relaxar a mente e esquecer os problemas” (informação verbal)³⁸. Já Davi, que surfa há 13 anos, coloca o surfe como central na sua vida: “O surfe mudou minha vida, porque se não fosse o surfe hoje eu não sei o que eu seria” (informação verbal)³⁹.

Pablo Paulino e Tita Tavares são os ícones de sucesso no surfe da comunidade e são constantemente vistos surfando no Titanzinho e continuam morando na comunidade. Indagamos nossos jovens sobre qual a percepção que eles tinham a respeito dos motivos que faziam Pablo e Tita ainda morarem no Titanzinho. Alguns disseram que é porque eles gostam do lugar, outros achavam que a falta condições

³⁶ Luzia D., 14 anos.

³⁷ Davi S., 16 anos.

³⁸ Juliana S., 14 anos.

³⁹ Davi S., 16 anos.

financeiras de morar em outros bairros fazia com que eles permanecessem na comunidade. Independente da opinião divergente dos nossos jovens analisados, percebemos que a falta de patrocínio ainda é uma constante e o fator crucial para eles continuarem morando ali, pois apesar do fato de estarem no Titanzinho por gostarem do lugar, com patrocínio eles poderiam estar morando e treinando em outras cidades onde o surfe tem maior visibilidade. Juliana Sousa desde os cinco anos é comparada com Tita Tavares, devido a sua aparência física e seu estilo de surfe, mas como esta desde o início da sua doença está impossibilitada de surfar como antigamente, Juliana não vê mais tanta vantagem com a comparação e afirma:

De primeiro eu sentia assim né, não uma rainha mas, uma sucessora porque as pessoas me chamavam: 'ó a Tita, a Tita' (*sic*). Pra onde eu ia me chamavam 'ó a Tita'. Aí eu ficava alegre mas depois, ela não ta surfando assim muito aí nem aqui, nem acolá (informação verbal)⁴⁰

Pablo continua sendo o principal ídolo dos jovens, tanto dos iniciantes quanto dos que já surfam há anos. Nos projetos que utilizam o surfe como ferramenta, fotos e reportagens são espalhadas pelas paredes como forma de incentivar e mostrar que há, sim, a possibilidade para cada um que se empenhar. Mesmo sem competir e possuindo apenas o ensino fundamental, Tita Tavares se encontra ao lado de Pablo Paulino, pois ambos são vistos como exemplos a serem seguidos e alimentam nos jovens surfistas a esperança de participarem das grandes competições internacionais, com o auxílio de bons patrocínios.

Quem olha “de dentro” do mar para a comunidade do Titanzinho se depara com uma paisagem de pobreza⁴¹; a falta de saneamento básico é explícita. Porém, quem olha “de fora”, da areia para o mar, ou até mesmo de dentro do mar à espera da onda, vê apenas a imensidão do mar, sente-se como qualquer pessoa/surfista de qualquer lugar, pois apesar da diferença das ondas, o mar é igual em qualquer parte do mundo. São esses momentos que, relatados pelos jovens, os fazem esquecer até mesmo os problemas sociais do bairro. Ao olhar para o mar não se vê o esgoto e nem a precariedade das ruas, muito menos a violência.

Muitos dos alunos vão aos projetos pela diversão e por estarem em contato com um grupo que possui certo respaldo na comunidade, mas se o desejo individual de

⁴⁰ Juliana S. Entrevista realizada por Héli da Lopes da Silva, no dia 16/03/2014 às 11:15h. Titanzinho, Fortaleza-CE.

⁴¹ Ver mais em: "Quando o mar insiste em ser sentimento". Notícia publicada em 12 de março de 2007. Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br/overblog/quando-o-mar-insiste-em-ser-sentimento>>. Acesso em: 15 jun. 2007.

aprendizado não for tão significativo, nem a socialização em grupo e nem os aparatos que os projetos oferecem é capaz de fazê-los ficar, logo eles deixam de frequentar. Aqui se encaixa o caso de Tiago Dias, jovem surfista que participou de quase todos os projetos disponíveis na comunidade, mas devido ao envolvimento com as drogas deixou de participar dos mesmos, ainda que o surfe continuasse sendo sua paixão e seu desempenho fosse admirado por todos que o conheciam, pois apenas um dos jovens desta pesquisa não conhecia Tiago; os outros possuíam um alto grau de proximidade com ele, tanto que por diversas vezes evitavam falar na sua morte, pois apesar de estar completando três anos em 2014, o fato ainda causava dor. Luzia Dias, de 14 anos, ao ser interrogada sobre quem seria Tiago Dias para ela, nos responde com a voz meio embargada: “É que eu não gosto de falar não, que eu começo a chorar” (informação verbal)⁴². Após alguns segundos, pudemos perceber algumas rápidas lágrimas brotarem de seu rosto. Declarações do tipo: “Ele era uma pessoa muito legal, simpática” (informação verbal)⁴³; “Ele era um irmão pra mim” (informação verbal)⁴⁴; “Ele era muito importante pra mim, ele pra mim hoje ele é meu foco (no surfe), né?” (informação verbal)⁴⁵, demonstraram que Tiago era um jovem muito querido pelos outros surfistas, apesar dos problemas com as drogas. “Ele era um surfista bom, mas ele tinha problemas nas drogas sabe na maconha, ele era uma ótima pessoa, o Tiago” (informação verbal)⁴⁶.

As diferentes histórias de vida dos surfistas aqui tratadas, como o sucesso da carreira de Pablo Paulino e a morte repentina de Tiago, mostram-nos que, apesar de conviverem em um mesmo ambiente, os indivíduos tem a capacidade de seguir caminhos de vida diferentes. Trata-se de uma batalha travada que leva em consideração a autoimagem, a atitude do indivíduo e sua capacidade de reflexão e potencial de mudança quando se depara com as experiências do eu e do nós, da vida individual e coletiva. Desta forma, percebemos a existência do indivíduo em contínuo processo civilizador, fruto da vida em sociedade, mas que não se deixar influenciar totalmente pelos fatores externos a ele, tanto positivos (como as ações dos projetos) quanto negativos (o envolvimento com as drogas, por exemplo), como o jovem Davi tenta

⁴² Luzia D., de 14 anos

⁴³ Letícia N., 14 anos

⁴⁴ Davi S., 16 anos

⁴⁵ Genilson D., 13 anos

⁴⁶ Juliana S., 14 anos

explicar com a frase “Só entra (no caso no tráfico) quem quer” (informação verbal)⁴⁷. É o que Elias sugere ao falar da balança nós-eu.

Isso se expressa no conceito fundamental da balança nós-eu, o qual indica que a relação da identidade-eu com a identidade-nós do indivíduo não se estabelece de uma vez por todas, mas está sujeita a transformações muito específicas (ELIAS, 1994, p. 9).

Os jovens aceitam o paradoxo existente na comunidade resistindo aos “encantos da criminalidade” na tentativa de terem uma mudança de vida para além do mundo das drogas. Enfim, percebemos que o surfe permanece para os jovens adolescentes do Titanzinho como um lazer, ora fácil e prazeroso, ora dificultoso e muito sério.

A violência no bairro, na percepção dos jovens aqui analisados, tem aumentado durante os últimos três anos. A maioria deles acusa o governo e a política de serem os principais responsáveis pela atual violência que vitima tanto a comunidade quanto toda a cidade. A falta de policiamento também é um fator que corrobora para a sensação de insegurança, e os jovens demonstram claramente esse sentimento em suas falas: “Sinto medo, né, de andar em alguns canto...lá na pracinha” (informação verbal)⁴⁸. São as brigas entre gangues que compõem a grande parcela desse medo de andar nas ruas do Titanzinho, principalmente sozinhos e à noite. Fatos como estes, associados às mídias sensacionalistas, influenciam na propagação de uma cultura do medo:

A cultura do medo, portanto, como a outra face da cultura da violência obscurece, inclusive, o fato de que crianças, adolescentes e suas famílias que têm que conviver diariamente com a presença e força do narcotráfico nas favelas e periferias também sentem medo (SALES, 2007, p.26).

Percebe-se, então, que a cultura do medo atinge tanto os moradores de outros bairros quanto os próprios residentes dos bairros estigmatizados. Apesar da existência de um Núcleo de Policiamento no Serviluz e de uma viatura do Ronda do Quarteirão⁴⁹ para o bairro, os jovens afirmam sentirem-se desprotegidos quando há algum ato de violência na comunidade; “Quando precisa, em uma emergência, ela não tá lá, sempre

⁴⁷ Davi S., 16 anos

⁴⁸ Genilson D., 13 anos

⁴⁹ Programa de segurança pública implementado no estado do Ceará em novembro de 2007, que abrange os bairros de Fortaleza, onde cada bairro conta com a presença de uma viatura da polícia 24 horas por dia. O sistema consiste em disponibilizar para cada equipe 12 policiais, divididos em três turnos de oito horas. A equipe fica composta em cada turno de oito horas por 3 policiais compondo um viatura Hilux SW4. As viaturas do ronda do quarteirão ficam limitadas a um perímetro de 1,5 km a 3 km quadrados. Disponível em: <<http://revista.forumseguranca.org.br/index.php/rbsp/article/viewFile/121/118>>. Acesso em: 12 jun. 2013

vem com alguns minutos de atraso” (informação verbal)⁵⁰. Os principais atos violentos relatados são: tiroteios, homicídios e brigas, que na maioria das vezes possuem relação direta com o tráfico de drogas e disputa por território, as denominadas pelos jovens de “guerras de gangues” rivais. Apesar de o assalto ter sido citado, estes não são comuns, havendo, assim, uma convergência de opiniões a qual consideram serem raras as vezes que ele tem ocorrido: “É ruim a pessoa ver roubo aqui no Titanzinho, é difícil demais” (informação verbal)⁵¹. Porém, esse fato de pouca frequência é associado à relação entre o Núcleo de Policiamento e o tráfico local, pois nos casos de violência ligados às drogas, a lei do silêncio reina. Assim sendo, o tráfico tende a não se preocupar tanto com a presença dos policiais dentro da comunidade colhendo informações e/ou buscando culpados, mas já nos casos de assaltos, principalmente aos visitantes da comunidade, não é oportuno para o tráfico que a polícia seja acionada; assim, é o próprio tráfico que os inibe, como cita Davi de 16 anos, ao ser indagado sobre a existência e constância de assaltos na comunidade: “O assalto agora não, sabe⁵², porque tem tipo uma lei que não pode roubar aqui” (informação verbal)⁵³. Outro ato de violência na comunidade apontado pelos jovens são as agressões policiais dirigidas aos jovens ditos suspeitos: “O menino tinha uma tatuagem de palhaço né, aí o policial levantou assim a blusa dele e deu um soco na barriga dele” (informação verbal)⁵⁴. O jovem expõe durante a entrevista que o fato de possuir tatuagem de palhaço indica que a pessoa já matou ou é assassino de policiais. São representações que se inserem em um ciclo de simbologia e/ou códigos utilizados pela comunidade.

Sobre a mediatização da violência, a maioria dos jovens surfistas aponta que os mesmos *sites* que divulgam o surfe divulgam também a violência. Juliana S. (14 anos), diferente dos outros jovens, é clara e objetiva na resposta; apenas ela afirmou ser através do seu cotidiano que ela toma conhecimento do aumento da violência na comunidade; “[...] não é porque eu leio, é porque eu vejo sabe, a violência cada dia aumentando” (informação verbal)⁵⁵. Neste momento consigo perceber que estes jovens não buscam saber sobre os fatores negativos divulgados sobre a comunidade; eles preferem ter

⁵⁰ Juliana Sousa, 14 anos, falando sobre as viaturas do ronda.

⁵¹ Genilson D., 13 anos

⁵² Davi Sobrinho fala que agora não é mais constante a existência de assaltos na comunidade.

⁵³ Davi S., 16 anos

⁵⁴ Genilson D., 13 anos

⁵⁵ Juliana S., 14 anos

conhecimento apenas dos aspectos positivos: notícias sobre surfe, dos surfistas da comunidade em campeonatos, enfim, notícias vinculadas ao surfe e aos aspectos positivos do lugar. Quando eles têm acesso às notícias negativas, ou é por terem lido nos *sites* onde procuram saber notícias do surfe, ou pela proliferação do assunto através do “boca a boca”: “A pessoa que presenciou o ato, ela não fica (*sic*) na dela, não, ela fica falando pra um bocado de pessoal” (informação verbal)⁵⁶. Isso nos leva a refletir sobre a teoria da “fala do crime”, de Teresa Caldeira (2000), onde os indivíduos tomam proximidade através da repetição dos casos violentos, e mesmo aqueles que nunca sofreram nenhum ato violento conhecem alguém que sofreu ou já ouviram falar sobre. Apesar de considerarem um teor especulativo e exagerado, todos concordam que o que é retratado nas notícias midiáticas condiz com a realidade da comunidade: “É violento, tudo que passa lá é verdade sabe, mas acho que exageram demais” (informação verbal)⁵⁷.

Compartilhando da afirmativa de Benilton Júnior (2006), consideramos estar a violência tão presente no nosso cotidiano, assim como no desses jovens, que temos dificuldade de tomar a devida distância a fim de refletir sobre suas consequências. Ela está, de certa forma, tão naturalizada entre nós que podemos nos chocar com um ou outro evento isolado, “[...] mas já parecemos não nos surpreender mais com sua onipresença” (BENILTON JÚNIOR, 2006, p.43). No entanto, a violência não é só cometida pelo desconhecido ou pelo considerado criminoso, a violência familiar também surge como dado desta pesquisa, pois ao presenciar a tentativa de homicídio do tio, Juliana S. nos relata que não sentiu nada em relação ao fato, pois o tio havia batido nela.

Ao serem indagados se, caso houvesse possibilidade, eles mudariam do Titanzinho, a maioria dos jovens afirmaram com veemência que não, pois não se imaginariam morando em outro lugar. Nascidos e criados naquele lugar, os jovens não querem abandonar a praia e muito menos a facilidade da prática do surfe. Em uma tentativa de me convencer sobre os benefícios de morar no Titanzinho, Davi afirma: “Aqui não é um lugar muito ruim de se morar não sabe, tem a praia, a natureza sabe” (informação verbal)⁵⁸. Porém, é Juliana S. que mais uma vez discorda dos outros jovens em sua resposta; afirma pensar, sim, por diversas vezes, em se mudar do lugar devido à

⁵⁶ Genilson D., 13 anos

⁵⁷ Davi S., 16 anos

⁵⁸ Davi S., 16 anos

presença cotidiana da violência: “[...] porque tem vez (*sic*) que aqui, fico querendo me mudar por causa da violência, por causa do surfe não. Ia vir surfar aqui sempre” (informação verbal)⁵⁹.

Vale ressaltar aqui que os questionários surgiram como uma ferramenta da atividade etnográfica e da observação direta na comunidade; um meio de coletar dados, como, por exemplo, as experiências de vida deles. Luzia Dias, de 14 anos, relata: “O lado da família da minha mãe, ela é toda assim né, (*sic*) eles briga, eles rouba aí acontece as coisa com eles né. O meu tio rouba quase todo dia, já vi as pessoas batendo nele” (informação verbal)⁶⁰; Juliana Sousa, de 14 anos, já presenciou a tentativa de homicídio sofrida pelo tio: “[...] eles ia (*sic*) matar, só que não deu” (informação verbal)⁶¹. E assim como Luzia D. convive com o limiar de atos violentos na família, Davi Sobrinho, de 16 anos, filho do idealizador de um dos projetos de maior expressão na comunidade⁶², afirma já ter visto passar pela escolinha de surfe vários casos de meninos envolvidos com o tráfico que resolveram se dedicar ao surfe e abandonar a vida de “aviõezinhos”⁶³ e outros mais que abandonaram as atividades na escolinha devido o envolvimento com o tráfico. Sobre a presença da violência na comunidade, Davi S. diz: “Eu já vi de tudo; homicídio, assalto, briga na rua, de tudo um pouco” (informação verbal)⁶⁴. Genilson D., de 13 anos, apesar de responder apenas o que era perguntado, informou durante a aplicação do questionário que era primo de Tiago Dias, jovem surfista que protagonizou um dos casos de homicídio mais lembrados pelos jovens aqui selecionados. Genilson D. afirma não querer para sua vida o mesmo desfecho do primo. A partir dessas informações, utilizamos as experiências de vida destes quatro jovens como forma de analisar o cotidiano paradoxal dos jovens surfistas do Titanzinho. Os escolhemos por possuírem na família casos de violência significativos que servem de modelo do que eles “não querem ser”. Foi através dos questionários que os nossos interlocutores foram selecionados. São as falas de Juliana Sousa, Luzia Dias, Davi Sobrinho e Genilson Dias que perpassam nosso texto, servindo

⁵⁹ Juliana S., 14 anos

⁶⁰ Luzia D., 14 anos

⁶¹ Juliana S., 14 anos

⁶² O pai de Davi é o João Carlos Sobrinho, o Fera, idealizador da Escola Beneficente de Surfe Titanzinho (EBST), que desde 1995 desenvolve atividades na comunidade. Todos os jovens aqui analisados já frequentaram a EBST.

⁶³ São os responsáveis pela entrega de drogas, que na maioria das vezes são menores de idade.

⁶⁴ Davi S., 16 anos

de aliadas às percepções empíricas, com o intuito de analisarmos “a parte” a fim de compreendermos “o todo”.

Estar em campo nos possibilitou ter ferramentas de visualização da relação entre as percepções sociais ali encontradas e a produção de discursos sociais que findam nas afirmações dos sujeitos, mas que são produzidas por um complexo sistema de legitimidades e produção de verdades socialmente estabelecidas⁶⁵.

Pensar as “verdades sociais”, portanto, sem pensar a função da mídia como produtora de um discurso sobre a juventude e violência nos bairros pobres da cidade é incorrer em uma falha que impossibilitaria uma análise clara e coerente da realidade que estudamos. Entretanto, deve-se esclarecer que não entendemos esse processo de maneira vertical, como se o sujeito incorporasse essas verdades e sobre elas não fosse agente de transformação ou ressignificação. Uma relação de insurgência acontece diariamente sempre que um discurso se estabelece, pois a apreensão deste passa por um filtro social que se confronta com o processo de socialização dos indivíduos imersos nesse campo.

Desse modo, pensar a mídia, as percepções sociais e a juventude requer uma análise que leve em consideração as formas de produção de discursos sociais, as maneiras de apreensão e ressignificação desses discursos e os “contradiscursos” produzidos nesse processo. É sobre esse ciclo da produção de discursos que o próximo capítulo se debruçará, buscando entender os agentes envolvidos nesse processo, seus interesses e objetivos, suas ferramentas de produção de discursos e as relações de poder existentes.

3. A PRODUÇÃO DE DISCURSOS E “VERDADES”: A FUNÇÃO DA MÍDIA NA CONSTRUÇÃO DE CATEGORIAS COMO JUVENTUDE, VIOLÊNCIA E LOCAIS PERIGOSOS

Ao falarmos em juventude, é preciso compreendê-la como não sendo apenas uma mera continuação da infância, e sim uma construção cultural e uma categoria que

⁶⁵ Sobre essa discussão, ver a problematização proposta por Bourdieu acerca da produção de discursos socialmente estabelecidos como hegemônicos.

não pode ser definida unicamente por critérios biológicos ou jurídicos. De acordo com dados publicados no Mapa da Violência (2013) - Homicídios e Juventude no Brasil, o foco da violência tem se concentrado entre jovens, principalmente nos casos ocorridos no espaço urbano, e é através dos meios de comunicação de massa que parte da população brasileira toma conhecimento do aumento das incidências de crimes cotidianos, tais como pequenos furtos, assaltos, homicídios e até mesmo crescimento no tráfico de drogas e armas⁶⁶. Dessa forma, percebemos a existência do processo de formação do pânico através da mídia, como trabalhado em Contrera (2002), onde a autora considera que uma das principais formas de elaboração do medo é através de imagens visuais.

Entretanto, vale ressaltar que juventude e violência são, sobretudo, categorias dispersas no social e tratadas como representações sociais e resultantes das constantes interações sociais comuns a um determinado grupo. Sendo assim, compartilhamos da ideia de Silva (2003, p. 147), que considera as sociedades sendo edificadas na comunicação, em que “[...] o sentido de comunicar, do ponto de vista etimológico, é o ato de tornar comum, fazer saber”, percebemos que a mídia, a partir do momento que expõe em suas notícias o aumento dos jovens como autores das ações de violência⁶⁷, corrobora de forma ativa na construção de representações sociais estereotipadas de pessoas perigosas ao tornar público e “fazer saber” qual o *locus* em que ela se faz constante e quem são os autores. Com isso, torna-se relevante refletir sobre a construção histórica dos preconceitos de pessoas e/ou lugares perigosos à medida que é mostrado quais os lugares de maior frequência da violência, e de que maneira os meios de comunicação cooperam para gerar na opinião pública tais estereótipos.

Consideramos a opinião pública como um conjunto de ideias compartilhada por uma coletividade e que não necessariamente têm haver com a realidade. Para Filho (1992, p. 14) “[...] a opinião pública precisa apenas da aparência da verdade. O que lhe interessa é participar do jogo, fazer parte do espetáculo e não questionar os fundamentos

⁶⁶ Sobre esse fato, podemos perceber isso exposto na notícia do jornal Tribuna do Ceará: “Fortaleza tem aumento de 22% no número de homicídios em 2013, onde o aumento é relativo ao ano anterior”, publicada no dia 16 de agosto de 2013. Disponível em: <<http://tribunadoceara.uol.com.br/noticias/fortaleza/fortaleza-acumula-aumento-de-22-no-numero-de-homicidios-em-2013/>>. Acesso em: 20 ago. 2013

⁶⁷ Ver mais em: “Cresce participação de crianças e adolescentes em crimes”, notícia publicada no Jornal O Globo, em 28 de abril de 2013, que aponta o aumento da apreensão de crianças e adolescentes envolvidos em roubos e tráfico de drogas, e aponta o Ceará como umas das capitais de maior expressão nesse quesito. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/pais/cresce-participacao-de-criancas-adolescentes-em-crimes-8234349>>. Acesso em: 20 ago. 2013.

últimos das explicações”. Quando se fala em opinião pública, é importante percebê-la como algo paradoxal: o poder invisível do visível (MARCONDES FILHO, 2004), onde ela não seria uma mera transmissão de informação, mas, antes, uma disseminação dentro de um sistema.

3.1. A Mídia: interação e integração

De acordo com Silvertone (2005), estamos vivendo numa época em que o mundo se encontra intensivamente midiaticizado, e a importância da mídia para a experiência humana como comunicação é um fato que não podemos deixar escapar. Ao mesmo tempo, nossa preocupação *com* a mídia é igualmente uma preocupação *pela* mídia. Nos *sites* e redes sociais da internet percebemos haver uma polaridade e certa oposição no modo como os jovens são representados; com reforço, há estereótipos já socialmente disseminados. Nos *blogs* sobre esporte e o nos jornais diários de Fortaleza, são os jovens que aparecem com maior frequência sendo abordados de maneira evidente e com bastante enfoque nos casos espetacularizadores, seja positiva ou negativamente. Observamos como exemplo disso uma notícia publicada no site globoesporte.com, que tratava o Titanzinho como o celeiro do surfe nacional, mas ao mesmo tempo demonstrava as dificuldades enfrentadas pela comunidade, ao que afirma que entre os anos de 2010 e 2011 “nada mudou” e que os problemas de urbanização e saneamento básico aliados à violência impedem que os turistas conheçam um dos cartões-postais da cidade devido, por exemplo, ao temor em ir ao lugar.⁶⁸

Podemos observar também que o advento das mídias eletrônicas nos pôs em um padrão de consumo excludente, à medida que o preço das tecnologias que possibilitavam o acesso selecionava quem poderia possuí-la. Quando os celulares com acesso à internet foram introduzidos no Brasil, seus preços eram altos e a população pobre, que possui desejos de acesso semelhantes à população rica, não teve acesso. Assim, é através dos meios de comunicação que os sentimentos de inferioridade são aguçados por meio das constantes propagandas que incitam o consumo, e são os jovens o público alvo delas, sendo neles “[...] inculcadas ideias que os levam a pensar mais naquilo que lhes falta do que a apreciar o que já têm” (SENNETT, 2012, p.236).

⁶⁸Ver mais em: “Celeiro do surfe nacional, comunidade do Titanzinho enfrenta dificuldades”. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/programas/esporte-espetacular/noticia/2011/08/celeiro-do-surfe-nacional-comunidade-do-titanzinho-enfrenta-dificuldades.html>>. Acesso em: 23 ago. 2011.

Partilhamos a ideia do autor, que considera ser através do consumo que a comparação odiosa surge na vida concreta, onde tal comparação tem relação direta com a exploração dos sentimentos de inferioridade, seja de uma classe ou de um indivíduo. Ela se personaliza nas desigualdades a partir do momento que se constrói uma distinção por meio da riqueza.

Juliana S. de 14 anos, uma das surfistas entrevistadas nessa pesquisa, ao ser indagada sobre o meio pelo qual acessava a internet, traz para dentro de sua resposta um relato que pode elucidar a questão da comparação odiosa. A jovem afirmou que se sentia inferior e triste por não poder possuir um celular com tecnologia avançada: “Têm umas meninas que surfam aqui, mas não moram aqui, não, os pais delas (*sic*) têm condição de comprar um celular bom com internet, porque eles mora lá na Beira-Mar. eu tinha até inveja, mas agora eu consegui comprar um” (informação verbal)⁶⁹. Juliana S. ao considerar que quem mora na beira-mar pode comprar um celular com tecnologia avançada tende a considerar o lugar de moradia de suas colegas como um lugar que abriga pessoas com um poder econômico alto e, na contramão, passa a considerar seu local de moradia como um lugar inferior na escala consumista.

Enzensberger (2003) traz uma reflexão que elucida a questão de como as mídias podem e por quais motivos tendem a formar as percepções através de suas informações, dos seus receptores. Vale ressaltar aqui que a existência da comunicação só pode ser concebida através da relação emissor-receptor, onde a mensagem seria o veículo responsável por garantir tal contato (SILVA, 2003). Nos anos de 1960 a nova esquerda política que surgia afirmava que a mídia desenvolvia um papel de manipulação das massas. Esse termo foi bastante utilizado e tornou possível a geração de diversos trabalhos analíticos sobre o tema, porém, percebemos que tal termo se tornou uma mera palavra de efeito a partir do momento que tendia a esconder os reais motivos de sua utilização. Na década de 60, os meios de produção estavam nas mãos dos adversários da Nova Esquerda, e com isso tal tese possuía um caráter defensivo. Após a inversão dessa situação política, percebemos um crescente discurso que considera a mídia como representante fiel do cotidiano das pessoas, ou seja, atribui a ela a tarefa de expor as questões sociais, vendo em suas informações uma “verdade pura”. Enzensberger (2003) afirma que essa inversão de discurso se torna a questão básica da tese de manipulação.

⁶⁹ Juliana S., 14 anos

Silverstone (2005) afirma ser a mídia dependente do senso comum, na medida em que ela o reproduz, o explora e o distorce, e isto fornece material suficiente para controvérsias e assombros diários. A geração de estereótipos, preconceitos e discriminações é produto direto deste tipo de assombros, em que

Tudo aquilo que distingue a pessoa, tornando-a um indivíduo, tudo o que nela é singular desaparece. O estigma dissolve a identidade do outro e a substitui pelo retrato estereotipado e a classificação que lhe impomos (SOARES, 2006, p. 132-133).

Esse estigma se insere também no senso comum de modo que à representação do jovem pobre do bairro perigoso seriam adicionadas características mais fortes ou mais permanentes ou ainda naturalizadas, de modo a finalmente tornar invisível a pessoa em sua humanidade e seus direitos básicos (SILVA, 2012).

Zaluar (2004), ao discutir as relações dos pequenos delitos diários como furtos e assaltos com o tráfico de drogas considera que estavam cada vez mais imbricados e seriam os jovens os mais comumente envolvidos, gerando, assim, uma criminalização da juventude. Para a autora, é esse o cenário que coloca os jovens pobres como encarnação de um mal absoluto que tornou-se um estigma presente no cotidiano dos jovens de comunidades pobres, como os do Titanzinho.

Nesse sentido, percebemos, assim como Sousa e Almeida, “[...] que o imaginário seletivo da punição se constitui e, geralmente, recai sobre alguns adolescentes expostos e vulneráveis diante das condições de desigualdade social” (2011, p.33). Esse imaginário é o resultado de um duplo processo: a formação de um julgamento culpabilizador; a sujeição criminal apontada por Misse (2008) em seu estudo sobre ofensas, acusações e incriminações e a experiência diária de exposição da população à violência simbólica, que começa a fazê-la se enclausurar numa rotina de medo (CALDEIRA, 2000).

Assim, é importante perceber que o mundo que a mídia expõe é construído por ela discursivamente com base no factual, sendo apresentado e também representado.

Nesse sentido, a mídia nos oferece estruturas para o cotidiano, pontos de referência para que possamos refletir, e não é a medida de todas as coisas, pois a percepção do que ela nos oferece é moldada por nossas ações e experiências anteriores. “Precisamos saber, todos nós, como a mídia funciona e precisamos saber ler e compreender o que vemos e ouvimos” (SILVERSTONE, 2005, p.283). Isso é

fundamental, porque a mídia se constitui no presente como um meio primordial no processo de distinção e juízo da realidade, no momento que ela toma para si o papel de mediadora do diálogo e do discurso entre a constituição de uma realidade através do que é divulgado e a divulgação da realidade constituída. Tal discurso, segundo Foucault (2013), é carregado de uma bagagem conceitual própria de quem fala: seus conceitos, percepções e visões de mundo, desse modo, todo ele é carregado de demarcações de posições e invoca as crenças individuais daqueles que o detém. Ele “[...] não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 2013, p.10). O conflito discursivo deve aqui ser entendido como camuflado nas diversas formas de discursos midiáticos e trazem todo o estigma de violência atravessado no momento da fala.

Dessa forma, “[...] a questão não é se as mídias são manipuladas ou não, mas quem as manipula. Um esboço revolucionário não deve fazer desaparecer os manipuladores. Deve, ao contrário, transformar cada um de nós em manipulador” (ENZENSBERGER, 2003, p.36). Percebemos isso na maneira como usamos, por exemplo, as redes sociais como o *Facebook*. Nesse espaço virtual, as pessoas, além de interagirem umas com as outras, comunicam-se na tentativa de persuadir, informar, criando seus próprios discursos. Concordamos com o autor quando este afirma que “[...] as mídias eletrônicas não apenas engrossaram a rede de informações, mas igualmente contribuíram para sua expansão” (ENZENSBERGER, 2003, p.23). O autor mostra que a antiga luta pela liberdade de opinião era um debate correspondente da classe burguesa. As massas, ao se manterem distantes dos meios de produção da informação, consideravam a liberdade de expressão apenas um devaneio; desse modo, observamos uma mudança nessa luta, à qual se incorpora a campanha pela liberdade de expressão. As massas, ao utilizarem das mídias eletrônicas como forma de expressar suas opiniões e mostrar seu cotidiano, têm contribuído de certa forma na ameaça à censura. Os jovens do Titanzinho entrevistados por essa pesquisa afirmam que, ao acessarem a internet, tentam mostrar através de fotos e textos em seus perfis do *Facebook* o que os *sites* dos jornais que falam sobre a comunidade tendem a esconder, ou seja, o lado bom, a beleza do lugar. Eles postam fotos do mar, da praia e buscam através da retórica discorrer sobre as qualidades do lugar, constituindo, por esse meio, a tentativa de divulgação da existência de um cotidiano do lugar não associado à violência.

Silverstone (2005) considera a retórica como sendo uma das principais características e mecanismos da mídia em seu engajamento textual. A retórica é persuasão e seu uso é sempre orientado para a ação de influenciar e/ou mudar a direção de alguma ideia, mas ela implica também classificação e argumento. Com isso, ao considerarmos a retórica como crítica e não só uma simples prática, passamos a compreender ser através da capacidade de representar o mundo e oferecer personagens e/ou situações diferentes do nosso cotidiano que a mídia articula o que queremos ver. Em 2006, Regina Casé, atriz, comedianta e apresentadora filiada à Rede Globo, estava à frente de quadro do Fantástico⁷⁰ chamado “Minha Periferia”, e nesse quadro a apresentadora viajava pelo Brasil a fim de encontrar personagens que representassem culturalmente suas comunidades de origem. Na ocasião, as histórias de vida de João Carlos Sobrinho, o “Fera”, artista plástico e idealizador da Escola Beneficente de Surfe Titanzinho (EBST), e Juliana Sousa, a Juju, uma das nossas jovens interlocutoras dessa pesquisa, que tinha na época cinco anos e já surfava, foram mostradas como forma de apresentar a vida no Titanzinho, as dificuldades e alegrias de se morar à beira-mar. Esta foi uma aparição nacional que trouxe uma grande visibilidade à comunidade⁷¹.

Enzensberger (2003) afirma que as mídias eletrônicas, a partir do seu desenvolvimento, assumem cada vez mais funções de “controle e de comando” na sociedade, desta forma o autor considera que “[...] a indústria da consciência tornou-se o marca-passo do desenvolvimento sócio-econômico” (p.11). Isso é perceptível no fato de que nós, como sociedade, não conseguimos mais conceber o mundo sem a internet. Sua utilização se torna quase que indispensável, e é através da dela que damos visibilidade eficaz a qualquer tipo de informação que desejamos compartilhar com os outros; assim sendo, os poetas utilizam a internet a fim de terem seus escritos disseminados, partidos políticos realizam propagandas de suas propostas, empresários a utilizam para fazer negócios e estelionatários para atrair suas vítimas e até mesmo a polícia, através das delegacias *online*, tornou-se adepta dessa forma de comunicação.

Para a internet já quase não existem fronteiras, pois já cabe em celulares, *tablets* e até relógios, mas são as informações e as visões de mundo disseminadas através das mídias, principalmente televisivas e da internet, que levantam questões as quais não podem e nem devem ser ignoradas, e uma delas emerge do fato de passarmos a

⁷⁰ Programa da Rede Globo de Televisão transmitido aos domingos à noite

⁷¹ Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=AZ9QZHq0t6U>>. Acesso em: 15 mar.2011.

reconhecer a onipresença diária das mesmas em nosso cotidiano. “É impossível escapar à presença, à representação da mídia” (SILVERSTONE, 2005, p.12). Nossa dependência cotidiana dela é notável, tanto para fins de entretenimento quanto para fins de informação. Passamos horas assistindo televisão e cada vez mais “surfando na internet”, a mídia se tornou “parte da textura geral da experiência” (SILVERSTONE, 2005, p.14).

A credibilidade nas informações midiáticas, que é uma característica da experiência midiática, é reforçada no Titanzinho através das notícias que exploram a realidade do lugar, como a falta de patrocínio de Tita Tavares e Pablo Paulino, a morte de Tiago Dias, jovem surfista que morreu em decorrência do seu envolvimento com as drogas, bem como a aparição da comunidade em rede nacional através do programa televisivo Fantástico. Explicitamos isso através da fala de Genilson D., 13 anos, que ao ser questionado sobre as notícias sobre os surfistas Tita, Pablo e Tiago, afirmou que “[...] o que ela mostra lá é o que acontece aqui mesmo, só que tem gente que não gosta de ver” (informação verbal)⁷². Genilson D. elucida a questão que muitos moradores da comunidade não gostam da exposição dos problemas do lugar. Percebemos, assim, o vir à tona, por parte dos jovens, do sentimento de pertença com a sua comunidade de origem, que se caracteriza por sentir-se parte de um grupo ou comunidade, e tal sentimento leva o indivíduo a fazer do lugar onde habita o seu “pedaço” (MAGNANI, 2005). O pedaço é o espaço intermediário que se localiza entre o privado e o público, no caso, entre se sentir em casa e estar na rua; sendo assim, ele funciona como ponto de referência e está diretamente ligado à noção de pertencimento. No Serviluz isso se torna mais explícito, já que para chegar à Praia do Titanzinho é necessário passar e adentrar geograficamente no bairro, como dito anteriormente.

O sentimento de pertença desenvolvido pelos jovens entrevistados também se deve muito à mídia e aos *blogs* que continuamente exaltam o surfe da comunidade e o grande potencial dos seus jovens. Isso é expresso na fala de um dos entrevistados: “É bom a gente ver as pessoas falando bem daqui, (*sic*) a gente se sente orgulhoso né, porque eu moro aqui” (informação verbal)⁷³, o que auxilia na sua afirmação de morador do lugar. Wacquant (1994) pondera sobre fenômenos dessa ordem ao distinguir a equivocada produção da percepção de que “ser pobre” tem relação direta com “ser

⁷² Genilson D., 13 anos

⁷³ Davi S., 16 anos

violento”, como resultante do ódio dos que não têm contra os que têm, pela cobiça por objetos de consumo. Tal concepção é agravada pela situação de precariedade em que vivem as famílias de bairros pobres, vítimas da discriminação por endereço, que

[...] faz diferença, abona ou desabona, amplia ou restringe acessos. [...] Hoje certos endereços também trazem consigo o estigma das áreas urbanas subjugadas pela violência [...]. Ao preconceito e à discriminação de classe, gênero e cor adicionam-se o preconceito e a discriminação por endereço (NOVAES, 2006, p. 106).

O campo também nos mostra isso. Os jovens do Titanzinho se sentem incomodados pelo fato de considerarem que a mídia, por diversas vezes, engloba todos os moradores em uma mesma categoria, e descrição com a qual eles não se sentem pertencentes, como, por exemplo, a de criminosos. Porém, na contramão dessa ação generalizante, diversas ações afirmativas dentro do bairro acontecem com o intuito de fazer com que determinados moradores não tenham vergonha de dizer onde moram, e tomem para si a responsabilidade de não se deixarem confundir com os criminosos. São ações como, por exemplo, a realização de passeatas pela paz e a divulgação em outras praias, de campeonatos de surfe com o nome do Titanzinho.

Assim, o cotidiano e o ambiente social do Titanzinho não são apenas aqueles que o consenso social construiu a partir das representações da mídia como perigoso ou altamente violento. Davi S. 16 anos, ao ser indagado se ele e a família tivessem condições de morar em outro lugar, sairiam do bairro, citou como resposta um verso que o pai fez e que para ele sintetiza o sentimento de bem-querer à comunidade: “Moro aonde o vento faz a curva, o sol nasce primeiro e o ar é mais puro, eu vejo a lua nascer e o sol se pôr. Eu sou feliz” (informação verbal)⁷⁴. O jovem afirma que apesar da violência ainda existente, ama morar no lugar. Percebemos assim, que a tentativa de valorizar a comunidade é ao mesmo tempo uma forma de resistir à discriminação.

3.2. Territorialização da violência na cidade: construção da “juventude perigosa” e do Titanzinho como local perigoso.

A categoria juventude foi se modificando ao longo do tempo, dependendo do seu contexto histórico e cultural. Na contemporaneidade, apesar das variações na faixa etária que a delimita, a juventude é concebida como um período em que há a construção de identidades.

⁷⁴ Davi S., 16 anos

Devemos relativizar o conceito de juventude para compreendê-lo ao longo da história, pois ele é uma construção social e cultural caracterizada por um mundo de experiências próprias de uma determinada fase da vida humana e pela diversidade de produções do campo simbólico (MARINHO, 2009, p.65).

Pinheiro (2006) traz a concepção de que seria através das tessituras das relações sociais que o pensamento social é constituído. Podemos perceber que no Brasil, nas últimas décadas, o poder público e a sociedade, representada por empresas nacionais, têm se preocupado em desenvolver ações que promovam a profissionalização de jovens estudantes, como a exemplo do Jovem Aprendiz⁷⁵, a fim de reverter a construção da categoria como sendo potencialmente perigosa. No entanto, a própria legislação brasileira não tem tido grande efeito nessa reversão. Apesar do Estatuto da Criança e do Adolescente/ECA (Lei 8.069/90) ter surgido com a intenção de conscientizar a sociedade geral da necessidade de o jovem ter que ser considerado como sujeito ativo de direito, o que percebemos é que há um abismo entre o que o estatuto defende e o que a realidade apresenta.

É necessário ultrapassar o critério de idade e de caráter abstrato da “natureza infantil”, já que a juventude não pode ser definida apenas por critérios biológicos e/ou jurídicos (ABREU, 1997), e observar a concepção de que crianças e adolescentes possuem percursos sociais diferentes (PINHEIRO, 2006) para que possamos compreender o porquê da associação da juventude como relegada a lugar social excludente e perigoso, principalmente em relação à classe menos favorecida economicamente. Entre outras razões, Pinheiro (2006, p. 50) aponta uma ao dizer que os “[...] lugares sociais ocupados pelos subalternos são institucionalizados, fundamentalmente, no campo da submissão, da inferioridade, da exclusão social”.

Ao analisarmos os jovens do Titanzinho, concordamos com a ideia de Almeida e Xavier (2004, p. 130) ao afirmarem que “[...] os jovens exigem o próprio espaço, buscam uma visibilidade através dos seus corpos, da política, da arte, do esporte e até mesmo do estar na rua sem fazer nada”. Assim, utilizam suas ações dentro de cada espaço social em que se inserem como forma romper a condição de invisibilidade imposta a eles, a qual decorre principalmente do preconceito ou da indiferença que compõem um paradoxal quadro de invisibilidade social (SOARES, 2000). Tal quadro é

⁷⁵ Programa do SENAC em parceria com empresas que visa proporcionar a profissionalização (experiência profissional) aos jovens entre 15 e 23 anos.

“[...] rompido em momentos de crise, conflito e violência extrema, sofrida ou praticada por eles” (SALES, 2007 p.22).

Por diversas vezes o “ser” visível de tais jovens se torna evidente, principalmente quando há uma quebra no marasmo do cotidiano da sociedade, o que concomitantemente rompe também com o quadro de invisibilidade; porém, a quebra no marasmo não é realizada apenas por meio da violência, podendo ser ocasionada também por manifestações positivas ante a sociedade. No caso do Titanzinho, as caminhadas pela paz frequentemente são reforçadas pelos mutirões anuais de limpeza da praia, pois ambos mobilizam diversos segmentos da sociedade e rompem a distância entre os jovens da comunidade e os outros moradores da cidade.

O fenômeno da violência não é particular dos países pobres e muito menos um acontecimento recente, mas, do ponto de vista da reflexão científica, esta temática surge cada vez mais diversificada, tornando-se crescentemente complexa e ganhando novas configurações. Barreira (2010), em seus escritos, faz menção a uma pesquisa realizada sobre um grupo de assaltantes liderados por um indivíduo conhecido como José do Telhado, personagem do século XIX, “[...] consta que os seus roubos eram cometidos somente contra pessoas classificadas como “velhacas”: mau patrão, mau esposo e homens ricos e avarentos” (BARREIRA, 2008, p. 23). Percebemos que houve uma transformação desse ato violento; os atuais sujeitos que cometem roubos não escolhem mais suas vítimas de acordo com um código moral visando pessoas consideradas más, mas qualquer um que na sua visão possua dinheiro e/ou bens de valor que sirvam para seus propósitos sejam eles quais forem, comprar drogas ou comida. Desta forma, percebemos que a violência não se mostra como um fenômeno linear, ela também se modifica de um período a outro, como já afirmava Wieviorka (1997), e desde os anos 60 e 70 está em construção um novo paradigma característico do mundo contemporâneo.

Vale ressaltar que estão em curso profundas transformações nas concepções de violência, onde se torna “[...] legítimo acentuar as inflexões e as rupturas da violência, mais do que as continuidades” (WIEVIORKA, 1997, p.5). O que muda se torna, por diversas vezes, mais elucidativo sobre a questão do que permanece igual. No Titanzinho, por exemplo, observar através das percepções dos jovens analisados, os motivos que incentivam a não violência, nos traz mais elementos sobre a violência na comunidade do que se nos determos a observar apenas a ação em si. É através do que os

jovens nos relatam não querer que aconteça com eles que percebemos as configurações da violência na comunidade; “[...] eu não vou me envolver com drogas porque eu não quero nem (*sic*) morrer” (informação verbal)⁷⁶. O autor também ressalta o fato de que o monopólio legítimo da violência física tem se tornado gradativamente mais frágil; a população, que antes legitimava o uso da força por parte dos policiais, não aceita mais suas ações violentas. Barreira (2008) nos mostra que se torna necessário compreender a capacidade que os indivíduos têm na absorção, incorporação e enfrentamento, ou mesmo resolução dos conflitos, partes integrantes do contexto da violência.

As mudanças paradigmáticas da violência fazem com que não se leve mais em tanta consideração o fenômeno da violência em seu sentido mais objetivo, mas tendem a dar importância às percepções que o cercam e o descrevem, como por exemplo, a diferenciação e visibilidade da violência sofrida cotidianamente pelas periferias das grandes cidades e a ocorrida em meio aos bairros ditos nobres; os fatos podem ser os mesmos, porém, a repercussão social que cada um possa ter faz diferença na percepção do fenômeno por parte da sociedade civil. Devemos deixar explícito que, na maioria das vezes, essa percepção é fomentada por uma ação externa ao indivíduo, que não precisa passar por uma experiência violenta em um determinado local para considerá-lo perigoso.

A maneira como os diferentes casos criminais são abordados, principalmente pela ação mídia, colabora para a construção do medo e do sentimento de insegurança em relação ao lugar onde os fatos ocorreram, bem como na geração de estereótipos e estigmas (GOFFMAN, 2012). A parcela da mídia que tende a espetacularizar fatos violentos abusa do sensacionalismo, de modo a fornecer ao telespectador uma representação de quem são os criminosos e de onde eles se encontram:

Certos discursos midiáticos veiculam e reforçam as significações socialmente instituídas em torno da pobreza retroalimentando o *imaginário enganoso*, qual seja, a da existência de uma relação direta entre a violência e a pobreza! Relação linear, redutora e deletéria. Nesse raciocínio metonímico (deslocado), o jovem pobre, de baixa ou nenhuma escolaridade, é portador de uma *tara* específica – aquela que o senso comum denomina de ‘violento’ e ‘perverso’ (TAKEUTI, 2002, p. 174-175).

Os jovens do Titanzinho consideram a mídia como uma geradora de opiniões e, apesar de considerarem a veracidade de muitos fatos mostrados sobre o bairro, argumentam sobre ser ela o principal meio de proliferação dos estereótipos e estigmas

⁷⁶ Genilson D., 13 anos.

que recaem sobre eles e sobre a comunidade. Nesse sentido, concordamos com Sá (2009, p. 293), que afirma que em determinados momentos “[...] os atributos do lugar de moradia na favela se confundem com as atribuições imputadas à qualidade das pessoas que o habita”. Percebemos isto na fala de um dos jovens entrevistados: “[...] por causa que aqui (*sic*) tem muita coisa errada, né, eles vê (*sic*) a gente como criminosos, né, aí não do jeito que a nós (*sic*) é mesmo” (informação verbal)⁷⁷.

A significativa reverberação das notícias sensacionalistas entre a maioria dos leitores midiáticos tem consequências. Como toda redução de atores e fenômenos sociais a imagens estereotipadas, constitui um discurso que

[...] embala o nascimento de sujeitos sociais dispersos, desmobilizados para a ação, desencantados com o futuro, desacreditados de uma ética. Sujeitos sem potência política transformadora, que se vêem justificados e legitimados por esta visão essencialmente negativa da condição humana contemporânea (RONDELLI, 2000, p.160).

Elizabeth Rondelli (2000) também conclui que a violência, em determinados acontecimentos, apresenta-se como uma forma de comunicação, de linguagem e não só mera agressão física, mostrando assim que, “[...] a repercussão de alguns episódios ocorre porque revelam questões sociais que estão além dos limites dos espaços de sua ocorrência.” (p.151). Com o intuito de obter audiência, a mídia tende a dar bastante visibilidade aos casos de violência, porém, a autora nos alerta para o fato de que a mídia possibilita o conhecimento dos fatos ocorridos longe da nossa visão.

A “fala do crime” citada por Caldeira (2000) também colabora com a incorporação de certas generalizações e estereótipos difundidos pela mídia, pois esta prática incrimina indivíduos e indica certos territórios da cidade como *locus* de violência, lugares estes que se caracterizam principalmente pela miséria e cujas repercussões de ações violentas ocorridas em seu espaço, os transformam em *locus* da tragédia (ALVES; FREITAS, 2008).

Dessa forma, os esquemas, padrões e estereótipos ora difundidos pela mídia configuram um tipo de expressão conhecida como opinião pública, a qual não deve ser concebida como um dado concreto, mas inserida no social através dos preconceitos e estigmas sociais, se torna, por diversas vezes, uma representação acrescentada das características dos indivíduos. Com isso, “[...] as subjetividades e identidades coletivas, em sua constituição, passam pelo consumo de bens simbólicos e, a considerar os temas

⁷⁷ Genilson D., 13 anos.

e imagens difundidos midiaticamente, pela percepção da violência urbana” (SILVA, J.C.; SILVA, H.L., 2013, p.2). Diante disso, as autoras apontam a existência de “[...] uma elaboração coletiva sobre cada um desses fenômenos, que modula comportamentos e arranjos de sociabilidade” (idem, p.2). Os jovens, em suas particularidades, se deparam com diferentes manifestações da violência e com várias formas de conformação e de conflitos, prática ou enfrentamento da violência e preconceitos.

Para Simmel (1983), a existência dos conflitos deve ser admitida levando em consideração as diversas formas como ele se apresenta, já que são inerentes à vida social. O conflito é a respiração social das interações, sendo imanentes a qualquer relação social; destina-se a “[...] resolver dualismos divergentes; é um modo de conseguir unidade, ainda que através da aniquilação de uma das partes conflitantes” (SIMMEL, 1983, p.123). O homem não alcança a sua unidade somente através da harmonia; o conflito faz parte da formação e desenvolvimento humano, pois através dele também se chega ao consenso. Olhar o mundo sob a ótica do conflito, como pensou Simmel, significa desconstruir os imaginários da existência de uma harmonia absoluta.

Um dos conflitos atuais enfrentado pelos cientistas sociais é com o senso comum. Tal conflito se dá através da intenção, por parte dos cientistas, de desconstruir a contemporânea ideia sobre a criminalidade que associa a juventude à pobreza, a qual faz com que determinada parcela dos jovens moradores de áreas pobres incorporem uma visão que é reforçada cotidianamente: a de serem suspeitos e/ou perigosos, como se eles possuíssem a potencialidade de serem agressivos e/ou violentos. A mídia tende a utilizar tal ideia com o intuito de aumentar o público de suas notícias, e jovens como esses do Titanzinho se tornam alvos primordiais de tais notícias, por pertencerem à

[...] comunidades estigmatizadas, situadas na base do sistema hierárquico [...] onde os problemas sociais se congregam e infeccionam, atraindo a atenção desigual e desmedidamente negativa da mídia, dos políticos e dos dirigentes do Estado (WACQUANT, 2001, p. 7).

A construção da identidade para os jovens é um processo conturbado onde “[...] as referências positivas escasseiam e se embaralham com as negativas” (SOARES, 2006, p.137). Assim, se a reflexão sobre o que é ser bandido, traficante ou criminoso no Titanzinho for compartilhada com a ideia de que estes têm obtido melhora de vida, têm vivido com conforto, têm alcançado *status* social na comunidade e ainda dão oportunidade aos jovens, traz à tona outra construção real do “ser gente”; aquele que

tem e consegue viver bem por meio do mundo do crime, concepção essa diferente da concebida pelos jovens entrevistados, a qual nos remete ao sentido de “ser salvo” da criminalidade e se tornar alguém “de bem”, em contradição com os ideais do crime. Resta saber com quem os jovens estão se identificando e como expressam isso, qual o caminho que escolheram seguir a fim de não se tornarem, ou não, os “antimodelos sociais” (TAKEUTI, 2002).

Durante o séc. XVIII, mais precisamente no início da era industrial, a classe contestadora nascente é que era considerada como uma classe perigosa - os tais antimodelos -, pois colocava em debate as condições sociais de trabalho e reivindicava melhorias. Na atualidade, os pobres são considerados perigosos devido ao crescimento da ideia de que “ser pobre” tem uma relação direta com o “ser violento”, seria assim “[...] a maldição de ser pobre no meio de uma sociedade rica” (WACQUANT, 1994, p.24).

Diógenes (2008) considera que é a partir do zoneamento urbano que se tende a classificar os lugares da pobreza e da riqueza, construindo-se uma relação direta dos lugares com o caos e a ordem, respectivamente, e é através desta ação que o cotidiano das periferias das grandes cidades se torna alvo, mais uma vez, de estereótipos, preconceitos e violência. A periferia pobre se torna então um “[...] lugar da relegação social e simbólica” (TAKEUTI, 2002). O Titanzinho se encaixa nesse parâmetro; tem apresentado problemas urbanos como a ocupação de terras públicas por habitantes de baixa renda que criam áreas de favela e sem planejamento, problemas característicos de grandes metrópoles como Fortaleza.

Na opinião pública, disseminada principalmente pela mídia, morar no Serviluz já é uma condição de vulnerabilidade diante da pobreza e da violência que assombra o bairro. Ele é constituído por uma população que apresenta, em sua maioria, condições socioeconômicas de níveis abaixo da média brasileira: possui o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,386⁷⁸, o que pode ser detectado no cotidiano dos moradores através da falta de oportunidades de trabalho e na ocupação em trabalhos informais.

⁷⁸Disponível em: <<http://www.fortaleza.ce.gov.br/regionais/regional-ii/cais-do-porto>>. Acesso em: 20 jan 2013.

3.3. Sujeição criminal na busca da construção de estigmas

A juventude tem se encontrado continuamente oscilando entre ser vítima e/ou algoz de diversos casos de violência noticiados pelas mídias da internet. Podemos ter como exemplo dessa oscilação uma notícia veiculada em um jornal diário da cidade de Fortaleza que relatou a morte de um jovem, o qual respondia por um homicídio, no bairro Serviluz⁷⁹. Percebe-se que os jovens são alvo majoritário em diversos casos de violência registrados nas divulgações midiáticas. Dessa forma, mesmo aqueles que não estão diretamente envolvidos em algum caso podem falar sobre o assunto, pois a facilidade com que as notícias, fotos e imagens de fatos violentos circulam nas mídias sociais tem permitido com que eles fiquem cotidianamente em proximidade com a violência, com consequências que vão da banalização e naturalização dos atos violentos, e por que não dizer, à preferência estética por imagens que simbolizam isso, principalmente entre jovens da periferia.

A violência, não só física, aparece em lugares como o Serviluz diluída, tornando-se imperceptível, o que corrobora a ideia de que “[...] entranha-se no cotidiano até chegar a ser invisível.” (DIÓGENES, 2008, p.30). Uma das formas de violência enfrentada pelos jovens do Serviluz, bem como os da comunidade do Titanzinho, é manifestada no abandono a que eles estão expostos devido ao alto índice de envolvimento dos pais com as drogas, que, muitas vezes viciados, deixam seus filhos sozinhos em casa e/ou entregues ao cuidado dos avós, já idosos, que na maioria das vezes não conseguem evitar que os mesmos se entreguem também à dinâmica das drogas. Juliana S., 14 anos, passou alguns anos morando com a avó devido a um fato como este, pois a mãe não parava em casa e, às vezes, deixava-a sozinha por horas.

A situação de abandono das crianças e dos adolescentes do Titanzinho agrava ainda mais a vulnerabilidade social em que eles se encontram, tornando-os, como elucidado por Misse (2008) em seu estudo sobre ofensas, acusações e incriminações, sujeitos encobertos por um tipo de “sujeição criminal”, procedimento este que tende previamente a identificar as pessoas que irão compor um tipo social negativo, considerado como “propenso a cometer um crime” (2008, p.14). Essa categorização aproxima-se daquela de “suspeitos sociais” (TAKEUTI, 2002), que aponta os jovens

⁷⁹Disponível em: <<http://tribunadoceara.uol.com.br/noticias/policia/jovem-que-respondia-por-homicidio-e-executado-no-serviluz/>>. Acesso em: 09 mar. 2013.

como os primeiros a serem tidos como responsáveis pelas desordens sociais e fazendo-os pessoas mais propensas à abordagens policiais e sujeitos a “levarem baculejos”⁸⁰.

Esses são alguns elementos que apontam, de um lado, a *invisibilidade* do sofrimento por que passam crianças e adolescentes das classes trabalhadoras nas suas áreas de moradia e socialização [...]. De outro, sinalizam o tipo de malhas simbólicas e ideológicas que permitem a visibilidade dos adolescentes, uma visibilidade intensificada pelo preconceito e medo da violência, [...]. Trata-se, portanto, de uma condição de visibilidade perversa, seletiva e reprodutora de discriminações históricas contra os setores mais pauperizados e insubmissos (SALES, 2007, p. 27).

Pode-se dizer que tais malhas simbólicas e ideológicas também perpassam a mídia em que por diversas vezes prolifera a caricatura do pobre, transformado este num tipo de agente do mal e da violência. Verificamos, então, que o processo de incriminação social tende a ganhar maior expressão de acordo com a distância social entre o acusador e o acusado (MISSE, 2008).

Cabe ressaltar que a sujeição criminal acontece antes que o sujeito cometa um crime. É um conceito que engloba estereótipos e estigmas, rotulando determinados indivíduos como propensos a cometer um crime. Já a incriminação é um processo que inclui o sujeito numa discursão legal do ponto de vista jurídico. Não se pode conceber a sujeição criminal sem a existencia da incriminação, mas o contrário pode acontecer. No momento em que sujeitamos um indivíduo, por exemplo, ao estereótipo de ladrão, estamos compartilhando de uma lei do código penal que o pune, havendo, assim, uma incriminação. Porém um criminoso pode ser incriminado judicialmente sem que antes tenha sofrido da sujeição, daí surge a expressão: “ele nem parecia um ladrão”.

São essas as condições de vida e vulnerabilidade social, associadas às denominações pejorativas, que atingem cotidianamente os jovens que residem em bairros populares como o Serviluz. A realidade de sujeição, invisibilidade e preconceito é uma constante nestes espaços e um agravante ao sofrimento que seus sujeitos já são submetidos à falta de recursos básicos para uma boa qualidade de vida, como saneamento básico, aparatos culturais, materiais e sociais.

Porém, não se pode deixar de considerar as coisas boas que tais comunidades possuem e desenvolvem, como o surfe no Titanzinho, que agrega jovens

⁸⁰ Gíria para busca pessoal. Ação utilizada pela polícia para abordar suspeitos, ato de fazer uma busca por armas, drogas e qualquer outro objeto não legal que possa estar escondido no corpo de um suspeito.

indiscriminadamente e surge como um motivador de esperanças, pois muitos dos jovens do *Titã* depositam no mar seus desejos de mudança de vida.

4. O SURFE E INTERNET: CONCEPÇÕES E PRÁTICAS

Depois de cinco anos de estudos e inserções no campo, podemos falar com propriedade sobre as características físicas dos surfistas cearenses. Anteriormente a esse período de estudos sobre o Titanzinho e seus moradores, tínhamos uma concepção de surfista baseada nos moldes californianos; pele bronzeada, cabelos loiros parafinados,

quase brancos, olhos claros e alma serena. Estereótipo que nada condiz com nossos surfistas, pelo menos em sua maioria. Após inserção no campo, percebemos outras características dos surfistas de Fortaleza: eram em sua maioria morenos, não só por questões étnicas, mas por estar sua pele escurecida pelo sol. Os cabelos também não eram, em sua maioria, loiros; eram escuros também, e às vezes algum surgia com cabelos amarelados do sol. Eram ativos, falavam rápido e gesticulavam bastante ao falar. Essa maneira de se comunicar visando rapidez gera uma torrente de informações. Como proposto por Gitlin (2003), desejamos consumir o máximo de informações das mídias, por isso tendemos a navegar com volúpia entre os ambientes virtuais; várias abas abertas na internet, diversos cliques em notícias, várias redes sociais acessadas quase que ao mesmo tempo são ações que demonstram como a mídia pode dominar nossas vidas. O autor ainda considera que através da mídia, no movimento de ir e vir com facilidade, nos encontramos “[...] numa busca interminável de estímulos e sensações” (p.14). Os surfistas também buscam sensações, e a adrenalina é o sentimento mais citado entre os jovens entrevistados. Eles gostam disso; portanto, quanto mais velozes estiverem numa onda, mais prazeroso torna-se o surfe.

Analogamente a isto, percebemos o crescente movimento de transcender rapidamente o espaço físico através da tela do computador. A internet abre janelas e portas, e nos permite transpor limites geográficos da casa, do lar. Os jovens surfistas do Titanzinho, assim como outros jovens, podem em apenas um clique ver as ondas de Fernando de Noronha e até mesmo de outros picos internacionais. A mídia detém o poder de abrir e fechar portas, controlando os direitos de passagem, como acontece similarmente com o localismo, prática própria do surfe que se define pela atitude de um grupo de surfistas daquela região tentarem impor o domínio sobre as ondas surfadas num determinado pico ou local onde a atividade esteja acontecendo (iremos discuti-lo mais amplamente mais à frente).

Existem diferentes tipos de surfistas como: os surfistas profissionais, que veem o surfe como uma fonte de renda; os chamados *big riders*, que se aventuram em surfar ondas gigantes que ultrapassam dez metros de altura; os surfistas de fim de semana e aqueles que, apesar de não serem profissionais, surfam constantemente, sempre que podem, apenas pelo prazer que o esporte proporciona.

O surfe está ligado ao grupo denominado de esportes radicais devido ao teor criativo para a realização de suas manobras e ao perigo do atleta se machucar ao errar

alguma manobra. Apesar da pouca bibliografia sobre o surgimento do surfe, há certo consenso sobre a informação de que esta prática tenha se iniciado através dos reis nas Ilhas Polinésias. De acordo com o *site Surf Ingleses*⁸¹, os habitantes dessas ilhas usavam o mar como trabalho, mas também por diversão, e nesses momentos praticavam um esporte que se definia por ficar de pé nos troncos sobre as ondas do mar. Tal prática, com o tempo, tornou-se parte da cultura local, fazendo parte de cerimônias religiosas e mesmo ritos sociais.

Há, assim, coerência na fala de um dos meus informantes, um adulto surfista morador do bairro: João Carlos – o Fera -, 45 anos, que sempre repete essa frase quando é indagado sobre o surfe no Serviluz: “É um esporte nobre criado para os reis, mas que alcançou os pobres” (informação verbal)⁸². Esta afirmação tem relação com a cidade de Fortaleza, já que os melhores lugares para a prática de tal esporte nesta cidade estão localizados em áreas de pouco investimento estatal, que geralmente se classificam como pobres e envolvidas com a criminalidade.

Como qualquer grupo social, os surfistas também passam por momentos conflituosos, os quais, de acordo com Simmel (1983), são inerentes à vida social. Seus contornos são percebidos principalmente nas conformações e nos atritos oriundos deles. Tais conflitos nos ajudam a compreender as formas como se manifestam as expressões individuais dos envolvidos. O conflito, portanto, se destina a resolver dualismos divergentes; é um modo de conseguir unidade, ainda que através da aniquilação de uma das partes conflitantes. O homem não alcança a sua unidade somente através da harmonia; o conflito faz parte da formação e desenvolvimento humano. Forças de atração e repulsão mantêm a sociedade. “Em tais casos, os membros reconhecem que se mantêm unidos na medida em que têm a mesma aversão ou o mesmo interesse prático contra um terceiro” (SIMMEL, 1983, p.161). No surfe, o surgimento de conflitos surge como uma forma de impor certas regras de convivência e respeito dentro do mar.

Podemos enumerar dois conflitos pertinentes ao surfe: a “rabeação” e o localismo, antes mencionado. O primeiro conflito é uma reprodução das regras existentes entre os surfistas durante a prática do esporte. O conflito expresso em “rabear” pode ser percebido quando um surfista invade a preferência do outro em relação à onda e a surfa em seu lugar. Este fato pode ser análogo ao ato de desrespeitar

⁸¹ Ver em <<http://www.surfingleses.net/historia.html>>

⁸² João Carlos – o Fera -, 45 anos

uma fila, o que acarreta grandes discussões e coerção sobre o indivíduo que exerceu o ato, principalmente quando as condições naturais para a prática do surfe não estão boas; às vezes, surfistas passam quase vinte minutos à espera de uma onda; apesar de ser um ato considerado reprovável, já foi praticado por quase todo surfista. O segundo conflito, o localismo, antes pré-citado em sua básica definição, tem por tradução o sentimento exacerbado de pertença com o “pedaço”, como definido por Magnani (2005), onde o surfista que é morador do pico se acha no direito de escolher aqueles que podem ou não frequentar determinados locais usados para a prática do surfe. Cabe acrescentar que o surfista frequentador de determinada praia por um longo período de tempo também possui e expressa tal sentimento de pertença.

Um caso recente pode ser bastante elucidativo quanto ao localismo em Fortaleza⁸³. Ocorreu no Titanzinho, mas suas motivações vieram de um pico vizinho, a Praia de Iracema. Um surfista morador do pico, ao ser “rabeado” por um jovem que surfava próximo a ele, agiu de forma violenta contra o mesmo; ainda dentro do mar, o morador o atingiu com uma prancha e o agrediu também verbalmente, usando como motivação para isso a ideia de que os surfistas devem respeitar a preferência em surfar as ondas dos moradores do pico onde estão surfando. O jovem agredido era mais franzino que o morador do pico e por isso não revidou as agressões. Passados alguns dias, o agressor foi surfar no Titanzinho e um surfista morador do lugar, que é amigo do jovem que outrora foi agredido, resolveu ir conversar com o agressor, indagando-lhe se ele não achava-se covarde por bater num garoto menor que ele. Sem obter respostas, ordenou brandamente ao agressor que se retirasse do mar remando, não deixou nem sequer o agressor “dropar”⁸⁴ nenhuma onda, e ainda avisou que o mesmo estaria proibido de surfar no Titanzinho. Este caso teve uma repercussão extra-surfe, pois o pai do garoto agredido ainda possui desavenças com o agressor do filho, assim como os amigos envolvidos, e sempre que as partes se encontram, instaura-se o clima de uma possível briga.

O surfe, assim como a vida, não é só conflito. Há momentos de intensa interação no mar ou mesmo fora dele. A “camaradagem”⁸⁵ é um dos pontos fortes dos surfistas, que vai desde o ensino do esporte ao estímulo dado a um amigo, que é

⁸³ Usaremos o fato como exemplo, mas não citaremos os nomes dos surfistas envolvidos, pois o morador do Titanzinho que nos contou a ação nos pediu para não expô-los.

⁸⁴ Ato de surfar a onda.

⁸⁵ Pode-se entender como qualquer ação ou atitude amistosa.

reconhecido como “*brother*”, para surfar em uma boa onda. Percebo que, apesar de ser um esporte individual, o surfe nada tem de solitário, pois sua prática em companhia dos “*brothers*” produz momentos de diversão e aprendizado. Os jovens desta pesquisa praticam aulas de katá do surfe e ioga. O aprendizado do katá tem como principal meta fazer com que o corpo do aluno vá se adaptando às manobras do surfe; o intuito é fazer com que os alunos aprendam a mentalizar a manobra a ser realizada antes mesmo de estar surfando na onda. Os alunos são enfileirados e se colocam de frente para o professor, o qual vai dando comandos verbais com os nomes das manobras e os alunos vão realizando-as como se estivessem dentro do mar sobre a prancha de surfe. A técnica é conhecida também como “surfando no imaginário” e consiste na realização de manobras expressivas (ver Figura 8).

O ioga é uma filosofia tradicional que se refere ao disciplinamento físico e mental da pessoa que o pratica; possui a meditação como principal atividade, compartilhando com o surfe de ideais tais como o respeito à natureza e a não violência. O ioga vem ganhando um espaço considerável entre os surfistas como uma forma de preparo físico e mental. De acordo com os próprios alunos, as aulas de ioga têm ajudado na realização das aulas do katá, devido aos diversos movimentos de alongamentos realizados que permitem maior flexibilidade na hora de surfar. Aliado ao katá e ao ioga, os surfistas entrevistados dizem que sempre assistem a filmes de surfe e praticam o katá em casa tentando reproduzir os movimentos dos atletas nos filmes.

Figura 8: Katá do *surf* realizado na praia⁸⁶

⁸⁶ “Esforço e mobilização das comunidades”. Notícia publicada em 10 de novembro de 2010 no *site* do jornal Diário do Nordeste. Disponível em: <<http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=779939>>. Acesso em: 10 nov. 2011.



Fonte: Diário do Nordeste, 2010

Vale dizer que é no decorrer dessas aulas que podemos reafirmar a prática das ações “camaradas”. Os jovens mais experientes ajudam os mais novos durante as aulas na realização dos exercícios e, por muitas vezes, têm que parar de fazer o exercício visando a ajuda e o aprendizado do outro, mas isso não é tão espontâneo, haja vista que alguns professores incentivam constantemente esta prática de solidariedade entre eles. Estes atos de boa convivência no ambiente da praia me fazem lembrar a obra *Do Contrato Social*, de Rousseau (1973), em que o autor afirma que para poder viver em sociedade é necessário que se realizem abdições individuais feitas por sujeitos particulares em nome de uma coletividade. Com isso, as demandas individuais seriam recompensadas em suas perdas, ou seja, ajudar o próximo, mesmo que abdicando de fazer o exercício proposto pelo professor, seria recompensado pelo “prazer” de estar ajudando um “*brother*”.

Baseados em conversas informais realizadas durante o período de pesquisa em 2010, com dois professores de surfe, o João Carlos Fera morador do Titanzinho e o Israel Rodrigues morador da Praia do Futuro, bairro vizinho ao Serviluz, podemos enumerar alguns dos diversos benefícios que a prática do surfe pode trazer para quem o pratica. Não há restrições e nem idade certa para a prática do esporte, que contribui para melhorar a postura do atleta, pois durante as manobras o equilíbrio é essencial para continuar em pé na prancha. Adicionamos a isso outras atitudes positivas; alimentar-se

bem, beber bastante água, alongar-se antes de surfar e passar protetor solar são os principais cuidados que qualquer surfista necessita saber e fazer.

Apesar de toda vida saudável que um surfista possa ter, é inegável que há, sim, o uso de drogas entre uma parcela considerável dos seus praticantes, até mesmo no meio profissional. Em novembro de 2010, o tricampeão mundial Andy Irons, de 32 anos, foi encontrado morto num quarto de hotel e, de acordo com a notícia vinculada no *site* globoesporte.com, em 2011, sua autópsia indicou que o surfista possuía uma grande concentração de sedativos e até cocaína no sangue⁸⁷. O *site* “Almanaque das Drogas” considera Dadá Figueiredo como um exemplo no Brasil do que ocorreu com Andy Irons. O *site* publicou uma matéria⁸⁸ no início de 2013 que abordava o assunto das drogas entre os surfistas e apontava Dadá como “um surfista doidão” que fazia uso de drogas até mesmo para surfar; de acordo com o *site*, o atleta tornou-se evangélico, abandonando as drogas e hoje possui um projeto de contar sua história em forma de um documentário.

Apesar dos fatos expostos e em meio à questões sobre drogas e vida saudável, um dado pode ser concluído: em geral, surfistas são sensíveis às questões que envolvem a natureza, pois diversos problemas de cunho ecológico afetam de forma direta à prática do surfe, haja vista que a contínua destruição da camada de ozônio, por exemplo, implica uma maior preocupação com a proteção da pele, pois eles passam horas expostos ao sol, o que torna suas peles vulneráveis ao desenvolvimento do câncer.

Tentando relacionar o surfe com a fruição da internet, torna-se necessário, antes de tudo, entender como os jovens surfistas comportam-se no seu meio social. Desse modo, é importante considerar suas relações com as mídias e o modo como essas mídias os representa. Isso requer conceber mídia como mais do que veículo ou meio, para o que colabora Silverstone (2005) ao revelar a existência multidimensional das mídias: simultaneamente social, cultural, político e econômica. Nesse sentido, a fruição midiática se torna um processo que se articula às individualidades dos destinatários, influenciando sua percepção, imaginação, valores e constituição identitária.

⁸⁷ Ver mais em “Andy Irons teve parada cardíaca após ingestão aguda de drogas.” Notícia publicada em: 9 de junho de 2011. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/radicaais/surfe/noticia/2011/06/andy-irons-teve-parada-cardiaca-apos-ingestao-aguda-de-drogas.html>>. Acesso em: 10 mar.2013

⁸⁸ Ver mais em “Drogas nas ondas” Notícia publicada em: 08 de março de 2013. Disponível em: <<http://almanaquedasdrogas.com/2013/03/08/drogas-nas-ondas/>>. Acesso em: 10 mar.2013

Como afirma Gitlin (2003), é perceptível e torna-se quase óbvio admitirmos que as mídias têm efeito sobre os comportamentos e ideias daqueles que a consomem, não tanto pelo fato de que as informações que elas expõem isoladamente sejam poderosas, mas porque se repetem. Crer que o Serviluz e a comunidade do Titanzinho são lugares perigosos é fruto de décadas de exposição constante da violência nas mídias, mesmo que a própria mídia esteja hoje dando visibilidade a fatos positivos, como a exposição benéfica do surfe na comunidade, os bons resultados dos surfistas moradores do lugar em campeonatos e a divulgação dos campeonatos de surfe realizados na comunidade, tais fatos expostos hoje não são suficientes para desconstruir o estigma de violência preestabelecido.

No Titanzinho, um campeonato ficou sendo emblemático, o “*Red Bull Under Wings*”, um projeto idealizado pela marca de bebida energética Red Bull que consiste em aproximar o ídolo dos fãs. Este projeto é realizado em diversas comunidades carentes do Brasil e em 2011 trouxe uma grande estrutura de campeonato para a comunidade, com tendas e premiações. Na ocasião, contou-se com a presença do famoso atleta *Big Rider* Carlos Burle o qual, além de ser jurado no campeonato, ministrou uma palestra para os jovens surfistas mostrando os desafios de surfar ondas grandes. A presença de Burle no Titanzinho atraiu olhares das mídias locais e nacionais e assim, mais uma vez a comunidade estava presente em um dos principais *sites* de esporte nacional: o Terra.⁸⁹ O atleta elogiou o desempenho dos surfistas da comunidade e reforçou a ideia do Titanzinho ser um grande celeiro de atletas para o surfe.

Dessa maneira, podemos perceber as formas com que a mídia retrata o Titanzinho contribui para a formação de duas perspectivas sobre o lugar; ao mostrar a violência ela colabora com a reprodução de certos estigmas da comunidade, mas ao dar visibilidade às ações benéficas que lá ocorrem, ela passa a ser uma ferramenta de influência na transposição dos mesmos estigmas. Independente de qual forma se sobressai no cotidiano, importa identificar no momento que a mídia se torna central na representação do mundo social.

⁸⁹ Disponível em: <<http://360graus.terra.com.br/surf/default.asp?did=31257&action=news>>. Acesso em: 11 jan. 2014.

4.1. A internet como voz da juventude.

Se de um lado temos Wieviorka (1997) sugerindo um novo paradigma da violência, de outro encontramos Jenkins (2009) nos mostrando que a mídia também está passando por um processo de transformação e que se torna necessário compreender a nova linguagem de conceber o estado midiático atual. Dessa forma, observaremos de que maneira a internet se tornou o principal meio de comunicação entre os jovens.

Jenkins (2009) nos dá as boas-vindas a uma nova cultura: a convergência dos meios de comunicação, afirmando ser nela onde as velhas e novas mídias, coexistindo, tendem a se colidir, e nesse processo há um aumento no fluxo de conteúdos midiáticos, como imagens, sons e histórias. Mas ao se colidirem, as mídias vão se misturando, e não se sobrepondo umas às outras; elas convergem e se retroalimentam, uma contribuindo com a outra. O autor assevera ser nesse contexto que percebemos o comportamento migratório do público dos meios de comunicação, os quais tendem, através do acesso às mídias, buscar as formas de entretenimento que desejam, contribuindo para que a circulação de conteúdos passe a depender da sua participação; vemos, por exemplo, a maneira com que alguns jornais utilizam a participação do seu público como meio de elaborar uma reportagem através do “envie sua sugestão de matéria”.

O advento da internet trouxe consigo os aspectos da mudança paradigmática da convergência, contraditoriamente ao que se esperava com a revolução digital, que supunha que as antigas mídias seriam substituídas. A internet, ao invés de eliminar, aliou a si outras plataformas midiáticas, como, por exemplo, os jornais impressos que ao se convergirem com a internet deram vida aos modelos *online*, dessa forma “[...] o emergente paradigma da convergência presume que novas e antigas mídias irão interagir de formas cada vez mais complexas” (JENKINS, 2009, p32). O autor afirma que essa mudança não foi realizada repentinamente e que ainda está em processo de consolidação.

A convergência não é uma mera mudança tecnológica, mas sim uma transformação cultural, pois incentiva os consumidores “[...] a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos de mídia dispersos” (JENKINS, 2009, p.30). Ao falar sobre o filme *Matrix*, Jenkins (2009) nos dá um exemplo de como pensar sobre o universo das mídias e essa convergência, pois para se entender a mensagem do filme o telespectador era forçado a buscar informações no vídeo *game* e/ou quadrinhos relacionados a fim de haver um entendimento completo do que se

passava na história, podendo ser considerada uma obra multimídia. Porém, Jenkins (2009) salienta que a convergência não ocorre simplesmente através dos aparelhos, mas dentro dos cérebros dos consumidores individualmente, em que

Cada um de nós constrói a própria mitologia pessoal, a partir de pedaços e fragmentos de informações extraídos do fluxo midiático e transformados em recursos através dos quais compreendemos nossa vida cotidiana (JENKINS, 2009, p. 30).

. Exemplificamos a busca por um maior entendimento através da fala de Davi S., um dos nossos jovens entrevistados, que nos relata:

Sempre que eu vejo na televisão que saiu alguma matéria sobre o surfe daqui ou em jornal ou em revista, eu vou atrás de ver na internet e comprar (a revista ou jornal), porque na televisão eles falam só por cima e eu gosto de saber de tudo, ver a reportagem mesmo (informação verbal)⁹⁰

Dessa forma, percebemos que Davi S. busca em outras mídias mais informações de notícias relacionadas com seu cotidiano, principalmente aquelas que ele considera insuficientes por meio da televisão, seja intencional ou não. É comum vermos diferentes jornais televisivos utilizando desse recurso; indicam o *site* do jornal *online* onde podemos obter mais informações sobre as notícias que estamos assistindo; dessa forma, compreendemos o que Jenkins (2009, p. 325) quer dizer quando considera ser a convergência “[...] um deslocamento de conteúdo de mídia específico em direção a um conteúdo que flui por vários canais”: ela é uma mudança cultural porque transforma a maneira como nos relacionamos com a mídia.

Nesse contexto, a tecnologia dos *smartphones* pode resumir de forma clara a era da convergência; os aparelhos móveis agregam funções que outrora pertenciam a um equipamento específico. Através do celular podemos acessar a internet, ouvir música, assistir a vídeos, interagir através dos aplicativos etc. Convergindo em um único aparelho, diferentes mídias. O celular se tornou fundamental no processo de convergência destas, não só porque passou a desempenhar outras ações, mas pela forma que as pessoas reformularam as maneiras de interagir com as mídias contidas nele. Porém, a ideia a de que um único aparelho possa dar conta da imensa demanda comunicacional torna-se o que Jenkins chama de Falácia da Caixa Preta: “[...] mais cedo ou mais tarde, diz a falácia, todos os conteúdos de mídia iram fluir por uma única caixa preta em nossa sala de estar (ou, no cenário dos celulares, através de caixas pretas que carregamos conosco por todo lugar)” (JENKINS, 2009, p.42), o que seria a tradução da

⁹⁰ Davi S., 16 anos.

mobilidade através da possibilidade de acessar qualquer conteúdo em movimento e em qualquer lugar. O autor chama de falácia por não considerar a possibilidade dessa convergência total, pois para ele o que converge é o conteúdo, e não o aparelho (*hardware*).

Para Jenkins (2009), a convergência também pode ser percebida quando as pessoas, antes apenas consumidores, passam a assumir o controle das mídias. Nesse caso, ela não engloba apenas serviços e/ou notícias produzidos para fim comercial, mas “Nossa vida, nosso relacionamentos, memórias, fantasias e desejos também fluem pelos canais da mídia” (p.45).

Assim, a indústria midiática faz distinção entre três tipos de consumidores: os fiéis, os casuais e os zapeadores. Tal distinção nos permite entender qual a preferência de cada tipo de consumidor. Visando uma maior compreensão, citaremos o que diz nosso autor, que usa o exemplo de consumo das mídias televisivas. Assim sendo: “[...] zapeadores são pessoas que constantemente mudam de canal – assistindo a fragmentos de programas, em vez de sentar-se para um envolvimento prolongado” (JENKINS, 2009, p.111). Já os fiéis, apesar de assistirem menos à televisão, têm por principal característica serem pessoas que escolhem a dedo os programas de seu maior interesse, se entregam aos mesmos, fazem gravações destes para vê-los posteriormente e falam sobre o assunto com os amigos em seu tempo livre. Os consumidores casuais “e[...] estão em algum ponto entre os fiéis e os zapeadores” (JENKINS, 2009, p.111); tais consumidores tendem mais a dar importância às outras atividades doméstica, portanto, não se dedicam com muita atenção, porém não há exclusividade na forma de consumo, pois “[...] a convergência dos meios de comunicação impacta o modo como consumimos esses meios” (JENKINS, 2009, p.44). Percebemos aqui a possibilidade de maior fluxo no zapear que torna a internet o principal meio de comunicação dos jovens analisados por essa pesquisa.

Um dos pontos centrais neste estudo é perceber que todos os entrevistados são pertencentes a um grupo de consumidores são, por assim dizer, zapeadores e principalmente pessoas que lidam especificamente com a internet, suas mídias e tecnologias desde a infância; ou seja, não conheceram o mundo sem a existência do computador ou do telefone celular e vivenciam no seu cotidiano tudo o que Jenkins (2009) citou e, principalmente, com muita simplicidade. Para tais jovens as tecnologias midiáticas deixaram de ser um conceito distante e passaram a ser parte do seu ser, pois

está presente em todo o seu cotidiano. Estes jovens, apesar de todo o estigma social, conhecem plenamente a convergência. Segundo Christian Barbosa (2009), cientista da computação e especialista em administração de tempo, eles estão inclusos na denominada “geração Z”, que possui a grande habilidade de ‘zapear’, ou seja, mudam rápida e repetidamente de um canal de televisão para a internet, passando para o *vídeo game*, *tablets* e seus *MP3 Players* a fim de ver ou ouvir algo que os interesse e dispõe de todos os dispositivos em equipamentos portáteis que não os prendem a lugar algum. Sobre o assunto, verifica-se a existência até então de quatro gerações: *Baby Boomers*, a geração X, a geração Y e a citada geração Z, que diz respeito às pessoas nascidas na virada do século XX (fim da década de 1990 e início dos anos 2000). Sobre tais conceitos, a Sociologia possui várias definições de datas distintas para a idade exata que define uma geração, mas aqui importa verificar não datas específicas, mas o que melhor define esse grupo de pessoas; principalmente, importa-nos verificar suas formas de lidar com a vida, suas experiências compartilhadas e curtidas, valores, princípios, visão de mundo, modos de relacionamento interpessoal, suas atitudes.

Observamos, portanto, que os jovens aqui abordados nasceram com a “velocidade do conhecimento” à sua disposição (BARBOSA, 2009) e são mais ativos, têm acesso a um maior número de informações e usam este fato muito a seu favor. De acordo com Silva *et al.* (2009), vemos que hoje o estarmos conectados à rede nos possibilita uma virtualização da vida e modifica nossos interesses, resultados de novos entendimentos semânticos e semióticos, além do que tal conexão nos possibilita a absorção de novos valores e também uma mudança nas atitudes da juventude. Diferente de seus pais, estes jovens ficam completamente à vontade quando, sentados à mesa para o jantar, por exemplo, utilizam ao mesmo tempo suas mídias, conseguindo assistir televisão, conversar ao telefone, ouvir música enquanto acessam à internet, e nesse mesmo tempo trocam ideias com seus pais sem que isso atrapalhe sua concentração num aspecto geral. Tal fato nos remete à última aplicação de questionários, a qual teve que ser adiada, pois no dia marcado, Juliana S., 14 anos, teve que viajar, pois estaria fora do estado devido um campeonato realizado em São Paulo. No entanto, durante a aplicação do questionário, Juliana conseguia responder às perguntas ao mesmo tempo em que acessava duas redes sociais pelo celular⁹¹. Além disso, como pano de fundo, ainda estávamos a ouvir um *reggae* baixinho que ela havia colocado pra tocar no

⁹¹ O Facebook e o WhatsApp.

referido aparelho. Isto não afetava o desempenho dela em nenhuma de suas tarefas, estava atenta às minhas perguntas enquanto me mostrava notícias em um *blog* que destacou seu desempenho em um dos campeonatos que já participara.

A convergência (JENKINS, 2009) possibilita o contato diário e constante dos jovens entrevistados com dispositivos com rápido acesso à internet: computadores, *tablets* e outros tipos de “caixa preta”. Ainda que tais dispositivos não sejam totalmente de fácil aquisição, entretanto, isso não os detém, e apesar de não possuírem celulares com tecnologias de ponta, é através de seus celulares que os jovens se conectam com o mundo e o *Facebook*, que ainda é o maior responsável por tal fenômeno, pelo fato de ser este um aplicativo disponibilizado por vários celulares de baixo custo financeiro; muitos deles já vêm com ele instalado pela sua simplicidade e pouca necessidade de armazenamento, além disso os jovens o preferem pois o consideram interessante por ser uma das maiores redes sociais no mundo.

Apesar dessas tecnologias estarem à disposição de toda a população, são os jovens os maiores *zapeadores*, pois conseguem se locomover por diversas mídias quase que ao mesmo tempo, assim, como explicita o próprio Jenkins (2009), nenhum é consumidor exclusivo. Os jovens do Titanzinho aqui abordados oscilam entre o ser *zapeador* e ser fiel; quando estão diante de um computador *zapeam* entre *sites* de surfe e redes sociais, mas no celular se tornam fiéis ao acesso ao *Facebook*, ao qual se dedicam horas do seu dia, casualmente chegam a consumir informações de jornais e revistas eletrônicas, haja vista algumas *fanpages* dos jornais *online* da cidade que, desta forma, ligam os usuários desta rede social às notícias diárias publicadas em seus jornais impressos. Dessa forma, concordamos com Silva *et al.* (2009) quando afirmam que tais mídias interferem a todo instante na vida de nossos jovens consumidores e estão diariamente presente nas suas experiências de vida, pois ofertam à sociedade, a todo o instante, informações de diversos tipos. Além disso, possibilitam aos consumidores diversas opções de entretenimento, como assuntos banais e corriqueiros, alternativas para modelos, padrões sociais e também programas diversos. Assim, observamos pessoas menos maravilhadas com as tecnologias midiáticas, pois já estão adaptados às convergências dos meios, suas formas de ser, de agir, de julgar e são constantemente influenciadas por elas. O processo da globalização desde a infância já é visto com normalidade, e com isso não se sentem limitados às fronteiras geográficas, já que em um único clique podem se movimentar entre diversas culturas e lugares.

Lan house, e-mails, Facebook, WhatsApp: estamos tão familiarizados com essas palavras que, por vezes, passa despercebido o fato delas serem estrangeiras; sem dúvida, foi a internet que possibilitou este intercâmbio de informações. Um de nossos interlocutores compara a ação da internet com o surfe, fazendo uma ligação entre a sua geração e a de seu pai:

É tipo assim, como eu tava falando pro meu pai da geração dele; quando ele era jovem pra essa geração agora minha, antigamente era muito difícil né você não tinha prancha, você não tinha meio a internet era mais por jornal e revista. Hoje não a juventude de hoje ela se baseia mais pela internet, todo moleque tem uma prancha já pra surfar, os pais apoiam, antigamente não os pais não apoiavam os jovens (informação verbal)⁹²

Davi quer demonstrar em sua fala a dificuldade que os jovens da geração de seu pai tinham em se manterem informados, o custo de um jornal ou de uma revista semanal estava fora dos limites econômicos dos jovens do Titanzinho da época, assim como a compra de pranchas novas. A atual geração de jovens da comunidade conta com a globalização a seu favor; as pranchas de surfe se tornaram mais acessíveis à medida que pessoas da própria comunidade aprenderam a fabricar e o acesso à internet oferece uma grande gama de informações e tem se tornado gradativamente mais barato.

Em paralelo a todo volume de informações que a internet apresenta, tem-se que salientar a velocidade da circulação de notícias. Tomamos conhecimento dos fatos quase que no tempo real dos acontecimentos. A facilidade de acesso às informações também traz consequências negativas à vida dos jovens e dos usuários em geral, que pecam pela falta de reflexão devido à assimilação imediata de certas notícias, por vezes pejorativas, sobre determinado segmento da sociedade e/ou sobre a violência e seus lugares de ação. Isso pode acarretar na propagação de fatos distorcidos e na formulação de opiniões calcificadas.

Os critérios que definem o que os jovens acessam e a relevância dessas escolhas não podem ser desconsiderados, pois essas escolhas mudam de foco de acordo com a faixa etária, grau de instrução e classe social do indivíduo. Os jovens abordados nesta pesquisa utilizam a internet como formas de entretenimento, passam no mínimo duas horas conectados, e é através das redes sociais que eles se mobilizam, se agrupam, se reúnem, checam as tabelas de ondas, marcam encontros e horários para surfar.

⁹² Davi S., 16 anos.

O Titanzinho, por ser uma comunidade carente, sofre da precariedade de informações digitais. Visando solucionar isto e buscando proporcionar o ensino da informática, em meados de 2007 um grupo de moradores associados com colaboradores externos à comunidade idealizou um projeto com a intenção de replicar uma ação já desenvolvida em uma comunidade vizinha⁹³. O projeto se chamava Titanzinho Digital, o qual tinha como meta, assim como o projeto original, a inclusão da comunidade na comunicação digital com ênfase para a educação, arte e cultura, disponibilizando vagas para os cursos em diferentes áreas da tecnologia da informação: gráfica, manutenção de sites, desenvolvimento de sistemas; ou seja, oferecia chances na inserção dos jovens no mercado de trabalho. A sede do Titanzinho Digital era situada na principal rua da comunidade, e por isso atraía os olhos atentos dos jovens, os quais foram rapidamente conquistados pela ideia de aprender informática. As atividades do projeto eram apoiadas, em boa parte do período de existência do projeto, pela Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP), que concedia bolsas que eram de fundamental importância no desenvolvimento das ações do projeto. Porém, com mudanças políticas na destinação de verbas para a área, a pequena verba não foi renovada e, devido à falta de recursos para manter o projeto, as atividades foram reduzidas em meados de 2011, restando apenas um *blog* alimentado de maneira muito deficiente⁹⁴.

De todo modo, as atividades que o projeto proporcionou resultaram em alunos capacitados no Titanzinho Digital, que puderam repassar parte de seus conhecimentos aos outros jovens, como, por exemplo, o caso de Luís Filho, um jovem nascido e criado no Serviluz que, através do projeto, teve possibilidade de profissionalização e concluiu uma graduação em *web designer* e trabalha em uma empresa desenvolvimento de sistemas.⁹⁵

Os jovens aqui entrevistados, em sua maioria, eram bem novos na época que o projeto existiu, mas aqueles que não participaram lembram e/ou ouviram falar sobre a importância que ele teve na comunidade, pois foi a partir do Titanzinho Digital que o acesso à internet começou a se fazer presente cotidianamente na vida da comunidade.

⁹³ Comunidade do Pirambu, que possuía o “Projeto Pirambu Digital”.

⁹⁴ <<http://blogtitanzinhodigital.blogspot.com.br/>>.

⁹⁵ Ver mais em: “Projeto de inclusão digital leva oportunidades de profissionalização a jovens carentes de Fortaleza.” Notícia publicada no *site* “comunidade segura”, em 15 de novembro de 2011. Disponível em: <<http://www.comunidadessegura.org/es/node/48419>>. Acesso em: 10 fev. 2013.

As aulas de informática eram esperadas a fim de possibilitar o acesso às redes sociais e interação entre os jovens participantes, e isto foi um legado de suma importância para a comunidade. Até hoje diversas ONG's do Titanzinho utilizam o acesso gratuito à internet como forma atrair mais jovens e gerar a comunicação e o consumo de informações.

Entre os jovens entrevistados, Davi S. 16 anos é o que mais se destaca ao falar sobre as notícias que vê na internet e como ele a concebe. Davi possui computador em casa e esse sempre fica ligado: “O PC fica ligado o dia todo, enquanto tiver gente em casa ele tá ligado, porque vem um aí depois vem outro” (informação verbal)⁹⁶. Esse fluxo contínuo de jovens na casa de Davi S. se dá por ela se localizar na parte superior da EBST, escolinha idealizada pelo pai e que serve de apoio aos surfistas; é lá onde alguns surfistas guardam seus pertences na hora de surfar, tomam banho após o surfe e até lancham.

Davi S. afirma passar mais de oito horas diárias na internet, mas não continuamente. Dentre suas atividades, Davi S. enumera:

Assim que entro eu vou logo no *Facebook*, aí vejo uns *blogs* de surfe, depois fico vendo uns vídeos no *Youtube* pra me instigar pro surfe, aí quando tem campeonato que eu não participei procuro logo ver quem foi que ganhou na minha categoria, quando eu tô lá vendo os vídeos né, eu pego, se vejo uma manobra irada vou logo fazer o *katá*, aí depois vou surfar (informação verbal)⁹⁷.

Ao saber da divulgação de alguma matéria sobre o Titanzinho ele diz: “Eu não procuro ver muito as coisas ruins não, mas quando eu sei aí eu vou ver né, ver se o que eles tão falando foi (*sic*) verdade mesmo.” (Informação verbal)⁹⁸. Após a morte de Thiago Dias, houve uma repercussão do fato tanto na comunidade como nos meios midiáticos; foram várias as notícias em jornais e nos *sites* relacionados ao surfe⁹⁹. Davi S. nos fala que percebeu uma diminuição do uso de drogas nas vias públicas da comunidade: “A galera que usava ali nas pedras, de dia, não vejo mais não, mas à noite ainda tem” (informação verbal)¹⁰⁰. Por meio deste fato entendemos que tudo aquilo que não se comunica se perde. Assim, cada experiência vivida e comunicada acende uma

⁹⁶ Davi S., 16 anos.

⁹⁷ Davi S., 16 anos.

⁹⁸ Davi S., 16 anos.

⁹⁹ Ver mais em: “Adeus a Thiago Dias” Notícia publicada no *site Ceara Surf* no dia 28 de março de 2011. Disponível em: <http://www.cearasurf.com.br/noticianoticias/adeus-thiago-dias>.

¹⁰⁰ Davi S., 16 anos.

luz, uma possibilidade de mudança. A experiência vivida por Tiago e publicada nos jornais trouxe a esses jovens a oportunidade de reflexão, assim como uma oportunidade de mudança de rota que afetou não apenas o Davi S., mas também toda a comunidade do Titanzinho, e quando o jovem é indagado se as notícias que ele vê afetam seu dia a dia, ele de pronto responde:

Afeta sim, claro, tipo pra me mostrar o que eu não tenho que fazer e o que eu tenho que fazer, se eu vejo uma notícia que fala da sujeira aqui né aí eu vejo que é verdade, dá vontade de limpar, se eu vejo falando sobre a violência eu sei que não tenho que me envolver nas drogas, no crime. Mas tudo isso eu sei também no meu dia-a-dia, só que quando você vê na internet aí que você se toca que tem que fazer alguma coisa (informação verbal)¹⁰¹.

Deste modo, o jovem nos mostra que, mesmo nos expondo a consideração de que a mídia exagera nos casos de violência no bairro e que ela dá mais visibilidade aos fatos ruins, o mais importante é o Titanzinho ser mostrado na mídia: com seus lados positivos e negativos, pois só assim as pessoas que não o conhecem, ficam sabendo o que acontece por lá, por exemplo, ele diz: “Os amigos que eu fiz nos campeonatos fora do Ceará, é pela internet que eles conhecem meu lugar” (informação verbal)¹⁰². Um dos seus sonhos é ter seu surfe mostrado na mídia, como o de Pablo Paulino e Tita Tavares, como um exemplo, mostrando que a comunidade tem coisas boas e que o surfe é a principal delas:

Eu quero ficar famoso no surfe, ser exemplo pros jovens daqui, igual o Pablo é pra mim. Eu tenho um mural lá em casa, quando vejo notícia boa daqui eu pego vou atrás do jornal e corto. Eu quero sair em todos os jornais da cidade (risos), eu quero ta na mídia (mais risos) (informação verbal)¹⁰³

Tal mural serve de inspiração para ele, tanto no surfe quanto na vida, pois afirma que sempre que o olha sente um impulso em melhorar sua condição de vida. Desta forma, enfatizamos que, apesar de estarem cientes de todo o quadro de violência que os cerca, para estes jovens importa aquilo que é bom, pois são convencidos de que é infinitamente mais construtivo evidenciar o bem de sua comunidade e insistir sobre as perspectivas de melhora. Os aspectos negativos das notícias são necessários para

¹⁰¹ Davi S., 16 anos.

¹⁰² Davi S., 16 anos.

¹⁰³ Davi S., 16 anos.

denunciar os erros, os limites e as culpas, mas, principalmente, servem de estímulo para que estes continuem construindo seus sonhos de sucesso no esporte, o surfe.

Diante do que foi exposto, o que se pode perceber é que enquanto os pais e/ou adultos se esforçavam na busca de informações, o desafio que assola aos jovens de hoje é o aprendizado em selecionar as informações: “separar o joio do trigo”; ou seja, se por um lado a quantidade de informação acessível pode representar um avanço na democratização do acesso, por outro lado cria a necessidade em distinguir o que se torna central e relevante para nossa vida e o que pode e deve ser descartado. Os que não estão inseridos nesse processo de absorver informação e interagir midiaticamente são por diversas vezes taxados de atrasados e/ou arcaicos. Os celulares, que outrora tinham por função apenas realizar chamadas, tornaram-se agora o meio mais rápido de conectarmos à internet com o mundo. Como diria Gitlin (2003), “informação? sim obrigado” (p.13), porém, temos que ter cuidado com o tempo gasto e a atenção que damos a ela, bem como às notícias que tornamos prioritárias na busca por informação.

A mídia tende a dar ênfase aos eventos fora do comum, como crises e rupturas. Não que isso não seja relevante, pois o é; porém, sendo a crença no que é informado uma característica de qualquer experiência midiática (SILVERSTONE, 2005), se nos prendermos apenas a esse tipo de informações tenderemos inevitavelmente a gerar interpretações às vezes equivocadas. A vida não é feita unicamente de crises e rupturas, e é por tal motivo que mostrar a vida como se assim o fosse leva à visões de mundo e comportamentos alienados, ideologizados e equivocados.

Os consumidores deste tipo de notícias distorcidas tendem a reforçar estigmas, como, por exemplo, a ideia/imagem de que o pobre é um potencial transgressor e que, assim sendo, os sujeitos alvos dessa discriminação e preconceito, consumidores também deste material distorcido, passam eles mesmos a se classificarem também como tais, gerando um senso comum, um ciclo de estigmas sobre eles e seus semelhantes de difícil resolução, porém é de extrema importância ressaltar que os estereótipos criados em torno dos jovens não são unificados em negatividade, pois como já exposto em outro capítulo, colocar jovens de classes diferente em um mesmo patamar e afirmar que eles são o futuro do país também gera um estereótipo dos jovens como salvadores da pátria, e assim acontece com a imagem dos surfistas, que são descritos pelas mídias como tendo corpos sarados e possuírem todos uma vida saudável. Diferente disso, os jovens do Titanzinho possuem suas próprias características e singularidades, e estão longe dos

estereótipos expostos pelas mídias. Buscam formar sua própria identidade, trilharam o seu caminho e abraçam sua comunidade, pertencem a ela, como já dissemos: ela é o seu pedaço.

Aqui, portanto, analisando a forma como esses jovens se utilizam das mídias, observamos duas vertentes: as mídias são hoje ou acolhidas sem crítica, devido aos seus inúmeros benefícios e sua proposta de globalização, ou recriminadas com força devido ao compartilhamento e veiculação da violência, à superficialidade que propõem e principalmente ao fato de prenderem os jovens numa realidade virtual nunca antes experimentada por outras gerações. “De um lado, a modernidade, outrora nascida de uma vontade observada que lutava contra a credulidade e se fundava num contrato entre a vista e o real, transforma agora essa relação e deixa de ser precisamente o que deve ser” (CERTEAU, 1990, p.288). Nós acabamos por superestimar as mídias como infalíveis instrumentos de poder, contudo, sabemos que são simples meios de comunicação social úteis para o que se propõem: comunicar. Assim, os jovens aqui entrevistados demonstraram utilizar desse benefício com eficácia para mostrar sua comunidade, o seu pedaço. Vemos que é através dessas mídias digitais que os jovens do Titanzinho, assim como todos os outros *zapeadores*, mostram o seu mundo, seu dia a dia, a sua comunidade e vão buscando excluir dela todo e qualquer estigma preconcebido, enfatizando suas belezas e pontos positivos, sem, contudo, ignorar o que deve ser combatido e melhorado.

4.2. O ser jovem e surfista no Titanzinho.

Os jovens surfistas do Titanzinho aqui analisados, apesar de estarem constantemente conectados à internet, não concedem seu tempo livre totalmente a ela; é o surfe que ocupa o lugar de principal atividade desenvolvida no cotidiano deles. A relação dos nossos jovens com o mar é intensa, pois ele ocupa a parte central da comunidade.

O Titanzinho é uma área que sofre há décadas com problemas urbanos, alguns de seus moradores, por viverem em casas à beira-mar, precisam ‘abandoná-las’ e/ou usar outra forma de sair de casa durante os períodos comuns de maré alta (ver Figura 9). Por habitarem numa área de risco, têm de conviver com o constante limiar das remoções. Podemos citar como exemplos dois casos desse tipo, que contaram com a

presença dos nossos jovens interlocutores. O primeiro caso ocorreu no início de 2010, quando o Governo do Estado apresentou o projeto do estaleiro *Promar Ceará*. Cid Gomes, filiado ao Partido Socialista Brasileiro (PSB), governador à época, demonstrou a intenção de construir no Ceará um estaleiro¹⁰⁴ que possuiria uma estrutura voltada para a construção de navios de médio porte para a Transpetro¹⁰⁵. O governador usava a perspectiva de geração de empregos diretos para os residentes na área do Serviluz como forma de receber apoio da comunidade. Para tanto, a empresa PJMR¹⁰⁶ se propôs a realizar cursos de treinamento e capacitação para os jovens e adultos do bairro que quisessem trabalhar no estaleiro desempenhando as funções de soldadores, pintores, dentre outras atividades inerentes à indústria naval.

Na ocasião, o governador garantiu aos moradores que apenas cinco das cerca de dez mil casas existentes hoje na área teriam que ser removidas, além de prometer que o bairro seria urbanizado, recebendo sistema de esgotamento sanitário, e que o antigo farol do Mucuripe seria totalmente reformado.

Mesmo com todos esses aparentes benefícios os moradores não acreditavam no número mínimo de remoções, além do que, existia o medo por parte daqueles que depositavam no mar o seu trabalho. Havia os surfistas que acreditavam que as ondas seriam prejudicadas e, desta forma, o berço do surfe cearense teria seu fim. Assim sendo, a maioria dos moradores se uniu às organizações do bairro com o intuito de barrar a construção e, em carta aberta às organizações populares do Serviluz, repudiaram a construção do estaleiro¹⁰⁷.

¹⁰⁴ Ver mais em “Cid busca apoio para estaleiro no Serviluz”. Notícia publicada em: 22 de janeiro de 2010. Disponível em: <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/negocios/cid-busca-apoio-para-estaleiro-no-serviluz-1.707550>>. Acesso em: 15 abr. 2012.

¹⁰⁵ Petrobras Transporte S/A é uma empresa brasileira subsidiária integral da Petrobras, que realiza o transporte de petróleo e seus derivados.

¹⁰⁶ PJMR Empreendimentos Ltda é uma empresa ligada à construção naval e *off-shore* (petroleiros, plataformas).

¹⁰⁷ Ver mais em: <<http://sispub.oktiva.com.br/oktiva.net/1320/nota/158550>>.

Figura 9: Maré alta no Titanzinho.



Fonte: Pesquisa direta, 2013.

A Prefeitura de Fortaleza também mantinha uma posição contrária à instalação do estaleiro. O vereador Acrísio Sena, filiado ao PT, que na época era líder da prefeita Luiziane Lins no Legislativo, afirmou em entrevista concedida ao jornal *Diário do Nordeste*¹⁰⁸ que a prefeitura não era contra o estaleiro em si, mas contra a instalação do mesmo naquela área, pois “[...] o plano diretor de Fortaleza não aceitava a construção de um estaleiro dentro da cidade” (informação verbal)¹⁰⁹. Após muitas desavenças entre o governo e os moradores e entre o governo e a própria prefeitura de Fortaleza¹¹⁰, o estaleiro não foi instalado e em meados de julho de 2010 a Transpetro anunciava que o projeto *Promar* seria instaurado em Pernambuco.

¹⁰⁸ Ver mais em: “Cid propõe debate sobre local do estaleiro”. Notícia publicada em: 25 de janeiro de 2010. Disponível em: <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/negocios/cid-propoe-debate-sobre-local-do-estaleiro-1.712255>>. Acesso em: 15 abr. 2012.

¹⁰⁹ Vereador Acrísio Sena, entrevista dada ao site *Diário do Nordeste*. Notícia publicada em: 25 de janeiro de 2010. Disponível em: <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/negocios/cid-propoe-debate-sobre-local-do-estaleiro-1.712255>>. Acesso em: 15 abr. 2012.

¹¹⁰ Cabe acrescentar que o governo e a prefeitura, da época eram de partidos rivais, PSB (Partido Socialista Brasileiro) e PT (Partido dos Trabalhadores), respectivamente.

Neste caso do estaleiro, a mídia teve um papel fundamental na comoção pela causa. Localmente, o jornal “Diário do Nordeste” divulgava quase diariamente notícias sobre sua construção e sobre o embate entre governo e prefeitura. Os *sites* como o *Ceará Surf*, ligado ao jornal “Tribuna do Ceará”, posicionaram-se contra sua instauração¹¹¹, e publicaram uma notícia¹¹² que dizia que o estaleiro do Titanzinho havia recebido destaque na “Folha de São Paulo”, mostrando, assim, que o caso já estava ganhando proporções nacionais. Um vídeo disponibilizado no *Youtube* por um morador do Titanzinho mostra depoimentos de pessoas ligadas ao surfe de outros estados; fotógrafos e surfistas que se uniram para defender a Praia do Titanzinho, mantendo uma postura contra a instalação do estaleiro no local. O vídeo contou também com a participação dois surfistas conhecidos nacionalmente: Paulinho Vilhena e o cantor Gabriel, O Pensador que, por sua popularidade, puderam contribuir para dar visibilidade à luta. O vídeo, depois de publicado, em pouco tempo alcançou mais de mil acessos¹¹³.

Atualmente, outro impasse semelhante ocorre novamente na comunidade, agora devido ao projeto de urbanização da orla. A Prefeitura de Fortaleza, agora sob o comando do PSB, está com um projeto denominado *Projeto Aldeia da Praia*, que pretende remover mais de duas mil famílias do bairro. A área mais visada para que ocorram as remoções é a próxima ao Farol, a qual abrigou os primeiros moradores do bairro na década de 50. A intenção da prefeitura é construir uma praça de mais ou menos 25.000 m² que se denominaria de Jardins da Praia.

Com isso, novas articulações estão se formando. A fim de reduzir os danos e as remoções, arquitetos e urbanistas estão em parceria com algumas organizações da comunidade objetivando propor uma intervenção mais harmônica com a as necessidades do lugar. Intervenções por parte dos grupos resistentes às remoções (que alimentam a vontade que o atual prefeito deixe o cargo) e a favor da restauração do Farol (o qual se encontra em situação de abandono, servindo como refúgio para usuários de drogas) já podem ser observadas (ver Figuras 10 e 11).

¹¹¹ Ver mais em: “Diga não ao estaleiro”. Notícia Publicada em 29 de janeiro de 2010. Disponível em: <<http://www.cearasurf.com.br/capa/diga-nao-ao-estaleiro>>. Acesso em: 15 abr. 2012

¹¹² Ver mais em: “Estaleiro do Titanzinho é destaque na Folha de São Paulo”. Notícia Publicada em 23 de março de 2010. Disponível em: <<http://www.cearasurf.com.br/capa/estaleiro-do-titanzinho>>. Acesso em: 15 abr. 2012

¹¹³ Ver mais: “Titanzinho é nosso!” Vídeo publicado em: 11 de fevereiro de 2010. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=qW6s_9Iev9Y>. Acesso em: 15 abr. 2012

Ainda sobre intervenções, os surfistas entrevistados afirmaram ter participado e/ou conhecer os autores do grafite no farol do Mucuripe (ver Figura 11). O fato que ocorreu no final de 2013 gerou grande polêmica, pois, apesar de ter demonstrado em entrevista cedida a um jornal local apoiar o evento, o prefeito Roberto Cláudio informou que não concedeu autorização para grafitar o espaço¹¹⁴.

Figura 10: Placa de Informativa sobre as obras.



Fonte: Pesquisa direta, 2013

Figura 11: Farol do Mucuripe.



Fonte: Pesquisa direta, 2013.

¹¹⁴ Ver mais em: “Intervenção no Farol gera polêmica”. Notícia publicada em: 21 de novembro de 2013. Disponível em: <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/cidade/intervencao-no-farol-gera-polemica-1.797002>>. Acesso em: 23 nov. 2013.

Vagabundo, perigoso, preguiçoso, marginal, drogado, traficante, pirangueiro: esses são termos pejorativos e maldosos que foram apontados pelos entrevistados como sendo os mais comuns de se “ouvir falar” sobre eles pelas pessoas que não conhecem o seu cotidiano. Estes são termos usados para designá-los tanto por serem surfistas e assim dedicarem parte do tempo diário à prática do surfe e do “ver os outros surfarem” quanto por morarem onde moram, no Titanzinho, comunidade marcada e carregada de estereótipos negativos. A barreira mais difícil de ser transposta é aquela que vem sendo criada por eles próprios, onde a autoestima é diversas vezes abalada pelo *outros*.

A pior dificuldade mesmo é a autoestima. Quando você nasce num lugar como esse aqui as pessoas te põe pra baixo mesmo, a sociedade te põe pra baixo, aí você tem que acreditar mesmo. O surfe, nos campeonatos, foi o meio que eu encontrei de mostrar a minha verdade e a minha visão daqui (informação verbal)¹¹⁵

Para Goffman (2011^a, p. 11), “[...] quando um indivíduo chega à presença de outro, estes geralmente procuram obter informações a seu respeito ou trazem à baila a que já possuem”. São as informações preconcebidas sobre o *outro* que contribuem para um processo de estigmatização; é na interação que os indivíduos buscam manifestações de atração ou retração na produção do estigma, e tal ação agride a imagem do outro. Os indivíduos parecem afastar-se daquilo que lhes é diferente, menosprezando e manipulando a imagem do outro de modo negativo, causando barreiras físicas e simbólicas, como acontece fisicamente com a periferia e/ou favela na qual estão reclusos, que os distancia numa produção da cidade clivada (GOFFMAN, 2011b)

Guerreiros, titãs, corajosos, vencedores, felizes, ídolos, respeitáveis, sem negar e nem desmentir por inteiro as notícias e as denominações pejorativas, nossos jovens surfistas afirmam ser com esses adjetivos que mais se identificam e os que eles gostam de ler nos sites sobre surfe. A determinação ao remar para o *outside*¹¹⁶ e a coragem para *dropar* uma onda grande (que é bem comum no Titanzinho), elas são atitudes semelhantes ao que eles têm que fazer cotidianamente para ultrapassarem e resistirem a toda dificuldade que a posição social deles traz. “Surfar é mais que *dropar* uma onda” (informação verbal)¹¹⁷. No surfe, aprender a driblar as ondas é como o aprender a agir

¹¹⁵ Juliana S., 14 anos.

¹¹⁶ Lugar, horizontalmente, mais dentro do mar, onde as ondas se formam.

¹¹⁷ Davi S., 16 anos.

diante das adversidades e a contornar as dificuldades cotidianas assim como se acostumam a contornar as turbulências e as ondulações do mar.

No Titanzinho, percebemos que individualidade dos jovens é formada em meio a um emaranhado de referências que advêm do seu dia a dia na rua, no bairro, no contato com a criminalidade e na interação com a internet e redes sociais. Com isso, percebemos a existência de uma relação discursiva entre a praia do Titanzinho e seus moradores; em que os atores não são apenas impactados pelo seu lugar de moradia, mas também participam ativamente do processo de constituição do ambiente representacional em que vivem. Esses jovens possuem o desejo intrínseco, uma inquietação natural por falar e modificar a realidade de seu dia a dia e de sua comunidade:

Mas pode ser que essa instituição e esse desejo não sejam outra coisa senão duas réplicas opostas a uma mesma inquietação: inquietação diante do que é o discurso em sua realidade material de coisa pronunciada ou escrita; inquietação diante dessa existência transitória destinada a se apagar sem dúvida, mas segundo uma duração que não nos pertence; inquietação de sentir sob essa atividade, todavia cotidiana e cinzenta, poderes e perigos que mal se imagina; inquietação de supor lutas, vitórias, ferimentos, dominações, servidões, atreves de tantas palavras cujo uso há tanto tempo reduziu as asperidades (FOUCAULT, 2013, p.7-8).

De acordo com Foucault (2013), todos somos cientes dos processos de exclusão social, todos somos cientes dos estigmas que nos cercam. Apesar disso, com sabedoria e cautela é possível vencer tais barreiras de silêncio e expor as feridas, mas também os bens existentes e foi através da internet que a comunidade do Titanzinho, bem como seus moradores, pôde dar voz a seu discurso e teve seu dia a dia de surfe divulgado, desta vez mostrando os dois lados da comunidade: suas inquietações e suas belezas. Por meio de um documentário elaborado pelo surfista profissional André Silva, nascido e criado no Titanzinho, mas que mora atualmente no Rio de Janeiro, juntamente com sua namorada, Lee Ann Curren, também surfista profissional, francesa e filha do lendário tri-campeão mundial de surfe, o americano Tom Curren, que juntos tiveram a ideia dessa produção que visa mostrar as crianças surfistas do Titanzinho. Na ocasião, assim como Tita Tavares e Pablo Paulino, Juliana Sousa e Davi Sobrinho participaram do documentário mostrando seu surfe e concedendo entrevistas onde contavam um pouco do seu cotidiano, seus sonhos e falavam sobre seu esporte. O documentário se intitula: Titan Kids e foi lançado oficialmente no dia nove de dezembro de 2011, no Cuca Che

Guevara¹¹⁸. Através da publicação do documentário¹¹⁹ no *site* de compartilhamento *Youtube*, percebemos o que Certeau (1998, p. 286) quer dizer quando afirma que: “[...] o grande silêncio das coisas muda-se no seu contrário através da mídia. Ontem constituído em segredo, agora o real tagarela”. A realidade do Titanzinho retratada de forma sensacionalista encontrava-se presente nesse documentário de forma real, com suas mazelas e qualidades; então, concordamos com Certeau quando afirma que atualmente as lutas não são mais carregadas de armas e de “[...] ideias ofensivas ou defensivas. Avançam camufladas em fatos, em dados e acontecimentos. Apresentam-se como mensagens do *real*” (CERTEAU, 1998, p.287). Desde modo, a internet e suas redes sociais e mídias digitais agregam valor a esta luta, dando voz e vez a estas pessoas que antes não a possuíam.

Os outros jovens integrantes dessa pesquisa que não participaram do documentário, afirmam se reconhecer nas histórias apresentadas e veem suas vidas retratadas e passam a identificarem-se com o outro. Significa dizer que “[...] a identidade só existe no espelho, e esse espelho é o olhar dos outros, é o reconhecimento dos outros” (SOARES, 2006, p.137). A mídia também exerce esse papel de ser o “outro”, na medida em que a consideramos um mediador do diálogo e como instrumento capaz de abrir portas para que esses jovens possam dar voz a seus discursos que, segundo Foucault (2013), é lei e possui poder para modificar as coisas. Essa é uma liberdade expressiva que, segundo Certeau (1998), possui duplo sentido e um louco poder de modificar o ver, o ouvir, num crer e num fazer, e desta forma fabrica uma nova realidade por meio de aparências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre muitas responsabilidades do pesquisador está a de, ao penetrar em seu campo de estudo, observar a realidade do ponto de vista do seu objeto e tentar

¹¹⁸ O Cuca Che Guevara foi o primeiro Centro Urbano de Cultura, Arte, Ciência e Esporte- CUCA, da cidade de Fortaleza-CE. Inaugurado em 10 de setembro de 2009, na Barra do Ceará, bairro que compartilha com o Serviluz alguns problemas estruturais por ser também um bairro periférico e praiano da cidade. O CUCA Che Guevara foi criado com o objetivo de proporcionar uma vivência plena da condição juvenil, através da disposição de novos espaços e alternativas de desenvolvimento sócio-cultural e econômico, abrigando atividades diversas do Poder Público e da sociedade civil voltadas especialmente para a juventude da Regional I. Disponível em: <<http://cucacheguevara.blogspot.com/p/cuca.html>>. Acesso em: 15 set. 2013

¹¹⁹ Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=_3PI2GQ8Txg>. Acesso em: 15 set. 2013

compreender as relações sociais e simbólicas que regem a conduta do mesmo. Refletir teoricamente sobre os sujeitos e fatos corriqueiros do dia a dia dos jovens surfistas foi um dos pontos principais deste trabalho, que buscou entender de que maneira são geradas as percepções dos jovens em relação à mídia, ao surfe e à violência.

Violência simbólica, econômica, física ou psíquica faz parte do cotidiano dos jovens aqui estudados, pois, apesar da tentativa individual de se envolverem com significações de não violência que o surfe traz, ao voltarem para suas casas ou surfarem isolados noutra praia, acabam por sofrer o estigma e o preconceito difundidos socialmente pelos discursos preconceituosos dos moradores de toda a cidade de Fortaleza que, *como* a mídia e *pela* mídia, tendem a caracterizar tanto a comunidade quanto seus jovens como dotados de um potencial perigoso de violência que são tidos por marginais, criminosos. A fala do crime em Caldeira (2000) é uma constante que gera o medo e a apreensão. Para Misse (2006), a violência se mostra difusa e o “ser violento” não é apenas uma categoria descritiva; no momento em que os jovens moradores do Titanzinho são considerados perigosos e/ou violentos, os sujeitos que empregam tal termo não estão produzindo uma mera descrição situacional, mas fazendo uma acusação social. Sobre essa acusação Misse (2006) diz que,

Antes de tudo, violento é o outro. Eu não sou violento, esta palavra não me cabe, violento é sempre o Outro. E quanto mais distante de mim for o Outro, mais fácil fica acusá-lo (MISSE, 2006, p.20).

Os jovens surfistas vivenciam um permanente paradoxo, já que mesmo optando, através do surfe e/ou dos projetos sociais, em não compartilhar com a realidade de crimes e violências presentes no bairro, ainda envolvem-se em cenas de violência e drogas, mesmo discursando contra. Temos como exemplo o caso de Juliana Sousa, 14 anos, que nos declarou em entrevista ter se envolvido em uma confusão na escola, mas que não estava brigando: “Eu não (*sic*) tava brigando, tava só em cima da menina, o coordenador me chamou e me colocou cinco dias de suspensão” (informação verbal)¹²⁰. O ambiente violento que os cerca constrange-os a estarem constantemente associados a essa realidade, mesmo sem desejar envolver-se nela, como Genilson Dias, 13 anos, que nos relata sentir-se incomodado com algumas declarações que fazem a seu respeito na comunidade, devido ao fato de ser primo de Tiago Dias, surfista morto e acusado de envolvimento com drogas que citamos anteriormente no texto. Esta proximidade torna o

¹²⁰ Juliana S., 14 anos.

jovem alvo constante de acusações de envolvimento com as drogas. É a própria comunidade que o acusa; ela mesma cria e alimenta seus próprios estigmas.

Percebemos por meio dessa pesquisa e através da fala dos nossos interlocutores que a instauração de determinados projetos sociais de iniciativa particular na comunidade tem contribuído para uma melhora na qualidade e vida dos seus beneficiários. Eles servem de apoio à comunidade e tentam fazer de um espaço de ausências um campo de lutas e resistências cotidianas aos apelos da criminalidade, tendo como ferramenta de inclusão a internet, o inglês e o surfe, que surgem também como seus maiores atrativos. Os projetos sociais da comunidade citados pelos jovens¹²¹ têm se transformado em espaço multidimensional de inclusão sociocultural, introduzindo novas formas de sociabilidade e interação que terminam por introduzir nos jovens e na comunidade novas formas de sociabilidades. A ideia de transformar seus beneficiários em “gente”, educando-os na moral do lema “homem de bem” - pessoas capazes de usufruir plenamente de sua cidadania - é compartilhada pelos jovens e seus familiares, os quais apoiam e incentivam a participação dos seus jovens nos projetos.

Torna-se necessário esclarecer que o “ser gente” é uma expressão nativa dos moradores do Titanzinho, uma expressão recorrente na fala de alguns dos responsáveis pelos jovens pesquisados. Eles afirmam que querem que seus filhos e/ou netos, se tornem no futuro “pessoas de bem”, que eles sejam “gente” no sentido de ser cidadão, ter um emprego e terem sua imagem desassociada do crime. Tal ideia também é compartilhada pelos jovens, porém, estes associam o “ser gente” não apenas ao sentido de cidadania exercida, mas também o associam à uma melhor condição de vida econômica, sendo o “ser gente” para eles uma representação da melhora na condição financeira. É nesse momento o desejo de consumo que os motiva, desejo de estarem na moda, na onda do momento, de terem seus celulares, suas pranchas, e passarem a ser vistos como indivíduos. Assim, buscam desvincular sua imagem do estado de pobreza no qual se encontram. Esta visão do “ser gente” expressa pelos jovens é observada por Silva *et al.* (2009), que afirmam ser nossa cultura contemporânea responsável por nos trazer à tona o desejo de sermos sempre jovens, diminuindo os laços afetivos e familiares, aumentando os desejos de consumo constante e extrapolado. Esta cultura que nos estimula ao consumo é a mesma que fala entre meias palavras que para ser é necessário ter. Isso se reflete também na vida dos jovens surfistas do Titanzinho, que

¹²¹ O Instituto Povos do Mar (IPOM) e a Escola Beneficente de Surfe Titanzinho (EBS Titanzinho).

buscam ter condição financeira para “ser gente”, aparecer, mostrar seu surfe para o mundo e se manifesta não apenas nos desejo de compra, mas também nos comportamentos, costumes, na forma de vestir e se mostrar, de falar, de estar em grupo, e, principalmente, na busca pelo compartilhamento de suas ideias pelas redes sociais, como o *Facebook*, pois, de acordo com Silva *et al.* (2009), este é um conjunto social de atitudes e expressões

No entanto, segundo os jovens entrevistados, esta mesma ideia de “ser gente” ligada à obtenção de melhor condição financeira é, segundo relatos deles, também compartilhada com alguns traficantes e/ou criminosos do bairro, que buscam uma melhoria de vida e até vivem com certo conforto, e por meio disso têm alcançado certo *status* social dentro da comunidade, dando ainda oportunidade aos jovens de conseguir, mesmo que de forma ilícita, a tal melhoria de vida. Contudo, como afirma Genilson, um dos entrevistados: “[...] é que tudo que eles têm é por causa das drogas, eles tem carro, moto” (informação verbal)¹²². Observamos que por este motivo surge outra lógica sobre o “ser gente”, pois alguns jovens passam a querer se associar não mais à imagem do cidadão trabalhador, mas buscam no crime e nas drogas a ascensão econômica e *status* desejados.

Por fim, percebemos que a experiência dos jovens com a internet, pelas redes sociais, embaralha-se com outras referências obtidas no seu dia a dia na rua, no bairro, no contato com a criminalidade; mistura-se com seu desejo de consumo e de pertencimento ao grupo, criando verdades próprias para, deste modo, formar sua individualidade, pois, como afirma Néstor Canclini,

Hoje vemos os processos de consumo como algo mais complexo do que a relação entre meios manipuladores e dóceis audiências. Sabe-se que um bom número de estudos sobre comunicação de massa tem mostrado que a hegemonia cultural não se realiza mediante ações verticais, onde os dominadores capturariam os receptores: entre uns e outros se reconhecem mediadores como a família, o bairro e o grupo de trabalho (CANCLINI, 1996, p. 51).

Nesse sentido, a ideia disseminada de que os receptores de informações midiáticas agiriam de forma passiva, assimilando tudo que é noticiado como verdade, desfaz-se. Os jovens analisados demonstram que selecionam os conteúdos informativos, assim

¹²² Genilson D., 13 anos.

como as notícias que leem na internet, demonstrando que, na maioria das vezes, as percepções que eles possuem sobre as imagens difundidas sobre eles através da exposição do bairro e dos seus ídolos, principalmente em relação aos estereótipos vinculados a eles, são percebidas no momento em que têm contato com pessoas que moram em outros lugares. Quando procuram por informações na internet, eles não objetivam os aspectos negativos do lugar, pois afirmam perceber isto no cotidiano, buscam na internet informações, imagens que mostrem o surfe e os aspectos positivos da comunidade. Não quero com isso dizer que os jovens surfistas não leem notícias com conteúdos negativos sobre a Titanzinho, mas o acesso a tais informações acontece através do próprio cotidiano e muitas vezes ocasionalmente, já que os sites de surfe publicam vez ou outra algo sobre a violência na comunidade.

A mídia está presente rotineiramente na vida dos jovens; ela é presença indissociável no cotidiano e se torna, assim, uma dimensão fundamental da experiência contemporânea. Para Elizabeth Rondelli (2000), a mídia produz discursividade. A maneira como ela narra e produz informações constitui sentidos sobre o real descrito e “Deste real ela nos devolve, sobretudo, imagens ou discursos que informam e conformam este mesmo real” (RONDELLI, 2000, p.150). Suas influências se manifestam através da internet, tomando forma no acesso às informações de *blogs*, *sites* que abordam o surfe e, principalmente, na interação com outros jovens através do *Facebook*. Portanto, reafirmamos a ideia de Silva J.C. e Silva H.L., (2013) de que as influências da mídia são visíveis nas expressões de juventude dos surfistas do Titanzinho, mas também são notáveis as misturas; ou seja, as criações próprias que trocam e reconfiguram as imagens estereotipadas e veiculadas na mídia. Os processos midiáticos usam de suas imagens visuais para nortear o desejo de consumo e direcioná-lo ao público jovem; eles são a base fundamental de todo o comportamento juvenil. Importa saber que a imagem é um capital importante no processo de cognição humana e forma a primeira etapa de funcionamento da mente, antes mesmo que a fala seja processada.

Um dos pontos centrais neste estudo é a percepção de que todos os entrevistados se classificam por serem consumidores jovens zapeadores, desde a infância são adaptados ao uso das mídias, da internet principalmente; ou seja, não conheceram o mundo sem a existência do computador ou do telefone celular. São jovens que usam a imagem midiática, as redes sociais, os celulares e seus aplicativos vários, como

principal meio de veicular informações e para comunicar-se com o mundo. Eles são a parcela da aquela que possui a grande habilidade de ‘zapear’, habilidade de mudança rápida e repetidamente de um canal de televisão ou de uma aba na internet com o intuito de encontrar algo interessante para ver ou ouvir e a mídia usa disso muito a seu favor para atrair esses jovens àquilo que estão ofertando, comunicando, anunciando, seja isso um produto, uma moda, uma notícia, uma ideia.

Portanto, apesar de toda a violência, apesar do meio ser a eles desfavorável, encontramos ali jovens de coragem e de força, de atitude, jovens que possuem sua autoimagem construída a partir da visão que eles têm do seu meio, do seu pedaço, onde os fatores positivos e negativos interferem diretamente na construção desta imagem. Observamos, porém, que, não obstante esses jovens serem constantes usuários de mídias, mostram através do *Facebook* a paisagem da comunidade, fazem textos falando do Titanzinho, usam as mídias para que estas deem voz ao seu próprio discurso. A internet tem um papel central nesse processo, pois foi ela que proporcionou esse diálogo. Desta forma, eles não absorvem tudo o que é mostrado como uma verdade absoluta, mas reconfiguram as informações conforme suas percepções construídas no cotidiano; o que é certo ou errado, envolver-se ou não com as drogas, ser ou não ser “gente”. Enfim, possuem a capacidade de superar seus limites, ou seja, criam e/ou escolhem eles próprios sua individualidade, o seu caminho, são propensos a buscarem nas redes sociais aquilo que os atrai e, apesar de serem nativos de uma comunidade estigmatizada pela pobreza e pela criminalidade, buscam no surfe um meio para seguir e construir seu mundo, seus sonhos, seus objetivos de vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Alzira Alves de. Quando eles eram jovens revolucionários. In: VIANNA, Hermano. (Org.). **Galeras Cariocas**: territórios de conflitos e encontros culturais. RJ: Ed. UFRJ, 1997.

ALMANAQUE DAS DROGAS. Disponível em: <<http://almanaquedasdrogas.com>>. Acesso em: 10 mar.2013

ALMEIDA, Rosemary de Oliveira; XAVIER, Natalia Pinheiro. Juventude e segurança: a política da pacificação. In: O público e o privado. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas da Universidade Estadual do Ceará**. Fortaleza: EdUECE, N° 4, p.125-140, jul./dez.2004. ISS: 15195481.

ALVES, Marco A. de Andrade; FREITAS, Geovani Jacó. A inversão das vozes: narrativas sobre o Grande Bom Jardim. In: ARAGÃO, Elisabeth F.; FREITAS, Geovani J. (Org.). **Fortaleza e Suas Tramas: Olhares sobre a cidade**. Fortaleza: Ed.UECE, 2008.

BARBOSA, Christian. As gerações de produtividade. In: BARBOSA, Christian; CERBASI, Gustavo (Orgs). **Mais tempo mais dinheiro: estratégias para uma vida mais equilibrada**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2009.

BARREIRA, César. **Cotidiano despedaçado: cenas de uma violência difusa**. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2008.

BENILTON JÚNIOR, Bezerra. Pobreza, agressividade e consumo: três observações sobre a violência no Brasil. In: FEGHALI, Jandira; MENDES, Candido. (Orgs.). **Reflexões sobre a violência urbana: (In)Segurança e (Des)Esperanças**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006, p.43- 59.

BERGER, Peter L; LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade**. 22ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

BETH, Hanno / PROSS, Harry. **Introducción a la ciencia de la comunicación**. Barcelona: Anthropos, 1990.

BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas, SP: Papirus, 1996.

_____. **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena Küner. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

_____. O mercado dos bens simbólicos. In: MICELI, Sérgio. (Org.). **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 99-181.

_____. **A Distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2008.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma História Social da Mídia: De Gutenberg à Internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

CASTORIADIS, C.. **A instituição imaginária da sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 1991.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. O Nativo Relativo. In: **Mana**. Vol.8, Nº.1, p.113-148. Rio de Janeiro, abril/2002.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Edusp, 2000.

CEARÁ SURF. Disponível em: <<http://www.cearasurf.com.br/>>. Acesso em: 07 ago. 2013.

CENTRO URBANO DE CULTURA, ARTE, CIÊNCIA E ESPORTE CHE GUEVARA. Disponível em: <<http://cucacheguevara.blogspot.com/p/cuca.html>>. Acesso em: 15 set. 2013.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 3ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CLIFFORD, James. Sobre a autoridade etnográfica. IN: **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

CONTRERA, Malena Segura. **Mídia e pânico: saturação da informação, violência e crise cultural na mídia**. São Paulo: Annablume, 2002.

DIÓGENES, Glória. **Cartografia da cultura e da violência: gangues, galeras e o movimento Hip Hop**. 2ª Ed. São Paulo: Annablume, 2008.

DOCAS DO CEARÁ AUTORIDADE PORTUÁRIA: Disponível em: <<http://www.docasdoceara.com.br/>>. Acesso em: 10 fev. 2013.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

ENZENSBERGER, Hans Magnus. **Elementos para uma teoria dos meios de comunicação**. São Paulo: Conrad Livros, 2003.

GLOBO ESPORTE. **Celeiro do surfe nacional, comunidade do Titanzinho enfrenta dificuldades**. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/programas/esporte-espetacular/noticia/2011/08/celeiro-do-surfe-nacional-comunidade-do-titanzinho-enfrenta-dificuldades.html>>. Acesso em: 23 ago. 2011.

FREIRE, Marcelo. Hipótese do efeito de terceira pessoa: aplicações e aproximações teórico-metodológicas. In: **Revista PJ:BR- Jornalismo Brasileiro**, Revista vinculada à Universidade de São Paulo. São Paulo, n 11, fev./2009. ISSN: 18062776. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/editorial11.htm>> Acesso em: 20 fev. 2014.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 23ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

GITLIN, Todd. **Mídias sem limite**: como a torrente de imagens e sons domina nossas vidas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

GOFFMAN, Erving. **A Representação do Eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. 18ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2011a.

_____. **Ritual de interação**: Ensaios sobre o comportamento face a face. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011b.

_____. **Estigma**: notas sobre a manipulação de identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

GONÇALVES, Janayde. **Esforço e mobilização das comunidades**. Disponível em: <<http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=779939>>. Acesso em: 10 nov. 2011.

GURJÃO, André. **Quando o mar insiste em ser sentimento**. Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br/overblog/quando-o-mar-insiste-em-ser-sentimento>>. Acesso em: 07 ago. 2007.

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARA. Disponível em: <<http://www.ipece.ce.gov.br/>>. Acesso em: 12 jun. 2014.

INTITUTO TERRAMAR. **Organizações populares do Serviluz repudiam estaleiro**. Disponível em: <<http://sispub.oktiva.com.br/oktiva.net/1320/nota/158550>>. Acesso em: 20 abr. 2012

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. Tradução: Susana Alexandria. 2ª Ed. São Paulo: Aleph, 2009.

KAISER, Millos. Tita Tavares: Apenas alguns centímetros e um til separam a surfista de ser um titã. In: **Revista TPM**. ISSN: 15194035. Disponível em: <<http://revistatpm.uol.com.br/revista/127/perfil/tita-tavares.html#6>>. Acesso em: 08 maio 2013.

LEGROS, Patrick; MONNEYRON, Frédéric; RENARD, Jean-Bruno, TACUSSEL, Patrick. Tradução Eduardo Portanova Barros. **Sociologia do Imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 18ªed. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

MACIEL, Camila. **Projeto de inclusão digital leva oportunidades de profissionalização a jovens carentes de Fortaleza**. Disponível em: <<http://www.comunidadessegura.org/es/node/48419>>. Acesso em: 10 fev. 2013

MALINOWSKI, Bronislaw. **Os Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultura, Coleção Os Pensadores, 1978.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Quem manipula quem? Poder e massas na indústria da cultura e da comunicação no Brasil**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

_____. **O Escavador de silêncios:** Formas de construir e de desconstruir sentidos na comunicação. São Paulo: Paulus, 2004.

MARINHO, Camila Holanda. Marcas do tempo: relatos sobre a morte e o luto para jovens viúvas da violência. In: BARREIRA, Irlys; BARREIRA, César (Orgs.). **A juventude e suas expressões plurais.** Fortaleza: Edições UFC, 2009.

MCLUHAN, Marshall. **Os Meios de Comunicação Como Extensões do Homem.** Tradução Décio Pignatari. São Paulo: Ed.Cultrix, 1964.

MINAYO, Maria Cecília de S. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: MINAYO, Maria Cecília de S.; GOMES, Romeu; DESLANDES, Suely Ferreira. (Org.). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 61- 77.

MISSE, Michel. **A construção social do crime no Brasil.** Rio de Janeiro: 1999.

_____. A violência como sujeito difuso. In: FEGHALI, Jandira; MENDES, Candido. (Orgs.). **Reflexões sobre a violência urbana:** (In)Segurança e (Des)Esperanças. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006, p.19-31.

_____. (Org.) **Acusados e acusadores:** estudos sobre ofensas, acusações e incriminações. Rio de Janeiro: Revan, 2008.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita:** repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução Eloá Jacobina. 8ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. **Introdução ao pensamento complexo.** Tradução Eliane Lisboa. 4ª Ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

MOSCOSO, Lina. **A simplicidade do Serviluz.** Disponível em: <<http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=734403>>. Acesso em: 29 de jul. 2011.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais:** investigações em psicologia social. Rio de Janeiro, Vozes, 2007.

NOVAES, Regina. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, M. e EUGENIO, F.(Orgs.). **Culturas Jovens**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O Trabalho do antropólogo**. Brasília: UnB, 1998.

PABLO PAULINO. Disponível em: <<http://pablopaulino.com.br/>>. Acesso em: 07 ago. 2013.

PINHEIRO, Ângela. **Criança e Adolescente no Brasil**: Porque o abismo entre a lei e a realidade. Fortaleza: Editora UFC, 2006.

PREFEITURA DE FORTALEZA. Disponível em: <<http://www.fortaleza.ce.gov.br/>>. Acesso em: 12 nov. 2011.

REVISTA 360 GRAUS. Disponível em: <<http://360graus.terra.com.br/>>. Acesso em: 11 jan. 2014.

RODRIGUES, Laécio Ricardo de Aquino. Norbert Elias por ele mesmo. Resenha. In: **Revista de Ciências Sociais**: Trabalho, trabalhadores e dinâmicas Institucionais. UFC. Volume 34, número 1, 2003. INSS: 00418862.

RONDELLI, Elizabeth. Imagens da violência e práticas discursivas. In: PEREIRA, Carlos Alberto Messeder; RONDELLI, Elizabeth; SCHOLLHAMMER, Karl Erik; HERSCHMANN, Micael. (Orgs.). **Linguagens da Violência**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p. 144-162.

SÁ, Leonardo Damasceno de. Reflexões sobre o trabalho de campo como empreendimento micropolítico. In: MENDONÇA FILHO, Manoel; NOBRE, Maria Teresa. (Orgs.). **Política e afetividade**: narrativas e trajetórias de pesquisa. Salvador/São Cristóvão: EDUFBA/EDUFES, 2009.

SALES, Mione Apolinario. **(In)visibilidade Perversa**: Adolescentes infratores como metáfora da violência. São Paulo: Cortez, 2007.

SENNETT, Richard. **Juntos**: Os rituais, os prazeres e a política da cooperação. Rio de Janeiro: Record, 2012.

SILVA, Hélio R. S. *A Situação etnográfica: andar e ver*. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 32, 2009.

SILVA, Hélida Lopes da. Escola Beneficente de Surf Titanzinho: a busca do “ser gente”. In: **I Colóquio Internacional Diálogos Juvenis**: diminuindo distâncias entre narradores e pesquisadores. Fortaleza, 2012. Disponível em: <http://www.lajusufc.org/coloquio/pdf/GT3/HELida-Lopes-da-Silva.pdf> Acesso em: janeiro de 2013. Hora:12:10.

SILVA, J. C.; NEVES, T. T.; L. Jovens: imagens de presença e ausência na cultura. In: Maria da Conceição de Almeida; Alexsandro Galeno Dantas. (Org.). **Ensaio de complexidade 3**. 1ª Ed. Natal: Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais; EDUFRN, 2012, v. 1, p. 40-52.

SILVA, Josimey Costa da; SILVA, Hélida Lopes da. **Expressões e Percepções da Violência na Formação das Subjetividades Juvenis**. Chile, 2013. Disponível em: http://actacientifica.servicioit.cl/biblioteca/gt/GT22/GT22_HelidaLopes_JosimeyCosta.pdf. Acesso em: fev. 2014.

SILVERSTONE, Roger. **Porque estudar a mídia?** 2ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

SIMMEL, Georg. A natureza sociológica do conflito. In: FILHO, Evaristo de Moraes. **Sociologia**. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1983.

SOARES, Luiz Eduardo. **Meu casaco de general**. Quinhentos dias no *front* da segurança pública do Rio de Janeiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. Juventude e Violência no Brasil Contemporâneo. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo. (Orgs.). **Juventude e Sociedade**: trabalho, educação, cultura e participação. 1ª Reimpressão. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo: Instituto Cidadania, 2006.

SODRÉ, M. **Antropológica do espelho**: uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes, 2002.

SOUSA, Luiza Eridan Elmiro Martins de; ALMEIDA, Rosemary de Oliveira. Sob o Signo do medo: o significado da Liberdade Assistida na vida de adolescentes em conflito com a lei. In: **Revista PLURAL**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.18.2, 2011. ISSN: 21768099.

SURF INGLESES. **História do Surf**. Disponível em:
<<http://www.surfinglese.net/historia.html>>. Acesso em: 15 ago. 2011.

TAKEUTI, Norma Missae. **No outro lado do espelho: a fratura social e as pulsões juvenis**. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Natal, RN: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2002.

TITANZINHO DIGITAL. Disponível em: <<http://blogtitanzinhodigital.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 15 jan. 2014.

TRIBUNA DO CEARÁ. **Briga entre gangues e tiroteio: PM caça acusados**. Disponível em: <<http://tribunadoceara.uol.com.br/noticias/video/briga-entre-gangues-e-tiroteio-pm-caca-acusados/>> Acesso em: 23 jan. 2012.

TRIVIÑOS, A.N.S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ. **Cartografia da Criminalidade e da violência na Cidade de Fortaleza**. Fortaleza, 2010. Disponível em:
<http://www.uece.br/covio/dmdocuments/relat%C3%B3rio_final.pdf> Acesso em: 15 jun. 2011.

WACQUANT, Loïc. O Retorno do Recalcado: violência urbana, “raça” e dualização em três sociedades avançadas. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Nº 24, ano 9, fevereiro/1994.

_____. **Os condenados da cidade**. Rio de Janeiro: Revan, FASE, 2001.

_____. **As prisões da miséria**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2011.

WASELFISZ, Julio Jacobo. Homicídios e juventude no Brasil. In: **Mapa da Violência 2013**. Secretaria Nacional de Juventude. Brasília, 2013. Disponível em:
<http://www.mapadaviolencia.org.br/mapa2013_jovens.php>. Acesso em: 26 fev. 2014

WIEVIORKA, Michel. O Novo Paradigma da Violência. In: **Revista Tempo Social**, São Paulo: USP, 9(1): 05-38, 1997. ISSN: 01032070.

ZALUAR, Alba. **A máquina e a revolta:** as organizações populares e o significado da pobreza. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ZALUAR, Alba. **Integração Perversa:** pobreza e tráfico de drogas. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ANEXOS

ANEXO A- LISTA DE ENTREVISTADOS E INFORMANTES

André Silva, 17 anos.

Davi da Silva Sobrinho, 16 anos.

Leticia Narciso de Oliveira, 14 anos.

Luzia Dias, 14anos.

Juliana dos Santos Sousa, 14 anos.

Genilson Dias de Oliveira, 13 anos.

Israel Rodrigues, 32 anos.

João Carlos Sobrinho, Fera, 45anos.

Pedro Fernandes, 30 anos.

ANEXO B - LISTA DE LOCAIS VISITADOS

Avenida Zezé Diogo, Cais do Porto (Serviluz), 60180-000.

Avenida Leite Barbosa, Cais do Porto (Serviluz), 60180-420.

Rua General Murilo Borges, Cais do Porto (Serviluz), 60180-010.

Rua Titã, Cais do Porto (Serviluz), 60180-190.

Rua Brizamar, Cais do Porto (Serviluz), 60180-220.

Rua Vereador José Monteiro, Cais do Porto (Serviluz), 60180-120.

Rua Deputado Flávio Marcilio, Cais do Porto (Serviluz), 60180-040.

Rua Ponta Mar, Vicente Pinzón (Serviluz), 60181-210.

Escola Beneficente de Surfe Titanzinho, Rua Ponta Mar Nº 15, Vicente Pinzón (Serviluz), 60181-210.

Praça São Francisco, Vicente Pinzón (Serviluz), localizada entre as ruas Zezé Diogo, Cais do Porto (Serviluz), 60180-005; Ernesto Igel, Cais do Porto (Serviluz), 60180-425 e Professor Henrique Firmeza, Cais do Porto (Serviluz), 60180-760.

ANEXO C - LISTA DOS *SITES* ACESSADOS

Almanaque das drogas: <<http://almanaquedasdrogas.com>>

Blog do Atleta Pablo Paulino: <<http://pablopaulino.com.br/>>

Blog Overmundo: <<http://www.overmundo.com.br/overblog/quando-o-mar-insiste-em-ser-sentimento>>

Blog Titanzinho Digital: <<http://blogtitanzinhodigital.blogspot.com.br/>>

Ceará Surf: <<http://www.cearasurf.com.br/>>

Centro Urbano de Cultura, Arte, Ciência e Esporte- CUCA:
<<http://cucacheguevara.blogspot.com/p/cuca.html>>

Comunidade Segura: <<http://www.comunidadesegura.org/es/node/48419>>

Docas do Ceará Autoridade Portuária: <<http://www.docasdoceara.com.br/>>

Globo Esporte: <<http://globoesporte.globo.com/>>

Instituto Terramar: <<http://sispub.oktiva.com.br/oktiva.net/1320/nota/158550>>

Jornal Diário do Nordeste: <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/>>

Jornal O Globo: <<http://oglobo.globo.com/>>

Jornal Tribuna do Ceará: <<http://tribunadoceara.uol.com.br/>>

Prefeitura de Fortaleza: <<http://www.fortaleza.ce.gov.br/>>

Revista TPM: <<http://revistatpm.uol.com.br/>>

Revista 360 graus: <<http://360graus.terra.com.br/>>

Surf Ingleses - Escola de Surf em Floripa: <<http://www.surfingleses.net/historia.html>>

Universidade Estadual do Ceará: <<http://www.uece.br/uece/>>

YouTube: <<http://www.youtube.com/>>

ANEXO D - MODELO DO QUESTIONÁRIO

PERCEPÇÕES DA VIOLÊNCIA E

EXPRESSÕES DA SUBJETIVIDADE JUVENIL EM FORTALEZA/CE

1. IDENTIFICAÇÃO

Questionário N°: _____

Data: ____/____/2013

PICO:

Entrevistado(a)

USO INTERNO

Nome completo: _____

Apelido: _____

P1. Sexo: (ANOTE SEM PERGUNTAR)

1. Masculino

2. Feminino

P2. Idade:

Endereço Residencial:

Bairro: _____

° **Por quais meios midiáticos eles tomam conhecimento das notícias vinculadas sobre o bairro:**
(internet, *blogs*, revistas, TV etc.).

P3. Estuda? 1.Sim 2. Não

Onde? Que série?

P4. Você tem alguma atividade remunerada?

1. Sim

2. Não

P5. (SÓ SE SIM NA P6) Que atividade(s) você exerce? Mais alguma?

P6. Mora com seus pais? Se não, Com quem mora? _____

1. Sim 2. Não

2. JUVENTUDE e PROJETOS SOCIAIS

PROJETOS SOCIAIS

P7. O que você acha sobre os projetos sociais na comunidade?

P8. Você conhece algum projeto social no Titanzinho? Qual?

P9. Você já fez ou faz parte de algum projeto social do Titanzinho? Qual?

P10. Quanto tempo durou e como foi sua participação?

JUVENTUDE

P11. O que é SER JOVEM para você? (O que faz, como se comporta, que lugares frequenta?)

P.11-1. Você é esse jovem? (As ações do cotidiano são como as que queria ter?)

3. HABITAÇÃO E ESTILO DE VIDA

➡ **SÓ PARA QUEM DISSE QUE TRABALHA (P4)**

SE NÃO TRABALHA (P4) PULE PARA P16

P12. Por que começou a trabalhar? (**REFIRA-SE À ATIVIDADE REMUNERADA**) (**RM**)

1. Para ajudar em casa
2. Para comprar minhas próprias coisas
3. Para ser independente
4. Para me ocupar
5. Meus pais exigiram/me obrigaram

Outro. Qual? _____

P13. Com que idade você começou a trabalhar? (**RU**)

P14. Geralmente o que você faz com o seu dinheiro? Das alternativas que vou ler, qual ou quais melhor se encaixam no seu caso: (**RM**) (**LER ALTERNATIVAS**)

1. Ajudo nas despesas da família com parte do meu salário.
2. Ajudo nas despesas da família com todo meu salário.
3. Não preciso ajudar minha família e fico com todo meu salário.
4. Não quero ajudar minha família e fico com todo meu salário.
5. Minha família não quer que eu ajude com meu salário.
6. Divido meu salário com meu/minha namorado(a).
7. Divido meu salário com outra pessoa.

P15. Geralmente, você gasta seu dinheiro com que? Mais alguma? **(RM)**

- | | |
|--|-------------------------------------|
| 1. Alimentação | 11. Faculdade/Escola |
| 2. Aluguel | 12. Filmes |
| 3. Baladas | 13. Filmes (VHS/DVD) |
| 4. Bebida | 14. Investimentos (bancários) |
| 5. Calçados | 15. Jogos (Fliperama/Games/Apostas) |
| 6. CDs | 16. Livros |
| 7. Cigarro | 17. Revistas |
| 8. Contas (Água/Luz) | 18. Roupas e acessórios |
| 9. Cuidados Pessoais (cabeleireiro/manicure) | 19. Saúde |
| 10. Drogas | 20. Transporte |
| | Outros. O quê? _____ |

➡ **PARA TODOS**

P16. Qual estilo de roupa gosta de usar. Você se identifica com que estilo?

- | | | |
|-------------------|---------------------------|------------------------|
| 1. <i>Rappers</i> | 6. Roqueiro | 11. Forrozeiro |
| 2. Pagodeiro | 7. Moderno | 12. Outro. Qual? _____ |
| 3. Funkeiro | 8. <i>Hippie</i> | |
| 4. Surfistas | 9. Básico | |
| 5. Skatistas | 10. Mauricinho/Patricinha | |

P17. No momento de conhecer alguém (seja na paquera ou na amizade), qual estilo você prefere?

- | | | |
|-------------------|---------------------------|------------------------|
| 1. <i>Rappers</i> | 6. Roqueiro | 11. Forrozeiro |
| 2. Pagodeiro | 7. Moderno | 12. Outro. Qual? _____ |
| 3. Funkeiro | 8. <i>Hippie</i> | |
| 4. Surfistas | 9. Básico | |
| 5. Skatistas | 10. Mauricinho/Patricinha | |

P18. Independente do estilo de roupa que você gosta de usar, qual estilo de música você gosta de ouvir?

- | | |
|------------------|------------------------|
| 1. <i>Rock</i> | 6. Axé |
| 2. MPB | 7. Swingueira |
| 3. <i>Reggae</i> | 8. <i>Hip Hop</i> |
| 4. <i>Techno</i> | 9. <i>Surf Music</i> |
| 5. Forró | 10. Outro. Qual? _____ |

4. VIOLÊNCIA

P19. Em sua opinião, nos últimos 3 anos, na cidade de Fortaleza, a violência: **(RU)**

1. Aumentou 2. Diminuiu 3. Permaneceu Igual

20. Na sua opinião, quem são os principais responsáveis pela violência atual? Mais algum? (Até 3)

- | | |
|---------------------|---------------------|
| 1. Criminosos | 7. Pobres |
| 2. Escola | 8. Polícia |
| 3. Governos | 9. Políticos |
| 4. Igreja/Religiões | 10. Ricos |
| 5. Jovens | 11. Sociedade |
| 6. Mídia | Outros. Quem? _____ |

P21. Na sua opinião, quem deve combater a violência? Mais algum? (Até 3)

- | | |
|-------------------|-----------------------|
| 1. Governos | 7. Sociedade |
| 2. Mídia | 8. Jovens |
| 3. Cada um por si | 9. Polícia |
| 4. Escola | 10. Políticos |
| 5. ONG's | 11. Igrejas/Religiões |
| 6. Comunidade | Outros. Quem? _____ |

P22. Em sua opinião, nos últimos anos, no Titanzinho, a violência:

1. Aumentou 2. Diminuiu 3. Permaneceu igual

P23. Você já presenciou algum ato de violência? 1.Sim 2.Não>**PPP30**

P24. Indique 3 atos já presenciados (se tiver)

Ato 1: _____
 Ato 2: _____
 Ato 3: _____

P25. Com que frequência você presencia atos de violência deste tipo? (Diariamente, semanalmente etc)

P26. Onde aconteceu este(s) ato(s) de violência? **(No próprio bairro ou em outro lugar?)**

P27. Em que lugar aconteceu? (Via pública:praça, rua etc/ Residência/ Instituição de ensino: escola, faculdade etc/ Área de lazer/ Trabalho/ Estabelecimento comercial: banco, lojas etc)

P28. Quem praticou o ato? **(Não precisa ser nomes, mas características: jovem, adulto, morador do bairro ou não, surfista, mendigo, envolvido com droga etc.)**

P29. Quem sofreu o ato? **(Não precisa ser nomes, mas características: jovem, adulto, morador do bairro ou não, surfista, mendigo, envolvido com droga etc.)**

P30. Você (ou algum familiar ou conhecido) já sofreu algum ato de violência? 1.Sim 2.Não>**PP36**

P31. Com que frequência você sofre atos de violência deste tipo? (Diariamente, semanalmente etc)

P32. Onde aconteceu este(s) ato(s) de violência? (**No próprio bairro ou em outro lugar?**)

P33. Em que lugar aconteceu? (Via Pública:praça, rua etc/ Residência/ Instituição de ensino: escola, faculdade etc/ Área de lazer/ trabalho/ estabelecimento comercial: banco, lojas, etc).

P34. Quem praticou o ato? (**Não precisa ser nomes, mas características: jovem, adulto, morador do bairro ou não, surfista, mendigo, envolvido com droga etc.**)

P35. Qual foi sua reação/sentimento?

P36. Algum grupo de que você participa já se envolveu em atos de violência que foram notificados pelos meios de comunicação? 1. Sim 2.Não>**PP42**

P37. (SÓ SE SIM NA P36) Que tipo de ato de violência? Mais algum? Qual meio?

Ato 1. _____

Ato 2. _____

Ato 3. _____

P38. Com que frequência este grupo se envolve em atos de violência deste tipo? (Diariamente, Semanalmente, etc)

P39. Onde aconteceu este(s) ato(s) de violência? (**No próprio bairro ou em outro lugar?**)

P40. Em que lugar (es) aconteceu? (Via Pública: praça, rua etc/ Residência/ Instituição de ensino: escola, faculdade etc/ Área de lazer/ trabalho/ estabelecimento comercial: banco, lojas etc)

P41. Este ato de violência teve que tipo de consequência para o grupo? (Perseguição, punição, repúdio etc)

P42. Algum grupo de que você participa já se envolveu em ações de combate à violência?

1.Sim 2. Não> **PPP44**

P43. (SÓ SE SIM NA P42) Como?

P44. Você costuma a ver notícias de violência no Serviluz? 1.Sim 2.Não>**PPP49**

P45. Qual sua reação/sentimento diante das notícias sobre violência no Serviluz?

P46. De que maneira você sabe sobre esse tipo de violência?

P47 Cite até 3 exemplos de meios de comunicação onde você vê tais notícia:

1. _____

2. _____

3. _____

P48. Com que frequência você vê/ ouve esse tipo de notícia? Quantas vezes?

5. COTIDIANO E LAZER

SÓ PARA QUEM ESTUDA

P49. O que mais gosta de fazer na sua escola?

P50. Quanto tempo por dia você dedica aos estudos (fora do período obrigatório de aula)?

P51. Para que você estuda? _____

SÓ PARA QUEM TRABALHA

P52. O que mais gosta de fazer no trabalho? Cite até 3 atividades

P53. Quanto tempo por dia você dedica a(s) atividade(s) de trabalho?

PARA TODOS

LAZER

P54. O que você faz para se divertir/*hobby*?

P55. Nas suas atividades de lazer você costuma ir a bairros diferentes do seu? 1.Sim 2.Não

P55-1. Em sua comunidade quais são os pontos preferidos de encontro dos jovens?

P56. Quanto tempo por semana você dedica a atividades de diversão?

P57. Você costuma fazer atividades de lazer e diversão com seus familiares? 1.Sim 2.Não

P58. (SÓ SE SIM NA P57) Quando você se diverte com familiares, o que fazem? Cite até 3

1. _____
2. _____
3. _____

P59. Quando você se diverte com seus amigos, o que fazem? Cite até 3

1. _____
2. _____
3. _____

DIA-DIA

P60. Você gosta do seu dia-a-dia? 1.Sim 2.Não

P61. Quais são as atividades mais agradáveis do seu dia-dia? Cite 3

P62. Quais são as atividades mais desagradáveis do seu dia-dia? Cite 3.

6. SURF, TITANZINHO E INTERNET

P63. Você gosta de surfar? (**OBSERVAR O MODO COMO RESPONDEM E A REAÇÃO FACIAL**)

Há quanto Tempo Surfa?

P64. O que é o Surf significa você?

P65. Você Gosta de Surfar sozinho? Porque? 1. Sim 2. Não

P66. Sobre o que se conversa dentro do mar?

P67. Além do surfê você pratica algum outro esporte? 1.Sim 2.Não>**PP70**

P68. (SÓ SE SIM NA P67) Qual esporte você pratica? Mais algum (Até 3)

P69. (SÓ SE SIM NA P67) Qual seu esporte preferido?

TITANZINHO

P70. Qual o melhor Pico de surfe do Serviluz? _____

P71. O que você acha do Titanzinho? _____

P72. Qual sensação você sente ao andar pelas ruas do Titanzinho? (LER AS ALTERNATIVAS)

- | | |
|-------------|---------------------|
| 1. Medo | 5. Indignação |
| 2. Alegria | 6. Ansiedade |
| 3. Tristeza | 7. Carinho |
| 4. Revolta | Outras. Qual? _____ |

P73. Vou ler algumas afirmações de alguns sites que falam sobre o Titanzinho e gostaria que você me dissesse se concorda ou não e por quê (Onde 1 significa que ele concorda totalmente e 2 que discorda totalmente)

1. O Titanzinho é celeiro de grandes atletas, mas é um bairro com índices de criminalidade altíssimo se <u>tornando altamente violento</u> ¹²³	1	2
2. A comunidade do Titanzinho é considerada um berço do surfe em Fortaleza.	1	2
3. Como todo o país, como o mundo, a droga e a violência têm tentado dominar ¹²⁴ .	1	2
4. O bairro não possui uma viatura exclusiva do Ronda do Quarteirão. ¹²⁵	1	2
5. Pessoas de outros bairros têm medo de frequentar o Titanzinho	1	2
6. O bairro não possui problemas na rede de esgoto e possui esgotos a céu aberto	1	2

INTERNET

P74. Independente de ter computador na sua casa, você utiliza a internet? 1.Sim 2.Não>**PP79**

P75. (SÓ SE SIM NA P74) Com que frequência você acessa a Internet? (Diariamente, semanalmente etc)

P76. Quando você acessa a internet, aproximadamente quanto tempo você fica conectado por dia?

P77. O que você costuma fazer na internet?

¹²³ Ver: <<http://www.surfbahia.com.br/open/194>>

¹²⁴ Ver: <<http://globoesporte.globo.com/programas/esporte-espetacular/noticia/2011/08/celeiro-do-surfe-nacional-comunidade-do-titanzinho-enfrenta-dificuldades.html>>

¹²⁵ Ver: <<http://www.opovo.com.br/app/colunas/opovonosbairros/2013/09/26/noticiainoticiasopovonosbairros.3136282/cais-do-porto-historia-do-titanzinho-tem-forte-ligacao-com-o-mar.shtml>>

- | | | |
|------------------|--|---------------------|
| 1 Acessar e-mail | 4 Fazer compras | Outras. Qual? _____ |
| 2 Ouvir música | 5 Frequentar salas de bate papo | |
| 3 Ler notícias | 6 Fazer consultas/transações bancárias | |

P78. Você já procurou notícias sobre o Titanzinho? 1. Sim 2. Não

P79. Você já leu notícias sobre o Titanzinho? Onde? 1. Sim 2. Não > **PPP82**

P80. O que falavam? Como você reagiu? (**O QUE ELE SENTIU**)

P81. Você já procurou alguma notícia falando dos surfistas do Titanzinho?

1. Sim 2. Não

P82. Você já leu notícias sobre os surfistas do Titanzinho? 1. Sim 2. Não > **PPP85**

P83. Do que falava tal notícia? O que você sentiu quando a leu?

P84. Você se identificava nas notícias? O que você acha sobre esse tipo de notícias?

P84-1. Que diferença você acha que faz na vida de um jovem de hoje, possuir um computador ou celular conectado à internet?

P84-2. Em sua opinião há uma grande parcela dos jovens da sua comunidade que utilizam a internet para se relacionar com outros jovens?

P85. Você conheceu o Tiago Dias?

P86. Pra você, quem era o Tiago?

P87. Vou ler algumas afirmações de alguns sites¹²⁶ que noticiaram a morte do Tiago Dias e gostaria que você me dissesse se concorda ou não e por quê (Onde 1 significa que ele concorda totalmente e 2 que discorda totalmente)

1. Tiago foi o melhor surfista já visto no Titanzinho.	1	2
2. Thiago foi um dos discípulos da geração de Pablo Paulino, mas a falta de patrocínio o manteve no Titanzinho sem oportunidade de mostrar todo o seu potencial.	1	2
3. O jovem Thiago chamava a atenção pelo seu visual radical e pelos seus voos insanos que ele mandava como poucos.	1	2
4. Conhecido pelas manobras aéreas e arrojadas, Thiago não tinha antecedentes criminais e nem envolvimento com o tráfico de drogas.	1	2

¹²⁶ Ver: <<http://www.cearasurf.com.br/noticianoticias/adeus-thiago-dias>>

5. Você acha que ele é um exemplo a ser seguido.	1	2
--	---	---

PABLO OU TITA?

P88. Você conhece o Pablo Paulino? Já ouviu falar? 1.Sim 2. Não>PPP94

P89. Pra você quem é o Pablo? _____

P90. Ele ainda mora no bairro? 1.Sim 2. Não

P91. (SÓ SE SIM NA P90) Porque você acha que ele ainda mora no Serviluz? _____

P92. Porque você acha que ele se mudou? _____

P93. Vou ler algumas afirmações de alguns *sites* que falam sobre Pablo Paulino e gostaria que você me dissesse se concorda ou não e Por quê? (Onde 1 significa que ele concorda totalmente e 2 que discorda totalmente)

1. Pablo Paulino é o melhor surfista já visto no Titanzinho	1	2
2. As notícias midiáticas sobre Pablo sempre são relacionadas ao surf.	1	2
3. Pablo tem orgulho de dizer que se criou no Titanzinho	1	2
4. Você sempre vê o Pablo surfando no Titanzinho	1	2
5. Você o vê como um exemplo a ser seguido.	1	2

P94. Você conhece a Tita Tavares? Já ouviu falar dela? 1.Sim 2. Não> PPP100

P95. Pra você quem é a Tita?

P96. Ela ainda mora no bairro? 1.Sim 2. Não

P97. (SÓ SE SIM NA P96) Porque você acha que ele ainda mora no Serviluz? _____

P98. Porque você acha que ela se mudou? _____

P99. Vou ler algumas afirmações de alguns *sites* que falam sobre a Tita Tavares e gostaria que você me dissesse se concorda ou não e por quê (Onde 1 significa que ele concorda totalmente e 2 que discorda totalmente)

1. Tita Tavares é a melhor surfista já vista no Titanzinho.	1	2
2. As notícias midiáticas sobre Tita sempre são relacionadas ao <i>surf</i> .	1	2

3. Tita tem orgulho de dizer que se criou no Titanzinho.	1	2
4. Você sempre vê a Tita surfando no Titanzinho.	1	2
5. Você a vê como um exemplo a ser seguido.	1	2

P100. Dentre todas as notícias (que você já viu) veiculadas sobre o titanzinho e seus jovens, surfistas e moradores, com quais você mais se identifica e quais você não acha que condizem com a realidade?

P101. Você se mudaria do Serviluz? Porque?

P102. (Apenas se sim na P101) Continuaría a surfar no Titanzinho?